OS CÁTAROS E A REENCARNAÇÁO

Arthur Guirdham

Tradução: Amadeu António

OS CÁTAROS E A REENCARNAÇÃO

Arthur Guirdham, 1970

À Minha Mulher

PREFÁCIO

É impossível mencionar todos aqueles a quem estou endividado na produção deste livro. Ao escrevê-lo, tive de assumir o papel, para mim invulgar, de estudante de investigação em história. Não poderia ter adquirido todas as informações de que precisava sem a ajuda de outros.

Estou principalmente endividado ao Professor René Nelli, antigo professor de estudos medievais na Universidade de Toulouse, e ao Senhor Jean Duvernoy. Em cartas e encontros ao longo de cinco anos, o Professor Nelli prestou-me um serviço inestimável ao verificar as afirmações feitas pela Sra. Smith nos seus sonhos e revelações. O contacto com ele também me estimulou a aumentar o meu conhecimento e a minha compreensão dos objetivos e da filosofia do catarismo.

Devo uma enorme dívida ao Senhor Jean Duvernoy, cujas obras, juntamente com as do Professor Nelli, estão enumeradas na bibliografia. O Senhor Duvernoy nunca falhou em fornecer-me informações valiosas, particularmente no que diz respeito à estreita relação entre as famílias envolvidas na minha história. No final do verão de 1969, quando visitei o Languedoque, o Senhor Duvernoy não só leu este livro para excluir a possibilidade de erros históricos, como também dedicou a maior parte de três dias a aumentar a minha educação.

A Menina Josette Lamé e Ash Hanson foram imensamente e produtivamente úteis ao comentarem as canções medievais registadas pela Sra. Smith.

Estou também grato à Menina Madge Lovell, que datilografou este livro, pela repetida performance do perpétuo milagre de ler a minha caligrafia, à minha mulher por datilografar inserções intrincadas e notas de rodapé, a Brenda Smith e Quentin Guirdham pela sua revisão do produto final, ao Sr. Ian Macdonald e ao Reverendo K. B. Flenley pela tradução das deposições em latim, e a Peter Pagan e ao pessoal das Bibliotecas de Bath pela sua espantosa persistência e consciência na obtenção, de todo o tipo de fontes, dos livros de que necessitei para as minhas investigações.

Não preciso de dizer que estou endividado à Sra. Smith pelo material bruto notável e abundante com que me forneceu.

1

Embora eu procure sempre escrever a partir da experiência prática, nos meus livros anteriores foi necessário algum raciocínio e interpretação. É, portanto, um alívio escrever sem recorrer a estas duas faculdades. Tudo o que pretendo é contar uma história. Ao fazê-lo, sou poupado até mesmo ao exercício da imaginação. A história que estou a escrever é verdadeira.

Esta não é apenas mais uma história de reencarnação. A justificação para a escrever reside no facto de as suas origens e substância serem únicas. Há tantas narrativas de reencarnação que são memórias pessoais. Tem-se de decidir por si próprio, a partir do conteúdo e do modo de apresentação, se a experiência é válida e o autor uma pessoa de integridade. Noutro tipo de histórias de reencarnação, defeitos e sintomas na vida presente são ligados de forma perfeita a experiências numa existência anterior. Se quisesse, poderia construir a minha história em torno deste tema. Mas o facto de a reencarnação explicar lógica e justamente porque sofremos de determinada maneira nesta vida não é prova da sua veracidade. Porque uma teoria parece razoável ou responde a uma necessidade, não deve torná-la aceitável.

Uma das características marcantes desta história é que eu próprio não tenho qualquer recordação pessoal da minha encarnação, que pode, no entanto, ser situada com precisão na primeira metade do século XIII no Languedoque. Esta foi revelada através dos sonhos e visões de uma paciente. Para considerar as suas experiências como válidas, seria de esperar que ela tivesse conhecimento do modo de vida no Languedoque do século XIII e que o tivesse adquirido por experiência direta, através de visões, sonhos e intuições, sem ter estudado o período ou o assunto.

A maior parte das suas revelações ocorreu há vinte e seis anos, num intenso surto de memória na sua adolescência inicial. Isso deu-lhe um conhecimento detalhado do catarismo, embora até me conhecer ela nem sequer soubesse o nome desta heresia. Adquiriu também uma realização vívida da vida no Languedoque no século XIII. Nem a história medieval nem a literatura eram ensinadas na sua escola. Há vinte e cinco anos, a história e o ritual do catarismo não eram transmitidos a raparigas de treze

anos em escolas secundárias inglesas. O mesmo se aplica hoje. Atualmente, pouco se sabe do catarismo neste país. O seu ritual e prática são conhecidos por poucos sábios e simpatizantes. O número destes era ainda menor há um quarto de século. Nem é, nem nunca foi, prática de raparigas inglesas de treze anos transcreverem os seus pensamentos, visões e sentimentos em francês medieval ou na língua bastante distinta da Língua d'Oc.

Mas tenho ainda uma prova mais importante da realidade da experiência que pretendo descrever. Há vinte e seis anos, esta rapariga sabia e anotou por escrito o que era desconhecido de todos os que haviam escrito sobre o assunto em qualquer língua, nos sete séculos decorridos desde o eclipse desta chamada heresia. Todos os autores que mencionaram o assunto insistiam que as vestes dos sacerdotes cátaros eram inevitavelmente negras. Durante vinte e seis anos, incluindo os seis anos de correspondência comigo, ela manteve obstinadamente que eram azul-escuras.

Foi provado que estava correta por Jean Duvernoy, de Toulouse, mas apenas nos últimos quatro anos. Ao editar o registo da Inquisição de Jacques Fournier, o Senhor Duvernoy revelou que os sacerdotes cátaros usavam por vezes azul-escuro ou verde-escuro. Este livro foi publicado em 1965. A verdade era conhecida pela minha paciente desde 1944. Ela expressou-a por escrito mais de um ano antes da publicação do livro de Duvernoy.

A característica realmente única deste livro é que eu apenas atuei como historiador amador ao verificar o que a minha paciente revelou. Ao fazê-lo, descobri os detalhes da minha existência anterior. Quando escrevi ao Senhor Jean Duvernoy, a principal autoridade em França, e provavelmente no mundo, sobre a história do catarismo, ele expressou o seu espanto pelo meu conhecimento detalhado do assunto. Não lhe podia dizer que o obtivera a partir das notas de uma escolar sobre os seus sonhos e visões. Até há cinco anos, eu não tinha conhecimento detalhado do assunto, embora há mais de trinta anos os nomes Cátaro e Albigense* tivessem para mim uma qualidade assombrante.

Esta história constitui prova de reencarnação? Será aplicável alguma outra explicação, por exemplo, a da transferência de pensamento? A resposta é não. As principais experiências da paciente ocorreram há um quarto de século, numa altura em que eu não tinha conhecimento detalhado

do catarismo. Nos últimos cinco anos, nada tinha para lhe transferir. Eu não conhecia as personagens que ela descrevia. Ouvi falar delas pela primeira vez através dela.

[1] *Le Registre d'Inquisition de Jacques Fournier*.

Introdução e notas por Jean Duvernoy. Privat, Toulouse, 1965.

[2] *Para fins gerais e para o leitor não especialista, Cátaro e Albigense podem ser considerados definições alternativas. Cátaro, significando puro, é uma descrição expressa em termos religiosos. As implicações da palavra Albigense são geográficas e destinam-se a transmitir que a heresia era predominante na região em torno de Albi. Isto não é estritamente exato, mas a palavra Albigense tornou-se, no entanto, parte da moeda da história.*

[3] *No final de setembro e início de outubro de 1969, o Senhor Duvernoy leu o manuscrito deste livro e discutiu-o comigo em três ocasiões. Disse que o livro não continha erros históricos. Disse que num ou dois pontos havia possibilidades alternativas, mas apenas em questões menores. Por exemplo, descrevo Mir de Camplong como tendo propriedades em Camplong nas Corbières. O Senhor Duvernoy aponta que existe outro lugar chamado Camplong no Languedoque, mas que a questão não é importante porque era igualmente um centro de heresia.*

Depois, descobri sobre elas mais tarde em obras de referência.

Esta história não é uma recordação luxuriante de mim próprio como Rei da Babilónia a conviver com uma mendiga. (É interessante como frequentemente as histórias de reencarnação envolvem o narrador ter sido uma personagem romântica ou elevada.) É mais interessante, mais real e mais trágica. É realmente a paciente quem conta a história. Tive de fazer mais leitura do que desejava para a verificar. À primeira vista, o que se pretendia alcançar parecia fantástico.

Tive de começar a partir da pista: «Se alguma coisa me acontecer, deves ir ter com Fabrissa». Inicialmente, tive de descobrir se Fabrissa era o nome de uma pessoa ou de um lugar e, se o primeiro, se ela ou ele estava relacionado com uma personagem obscura chamada Pierre de Mazerolles. Uma ligeira dificuldade era que se tinha de procurar informação através do

abismo de sete séculos. Estabeleceu-se sem dúvida que Fabrissa era o nome de uma mulher e que ela era tia do dito Pierre de Mazerolles.

2

O meu primeiro contacto com o catarismo foi em 1938. Nesse ano, li um pouco sobre os albigenses em *Provence*, de Ford Madox Ford. Este livro era um guia inseguro, na medida em que o autor não tinha uma profunda apreciação da filosofia do catarismo. Considerava os cátaros humanistas tolerantes e civilizados com fortes convicções anticatólicas, mas não enfatizava o aspeto positivo da sua religião. O seu livro, como guia para o catarismo, não tinha valor para mim, mas atuou como enzima que iniciou um processo de fermentação interior de trinta anos.

O livro também despertou em mim um desejo ardente de ir à Provença. Fui e achei a paisagem estranhamente compulsiva. A minha reação foi interessante, pois anteriormente eu insistia em passar as férias em altas montanhas. Na Provença, visitei apenas as planícies ou as colinas baixas em torno de Les Baux. No entanto, quando a guerra chegou, foi a região acima de todas as outras que despertou em mim a dor da separação. Nos anos seguintes, houve todo o tipo de indicações vagas, mas nenhuma de grande importância.

Anos antes de conhecer a minha paciente, nalguns dos livros que escrevi, referências aos cátaros eram introduzidas com irrelevância selvagem. Também não sei porquê, na Inglaterra em tempo de guerra, comprei um grande e detalhado guia de Carcassona, um dos grandes centros da heresia. O livro estava em francês. Eu não sabia a língua. As pessoas responsáveis pela minha educação foram suficientemente equivocadas para me ensinarem alemão. Comecei a aprender francês sozinho em 1943.

A consideração de tais assuntos é influenciada pela visão retrospetiva e não deve ser levada demasiado a sério, mas penso que o meu anseio pela Provença em tempo de guerra e o facto de o Midi ter substituído a minha paixão pelos Alpes são factos de alguma significância.

A Provença foi, embora não inteiramente um falso começo, um erro de direção. O catarismo era comum na Provença, mas atingiu a sua intensidade máxima no Languedoque. Antes que os cátaros mortos há sete séculos começassem a interferir na minha vida, eu era assombrado pelo

desejo de ver Montségur.* Uso a palavra «assombrado» deliberadamente, porque anos antes de saber qualquer coisa da sua história, ansiava por vê-lo, mas de alguma forma não fazia esforço para o fazer. É claro que desejava adiar a minha visita. Havia um elemento de medo no meu anseio, embora nesta altura eu não soubesse que os cátaros tinham sido queimados lá, mas apenas que de alguma forma era sagrado. Depois de ter visto os Pirenéus, incluindo Montségur, pela primeira vez, soube que a minha preocupação com a Provença era mínima comparada com a compulsão exercida sobre mim pelos Pirenéus e pelo Languedoque.

A minha mulher fez-me notar que, antes de irmos aos Pirenéus, eu tinha sempre uma relutância em voltar de férias ao mesmo lugar, mesmo que o tivéssemos apreciado muito. O meu argumento era sempre que havia outros lugares bonitos para ver e que poderíamos regressar aos portos de escala anteriores quando fôssemos mais velhos. Desde a primeira vez que visitei o sudoeste de França nunca mais quis ir para outro lado, embora por vezes me tenha sentido retido de regressar por um sentimento difícil de definir, fácil de passar por procrastinação e cobardia, mas talvez não inteiramente desprovido de sabedoria e que consigo descrever melhor como uma vaga intuição de ainda não estar bem maduro para algo.

Nunca pensei em reencarnação antes de 1962.

Por aquilo que vale, os Pirenéus Orientais, as colinas baixas e selvagens chamadas Corbières, e a região em torno de Carcassona, Fanjeaux e Montréal têm para mim uma intensidade ardente que dota a terra de vida num grau que não experimentei em mais lado nenhum. Montségur é diferente. Tem uma beleza verde, etérea, com grande paz, mas também com um grande poder de magnetismo e ainda a capacidade de induzir uma dor no coração. Isto não é sentimentalismo. Pode bem ser sentimento estético. Talvez eu tenha descoberto dois tipos de paisagem especialmente adequados à minha constituição. Pode também ser memória. Mas, como digo, não reivindico recordar-me. No entanto, regressei sem saber nem recordar à casa senhorial do meu avô do século XIII. Com igual falta de intenção, deparei-me com o seu castelo no campo. Só mais tarde descobri que tinha sido atraído para lugares que séculos antes me devem ter sido muito familiares.

[1] O pico nas cujas encostas inferiores foram queimados duzentos Perfeitos cátaros. Um Perfeito era um sacerdote cátaro purificado por lhe

ter sido conferido o sacramento exclusivamente cátaro conhecido por Consolamentum.

3

A história começa em março de 1962. Foi a primeira ocasião em que vi a Sra. Smith. Era óbvio pela carta do médico que ele não a considerava um caso urgente, mas a tinha encaminhado a um psiquiatra porque lhe tinham pedido que o fizesse. A história era simples. Ela sofria de um pesadelo acompanhado de gritos tão altos que ela e o marido temiam que acordasse a rua. O sonho não tinha qualquer interesse particular. Um homem entrava no quarto dela pelo lado direito. Ela estava deitada no chão.

A aproximação dele enchia-a de terror. Por vezes havia um ou dois pormenores adicionais associados ao sonho, mas esses ela só revelou mais tarde e a substância básica é a que indiquei. Tinha este sonho há vinte anos. Quando começou, ocorria uma vez de poucos em poucos meses, mas ao longo dos anos intensificou-se até que, nos meses anteriores à sua consulta, surgia duas ou três vezes por semana. A paciente estava no início da casa dos trinta. Era bonita, aberta, comunicativa e sorridente. Falava com seriedade e avidez, mas não dava a aparência de grande tensão.

Ao analisar as notas clínicas enviadas pelo médico, fiquei surpreendido ao verificar que, no início da adolescência, ela tivera alguns ataques de perda de consciência e que fora encaminhada a um neurologista. Este ordenara um encefalograma. O exame dera um dos tipos de resultado positivo e ela fora diagnosticada como epilética. Senti-me convencido de que esta mulher não era epilética. Claro que, nessa altura, ainda não sabia que os seus ataques de inconsciência tinham começado na mesma idade que os seus sonhos e revelações.

Não fazia ideia de que ela possuía capacidades extrassensoriais. A minha recusa em aceitá-la como epilética era razoável. Os médicos podem discordar quanto a um diagnóstico. Além disso, ela tivera apenas três ataques ao longo de um ano, após os quais desapareceram completamente. Tinham passado muitos anos desde que vira o neurologista e não houvera recidiva. O que era interessante e estranho era que, apesar da opinião do neurologista e da minha própria natureza cautelosa, escrevi uma carta ao médico dela dizendo não só que ela não era epilética, como que, em caso algum, o encefalograma deveria ser repetido. Estava perfeitamente

justificado em exprimir a minha opinião quanto ao diagnóstico. As minhas instruções para não repetir o encefalograma são curiosas. Poderia ter considerado que, vendo que tinham passado anos desde o último ataque e que o total era apenas três, o assunto era melhor ignorado. Poderia também ter sugerido a repetição do encefalograma ou, alternativamente, poderia ter evitado na carta ao médico qualquer alusão ao tema. Escrevi como indiquei porque estava convencido, sem razão inteiramente racional, de que a epilepsia estava fora de questão, apesar do encefalograma positivo anterior, e que este não deveria ser repetido.[1]

Após esta primeira entrevista, o pesadelo da paciente desapareceu para nunca mais voltar, embora só tenha sabido disso dezoito meses mais tarde. Este desaparecimento, após um único encontro, de pesadelos que duravam anos, é uma forma de comunicação psíquica. Se não me alongo neste tema é porque me limito a contar uma história.

Outro facto curioso surge em relação ao pesadelo da Sra. Smith. Durante anos da minha vida sofri de um pesadelo particularmente horrível. Nele, um homem alto aproximava-se do lugar onde eu dormia. Vinha por detrás de mim, do lado esquerdo. Por vezes inclinava-se sobre mim. Sentia-me rígido e sem fala de pânico. A minha mulher diz-me que muitas vezes gritava alto neste pesadelo. Pelo que consigo estimar, este tormento começou nos meus vinte e poucos anos. Na meia-idade ocorria talvez três ou quatro vezes por ano. Tornou-se mais frequente no final dos cinquenta. Ao mesmo tempo, tornou-se menos aterrorizante. Por vezes, no sonho, conseguia sentar-me e confrontar o visitante. Da última vez que ocorreu, consegui dizer-lhe que agora estava pronto para ele.

Embora não possa ter certeza quanto ao momento em que o meu pesadelo começou, posso ser infinitamente mais preciso quanto ao seu cessar. Isso aconteceu pouco tempo, talvez até alguns meses, antes ou depois de conhecer a Sra. Smith. O meu pesadelo recorrente era semelhante, embora não idêntico, ao dela. Perturbou-me durante trinta a quarenta anos. Cessou no espaço de poucos meses, ou talvez semanas, após eu a conhecer. Será isto significativo? Não em si mesmo, mas o leitor poderá mais tarde tirar as suas próprias conclusões tendo como pano de fundo os outros factos revelados neste livro. Sinto que o meu visitante noturno era o mesmo homem que perturbava os sonhos da Sra. Smith.

Vi a paciente em maio e agosto de 1962 e em fevereiro de 1963. Em cada ocasião ela descrevia-se como bem. Era óbvio que estava melhor e muito mais feliz.

[1] Desta paciente, e de outras como ela, aprendi que reações aparentemente epiléticas em adolescentes podem indicar a capacidade destes de saírem do tempo. Nestes casos, a aparente tendência epilética desaparece à medida que o paciente amadurece.

Numa dessas ocasiões, revelou que os seus pesadelos tinham cessado, mas não me disse que isso acontecera após a primeira visita. As razões por que se absteve de o fazer aparecerão no decurso desta narrativa.

4

Não poderia ter escrito este livro se não tivesse começado a manter um diário a 25 de outubro de 1963. Como se verá mais adiante, isto foi bem antes de começar a ser perseguido pelos cátaros ou de saber qualquer coisa das ligações cátaras da Sra. Smith. Este diário não era de modo algum uma história social. Era um registo da minha vida interior e nele anotava casos de perceção extrassensorial e quaisquer exemplos de misticismo e comunicação psíquica que encontrava. Registava também quaisquer sonhos meus que considerasse significativos e que recordasse com facilidade. Nunca pratiquei o registo sistemático de sonhos nem tenho especial interesse na sua interpretação. Sem este diário não poderia ter produzido este livro nem poderia ter obtido o aumento, embora mínimo, de insight sobre mim próprio que alcancei ao escrevê-lo.

Mantive este diário de forma minimamente rigorosa apenas durante dois anos e mesmo assim não consegui algo parecido com uma entrada diária. Depois disso comecei a deixá-lo deslizar. Tinha cumprido o seu propósito, que era demonstrar-me as realidades da comunicação psíquica e como, durante os períodos em que esta opera, todo o tipo de manifestações extrassensoriais nos outros estão relacionadas com um estado «aberto» em nós próprios. Esta última condição é involuntária e não nos apercebemos dela enquanto está a operar. Em 1966 e 1967 as entradas são menos frequentes e em 1968 eram de facto escassas e pouco esclarecedoras.

Quando comecei este diário, tinha claramente em mente as razões para o fazer. Isto não significa que me tenha convencido a mim próprio da necessidade de manter um diário. As razões para tal vieram-me claramente

e sem esforço. Em primeiro lugar, queria saber se havia um fio psíquico que ligava este e aquele acontecimento ao longo de certos períodos de tempo. Esperava descobrir a partir daí se existiam períodos «abertos» em que a comunicação estava ativa e outros em que o contacto estava interrompido. Em terceiro lugar, sentia que, nesta fase da minha vida, qualquer pessoa com quem eu me tornasse especialmente familiarizado tinha um significado particular para mim ou estava de algum modo ligada a mim ou tinha algo a ensinar-me.

Em julho do ano seguinte, 1964, conheci o Professor Nelli, de Carcassona, que leciona na Universidade de Toulouse. É o mais conhecido expoente da metafísica do catarismo e provavelmente o maior intérprete vivo da poesia dos trovadores.[1] Quando, na minha segunda visita ao Professor Nelli, ele quis verificar se tinha a minha morada em Inglaterra, acrescentou: «Mas claro que tenho. Anotei-a no meu diário.» Depois contou-me que começara um diário e deu como razões para tal as mesmas que me tinham levado a iniciar o meu. Expressou verbalmente os pensamentos idênticos que se tinham formado na minha mente. Estava também certo de que havia certos meses em que as coisas lhe aconteciam com mais frequência do que noutros. O seu mês especial era maio. Antecipou-me cinco meses e começou o seu diário em maio de 1963.

É interessante que em novembro de 1963, um mês depois de eu ter iniciado o meu diário, recebi uma carta de Lawrence Durrell dizendo que no meu livro *The Nature of Healing* eu tinha deitado fora um tema maravilhoso e desperdiçado as minhas oportunidades por tratamento demasiado apressado. Aconselhou-me que faria muito melhor escrevendo sob a forma de diário de um médico. (Incluiu a alegoria poética como alternativa possível, mas senti que isso ultrapassava as minhas capacidades.) Não lhe informei que já tinha aceite a sua sugestão antes de ele a fazer e que a primeira entrada no meu diário fora a 25 de outubro.

[1] Existe uma estreita relação entre o catarismo e o culto dos trovadores. Muitas das famílias nobres convertidas ao catarismo eram também mecenas dos trovadores.

5

A história ganha ímpeto a 13 de dezembro de 1963. Lanço isto como uma oferta aos que possam considerar este diário um exemplo de credulidade humana. Muitas pessoas consideram a sexta-feira 13 azarada, mas se existissem números da sorte, o que decididamente não acontece, certamente que o treze seria o meu. Quando era jovem, tinha o hábito de ser colocado em carteiras com o rótulo treze durante exames e nessas ocasiões invariavelmente me saía bem.

Nesta data, depois das consultas externas, fui tomar o meu chá semanal habitual com a Sra. A. A entrada no meu diário desse dia começa assim: «Recentemente tenho-me sentido seco e nada "aberto"». Continua dizendo que tivera bastante trabalho stressante, mas que houvera «algumas indicações». Algumas noites antes sonhara com Falmouth. Na manhã seguinte recebi uma carta de uma mulher dessa cidade a dizer-me que uns monges tibetanos iam a um lugar em Dorset. Esta senhora já me escrevera uma vez antes, mas não era uma correspondente regular. Tinha-me interessado pelo budismo de forma tentativa durante nove ou dez anos antes. Isso nunca passou de uma leitura esporádica e fragmentada de livros simples sobre o assunto, sempre evitando qualquer complexidade teológica. O meu diário regista que pensei que o momento era propício para os encontrar em Dorset. A significância do budismo na minha história tornar-se-á evidente mais adiante.

Quanto à segunda indicação, há uma nota a dizer que não me lembrava dela! O meu diário era, mesmo no seu melhor, uma coisa esporádica, dependendo não só de se algo estava a acontecer, mas também de eu ter tempo para o registar. Seria enormemente inexato inferir que tinha um tema definido e um curso traçado, e que a função do meu diário era preencher os detalhes.

Nesse dia particular, durante o chá, comecei a falar de um lugar chamado Little Gaddesden, em Hertfordshire. Não sei como cheguei ao assunto. A Sra. A, minha anfitriã, vivera nas redondezas anos antes. Eu costumava passear por lá pouco depois de me ter formado. Nessa altura não fazia ideia da existência da Sra. A. Tentei lembrar-me do nome da estalagem onde costumava almoçar. Não consegui, nem a Sra. A também. Fiquei muito preocupado com o nome da estalagem e continuei a perguntar-lhe se se lembrava. Devo ter sido um bocado chato.

Depois de sair, decidi de repente ir à biblioteca pública. Queria um livro de viagens sobre os Pirenéus. Nessa tarde, nas consultas externas, vira a Sra. Smith. No decurso da conversa, revelou que visitara aquela parte do mundo de férias. Perguntei-lhe sobre a paisagem e disse que também me interessava por aquela região do ponto de vista histórico. Mencionei que um dos meus interesses históricos era uma seita herética chamada cátaros. Não sei porque fiz esta afirmação. Não era remotamente provável que uma doente externa vista a longos intervalos tivesse qualquer interesse no assunto. Nessa altura não tinha qualquer conhecimento das memórias longínquas da Sra. Smith nem de quaisquer dos seus pesadelos para além do simples que descrevi anteriormente.

Deve igualmente entender-se que ela própria, nessa altura, não tinha a mínima consciência de ter sido cátara. A sua ignorância da história medieval era tal que, embora recordasse perfeitamente e em detalhe certos rituais cátaros, não sabia que estes caracterizavam uma seita particular à qual pertencera. Mais ainda, não encontrara o nome «cátaro» até essa tarde, pouco antes de ser chamada para me ver. Em ocasiões anteriores nas consultas externas, fora mantida à espera para além da hora marcada.

Decidiu ir à biblioteca buscar um livro para ler enquanto esperava. Pegou num livro sobre história medieval francesa, abriu-o ao acaso numa secção que tratava dos cátaros, achou o assunto fascinante e, como me contou mais tarde, quase saltou da pele quando usei a palavra diante dela. A sua surpresa deve ter sido obviamente mais do que a provocada por mera coincidência. Nessa fase da vida deve já ter-se habituado à ideia de que certas sincronizações de circunstâncias devem ter um significado especial para ela. Percebera na adolescência inicial que era diferente das outras pessoas. Nessa altura eu próprio ainda desconhecia a sua constituição.

O meu motivo para levantar a questão dos Pirenéus foi simplesmente porque queria saber se ela achava a região bonita. Por trás da minha referência aos cátaros estava, até certo ponto, o desejo de colocar a pergunta: «Já estiveste em Montségur?», mas era demasiado tímido para o fazer. Não se costuma habitualmente colocar perguntas sobre coisas que nos assombram há anos a pessoas que vemos infrequentemente nas consultas externas. De qualquer modo, não tinha a Sra. Smith em mente quando fui à biblioteca.

Havia dois livros de viagens sobre os Pirenéus. Olhei para um e rejeitei-o. Só quando cheguei a casa é que descobri que o segundo continha material sobre os cátaros. Sentei-me para ler uns minutos antes do jantar. Praticamente de imediato deparei-me com uma referência a Little Gaddesden e ao nome da estalagem que me andara a atormentar durante o chá. Fiquei bastante espantado.

Não poderia ter antecipado encontrar detalhes de uma aldeia de Hertfordshire numa obra dedicada aos Pirenéus. Li com avidez. O autor descrevia como, em duas noites consecutivas, ouvira o que descrevia como francês de um certo tipo a subir do exterior da sua janela. Achara a experiência perturbadora e ficara aliviada quando uma amiga, comentando o seu aspeto assustado e extraindo-lhe a confissão da causa, admitiu que também ela tivera a mesma experiência.

A aldeia de Little Gaddesden fica perto de Ashridge Manor. Esta última situa-se no local de um mosteiro do século XIII. A cripta, um poço antigo e um ou dois troços de parede antiga são tudo o que resta das fundações do século XIII.

O meu diário desse dia contém, em duas linhas sucessivas, as seguintes frases desconexas: «Um dia tenho de investigar a minha ascendência» e «Também tenho de estudar um pouco sobre os Bonshommes». O nome Bonshommes era o dado aos sacerdotes cátaros no Languedoque e noutros lugares pelas pessoas a quem ministravam. O mosteiro de Ashridge pertencia à Ordem dos Bonshommes. Até aqui, tudo bem. E a história de Ashridge de Todd menciona que o mosteiro foi fundado por monges de convicções heréticas vindos do Sul de França. Seria agradável pensar que se acertara à primeira, mas, na realidade, as investigações que fiz mais tarde provaram que, no que respeita a Ashridge, o caso de ser uma fundação cátara deve ser considerado, com base nas provas disponíveis, como não provado.

Existia uma Ordem Católica Agostiniana dos Bonshommes com casas em Ashridge, Edlington e Bristol.[1] Esta Ordem foi fundada no início do século XIII. A data para Ashridge em si é 1270. É pouco provável que uma fundação cátara pudesse ter sido estabelecida abertamente em Inglaterra numa altura dessas, quando o catarismo em França fora praticamente exterminado mais cedo no século, embora persistisse até ao início do

século XIV em lugares como Albi e o Alto Ariège. Além disso, cátaros já tinham sido julgados e perseguidos em Inglaterra, em Oxford, em 1160.[2]

O Príncipe Negro possuía um castelo perto de Berkhampsted, que fica na vizinhança imediata de Ashridge. Tem sido sugerido[3] que a Casa Real nessa altura não só estava tingida de heresia — o próprio Príncipe Negro poderia ter sido contaminado durante as suas campanhas na Aquitânia —, como também era antagónica à família de Montfort, que incluía o martelo dos cátaros. Por esta razão, conjeturou-se que os Plantagenetas poderiam ter sido simpáticos a uma fundação cátara.

Eu, no entanto, precisaria de muito mais provas antes de, pessoalmente, aceitar tal visão. Como o meu papel nesta história é atuar como amador de investigação histórica, e como o amador é habitualmente mais romano que os romanos, nesta fase tem de se rejeitar a ideia de uma fundação cátara em Ashridge. No entanto, persisto e prevejo que um dia se provará que houve influência cátara neste lugar.

Nesta data, 13 de dezembro, o meu diário contém a observação: «Será a Sra. Smith psíquica?» Esta, vinte e dois meses após o meu primeiro encontro com ela, foi a minha primeira afirmação positiva de que ela poderia ser dotada desse modo. Tenho a certeza de que esta possibilidade já me ocorrera antes, mas devo admitir que o meu sentido temporal para este período está desarticulado.

Sem o meu diário, não poderia acreditar que tivesse havido um intervalo tão longo entre o meu primeiro encontro com ela e o momento em que começou a contar a história.

[1] Diz-se também que a Ordem estava ligada ao Wadham College, em Oxford. Se assim for, a ligação com Wadham deve ter surgido muito mais tarde. O colégio só foi fundado séculos depois da inauguração da Ordem.

[2] Histoire de L'Inquisition au Moyen Age, de Jean Guiraud. Vol. 1, p.

[3] Por Mr. Vicars Bell, autor do livro Little Gaddesden.

6

Mais tarde em dezembro, voltei a tomar chá com a Sra. A. Ela estava excitada porque disse que descobrira que eu fora cátaro. Disse-me que agora devia preparar-me para a minha próxima encarnação. (Este preparar-se para a próxima provação é algo em que eu acredito decididamente que não existe e nada me persuadiria a entregar-me a meditações ou exercícios destinados a esse fim.) Disse-me que a melhor preparação para o próximo passo era livrar-me do meu ódio ao catolicismo romano.

Não pode haver dúvida de que ela estava justificada na sua forte descrição da minha atitude em relação a esta religião. Um colega observou-me uma vez que o meu ódio ao catolicismo estava fortemente contaminado por medo. O ódio está sempre tingido de medo, mas ele queria dizer algo mais específico do que isso. Isto não significa que ele tivesse qualquer ideia de que a minha atitude em relação ao catolicismo era influenciada pelas minhas experiências numa vida anterior. Penso que ele não teria paciência para tais ideias.

Não considero as observações da Sra. A sobre a minha encarnação anterior minimamente importantes. Poderiam igualmente ser vistas como óbvias e quase inevitáveis. Certamente estavam no domínio da conjectura. Deve recordar-se que eu não estivera interessado em reencarnação antes de julho de 1962. Nessa data, deparei-me com um caso cujos sintomas não conseguia explicar com base em qualquer outro fundamento. Antes dessa data, o meu interesse pelo assunto era, para um psiquiatra, surpreendentemente pequeno.

No entanto, sob a data de 20 de dezembro de 1963, encontro registado no meu diário, juntamente com o meu medo do catolicismo e a minha aversão ao clericalismo, o facto de que, desde a infância, odeio destruir qualquer coisa viva. Quando era menino, nunca tirei ovos de pássaros apesar, ou por causa, da minha paixão pela natureza. Mesmo enquanto criança supostamente irrefletida, perturbava-me até colher uma flor e os vestígios desta relutância não morreram. O mais significativo de tudo é que, pouco tempo antes de começar o diário, sentira repulsa por carne. Tudo isto era o cátaro em mim a vir à superfície. Os cátaros, tal como os budistas, não aprovavam tirar qualquer forma de vida. Abstinham-se de toda a carne, exceto peixe.

A 27 de dezembro, fui com a minha mulher encontrar-me com o lama tibetano referido na carta de Falmouth. Antecipei a visita com interesse e apreensão, esta última devido a uma experiência infeliz que tive uma vez na companhia de um grupo de pessoas que se dedicavam a uma nova forma de iluminação que se dizia funcionar com a rapidez de um analgésico eficiente. (Posso dizer que rejeito totalmente todos os atalhos para a salvação. Não procurei a companhia dessas pessoas. Elas praticamente impuseram-se a mim.)

Tudo o que obtive dessa experiência foi um medo de encontrar qualquer pessoa psíquica ou mesmo que eu pudesse considerar estar num plano espiritual mais elevado do que o meu. Tinha vários amigos psíquicos, mas habituara-me a eles. Na verdade, na maior parte dos casos, conhecia-os há anos antes de me aperceber de que eram assim constituídos. Não precisava de ter tido tais receios quanto ao lama. Ele exalava uma atmosfera de bondade comum e ordinária. Se o tivéssemos encontrado à boca de uma mina em Derbyshire ou atrás de um balcão em Wigan, tê-lo-íamos pensado nesses termos. Não exalava qualquer atmosfera de piedade nem se pensava nele a voar sobre sebes, ou mesmo fronteiras, nos seus momentos livres. Limitava-se a emanar bondade.

Seguiu-se outro incidente importante. A minha anfitriã, Sra. H, entregou-me Albigeois et Cathares, de Fernand Niel, um pequeno livro de bolso da série francesa Que sais-je?. Fiquei surpreendido por, numa casa inglesa, alguém que não fosse historiador medieval se interessar pelo assunto. O Sr. H é professor numa escola pública e a sua disciplina é física. Penso que só dois anos mais tarde descobri que, mais cedo na vida, ele aprendera provençal e que se interessava pela poesia dos trovadores.

Não são muitas as pessoas inglesas que aprenderam provençal, que é uma das formas da Língua d'Oc. Esta última era outrora a língua do Midi de França e da parte de Espanha que hoje chamamos Catalunha. O nome da região que nos interessa principalmente, i.e. o Languedoque, deriva do nome da língua. O provençal difere algo do occitano, que é o nome moderno para o Languedoque (tanto a língua como o país), por ter mais derivações italianas.

Até hoje, só poucas pessoas em Inglaterra sabem algo sobre os cátaros, mas parece estar predestinado que, mais cedo ou mais tarde, eu

encontre todos eles. O Sr. H disse-me mais tarde que sempre assumira que o meu apelido era de origem catalã.

A significância desta visita foi dupla. O pequeno e simples livro de Niel era de um interesse compulsivo para mim, embora ainda não soubesse porquê. Muito do que ele dizia era elementar e básico e eu já o sabia. Era a velha história de tudo o que se relaciona com o catarismo exercer sobre mim uma influência magnética. A Sra. Smith ainda não começara a divulgar-me as suas revelações. O segundo ponto importante sobre esta visita era que existe uma semelhança muito considerável entre o catarismo e o budismo.

Ambos acreditam na reencarnação, na abstenção de carne (embora no catarismo fosse permitido peixe), na não resistência, em que é pecado tirar a vida a qualquer criatura viva, mesmo um animal, etc., etc. De facto, um dos escritores sobre o catarismo, Maurice Magre, disse de forma bastante simples, e penso que erradamente, que os cátaros eram budistas.[1] O budismo e o catarismo estão entrelaçados no meu subconsciente num sistema de referências cruzadas psíquicas. Em terceiro lugar, é muito raro eu encontrar o Sr. e a Sra. H sem que seja fornecido um elo em alguma cadeia de comunicação psíquica.

Na noite de 2/3 de janeiro de 1964, sonhei que estava em Yorkshire e que num campo chamado o On, ou algo parecido, vi uma cruz numa pedra e soube de alguma forma que tinha a ver com os Cavaleiros Templários. O campo ficava perto do local de nascimento de uma das pessoas mais psíquicas e perspicazes que alguma vez conheci.

A cruz tinha braços iguais e estava rodeada por um círculo.

[1] O leitor compreenderá que, na altura de que escrevo, eu não tinha lido o livro de Magre Illuminés et Magiciens. De qualquer modo, não pode ser considerado uma obra de referência.

A cruz tinha braços iguais e estava rodeada por um círculo.

Esta cruz é do tipo grego. É semelhante às cruzes cátaras e às de origem maniqueísta. (Os maniqueístas eram também dualistas e são considerados por muitos como os precursores dos cátaros. A Cruz Latina da Igreja Católica tem um braço mais comprido do que os outros.)

As origens europeias do catarismo encontram-se no bogomilismo. Esta fé floresceu na Bulgária, na Macedónia e na Dalmácia, isto é, em áreas oficialmente sob a autoridade da Igreja Grega. Já disse que a Cruz de braços iguais foi também adotada pelos maniqueístas. Estes eram dualistas. Num livro desta natureza não posso discutir, mas apenas definir os meus termos de referência. O dualismo é uma religião, ou talvez mais exatamente uma atitude religiosa, que existe desde tempos imemoriais. É essencialmente uma tentativa de explicar a queda do homem e o problema do mal.

A atitude cristã ortodoxa deixa em grande parte sem explicação a angustiante questão: se Deus é ao mesmo tempo todo-poderoso e todo-misericordioso, porque é que coisas tão horríveis acontecem às pessoas e, acima de tudo, às pessoas inocentes? O dualista rejeita a ideia de que estas coisas nos são enviadas para nos pôr à prova, de que Deus deseja fortalecer o nosso carácter e de que o sofrimento é proporcionado por Deus porque nos faz bem. O dualista sustenta que, no que respeita a este mundo, o bem e o mal são energias primárias e opostas, que há um equilíbrio instável entre elas e que, na maioria das vezes, o mal triunfa. Daí surge, dependendo do grau de dualismo manifestado, a ideia de que este mundo foi criado por Satanás ou de que, se não o foi, ele é essencialmente o seu senhor.

Ora, o catarismo é uma forma cristã de dualismo. O seu precursor maniqueísta era, em considerável medida, de origem cristã, mas muito menos do que o catarismo. Segue-se do que foi dito sobre a base do dualismo que as ideias cátaras acerca da Encarnação de Cristo estavam longe de ser ortodoxas. O cristão médio aceita que a carne é o templo do Espírito. Para o dualista, este último está positivamente aprisionado na matéria. Por esta razão, os cátaros não podiam aceitar que Cristo fosse

verdadeiramente encarnado. Acreditavam que Ele era o Filho de Deus e liam as Suas palavras com mais assiduidade do que os católicos, embora as interpretassem de modo diferente. Mas para eles Cristo não existia num corpo humano, mas num corpo espiritual. A Inquisição traduziu erroneamente isto como significando que, para os cátaros, Cristo era uma espécie de fantasma. A visão cátara estava em conformidade com a expressa pelos espiritualistas modernos e pelos adeptos de Steiner. A visão cátara da existência de Cristo está também em harmonia com o que São Paulo quis dizer ao falar do corpo espiritual como distinto do corpo corpóreo.

O dualismo existe desde tempos imemoriais. As suas possíveis origens encontram-se no zoroastrismo na Pérsia, embora Burkitt negue que esta religião fosse essencialmente dualista. Formou a base do culto de Mitra durante o declínio do Império Romano e manifestou-se nas várias crenças gnósticas nos primeiros séculos da era cristã.

A significância do meu sonho com os Cavaleiros Templários é que eles também estavam contaminados pelo dualismo. Na altura do seu brutal extermínio em 1307 e depois, foi alegado contra eles que tinham adquirido práticas nocivas do Oriente. Isto foi traduzido pelos seus acusadores como significando ou práticas físicas de natureza obscena ou que estavam contaminados pelo Islão. A verdade era que, no Próximo e Médio Oriente, os Templários tinham sido influenciados por ideias dualistas da guerra perpétua entre as energias do bem e do mal, entre, em termos zoroastrianos, a luz e as trevas, os dois elementos representados na sua bandeira branca e preta.

Este sonho da Cruz Grega e dos Templários não foi a primeira vez que cruzes de desenho grego e maniqueísta apareceram nesta história dos cátaros e de mim próprio. Durante algum tempo anterior — não consigo especificar quanto, mas certamente anos — tivera visões, no processo de adormecer, de cruzes deste tipo e de outras mais intrincadas. Estas visões estavam prestes a aumentar em frequência e clareza.

Nessa manhã, quando acordei depois de sonhar com os Templários, pensei imediatamente no culto de Mitra. Não conseguia tirar da cabeça a *Canção de Mitra* de Kipling, que sempre tem o poder de me emocionar intensamente. Depois veio-me num grande impulso de sentimento, os pensamentos na minha mente sendo de alguma forma transportados nas

ondas de emoção, que não se devia acreditar nem tentar acreditar, que se devia apenas esperar até saber. O meu diário dizia: «Vejo agora a futilidade dos esforços e dos sistemas e de como é preciso submeter-se e esperar. Compreendo pela primeira vez a questão da predestinação ou do livre-arbítrio. Vejo que a questão não se põe porque o tempo não existe. O livre-arbítrio e a predestinação são considerados opostos porque são vistos contra o fundo do tempo cronológico.

Mas fora da prisão da personalidade o tempo é uma ilusão e, portanto, não há escolha e igualmente não há predestinação. Há apenas um padrão intemporal. Assim, tem-se de trabalhar como se se tivesse livre-arbítrio, mas ao mesmo tempo aceitar o facto do que se chama predestinação, porque tudo está arranjado e esta é uma das reconciliações fundamentais dos opostos. E, no entanto, nem tudo está arranjado porque o padrão não é nem presente nem futuro.»

Faço esta citação porque as ideias de tempo aqui expressas estão em desacordo com a ideia de eternidade como duração prolongada. Esta tem sido a ideia do cristianismo ortodoxo durante séculos, embora tais conceitos estejam a mudar no presente com grande rapidez. De muitos pontos de vista, as ideias de tempo que expressei nesta entrada, e em livros anteriores, encaixam-se nas derivadas da ideia cátara de como o Espírito, uma vez emancipado da dominação da matéria, existe independentemente do tempo e do espaço.

O meu diário continua: «E vi como tem havido um fio ao longo de todo o tempo, os maniqueístas, o culto de Mitra, os albigenses, todos completamente massacrados, muito, muito completamente, e entre outras coisas por causa desta questão da reencarnação.»

7

A 6 de janeiro de 1964, fui à biblioteca e encontrei um livro sobre a Inquisição com um prefácio de um eminente teólogo católico inglês. Tinha estado a pensar neste último com escárnio não mais de vinte e quatro horas antes. Não consegui convencer-me a levar o livro da biblioteca. Senti que ficaria demasiado perturbado com ele. Senti também um acesso de medo. Neste livro, o catarismo era referido como uma heresia venenosa. Nunca consegui reunir coragem para levar este livro da biblioteca. (Claro que li vários outros livros sobre o catarismo escritos do ponto de vista católico.)

A 7 de janeiro, a minha mulher pegou numa revista no cabeleireiro e leu um artigo sobre a Ordem dos Bonshommes em Edlington, Wiltshire. O autor associava esta Ordem ao catarismo. Considero esta visão prematura pelos mesmos motivos que apresentei ao escrever sobre os Bonshommes em Ashridge. Escrevi, no entanto, ao autor para ver se tinha mais informações a oferecer. A 17 de janeiro recebi uma resposta e descobri, para meu espanto, que o autor do artigo era uma das minhas pacientes que muito recentemente estivera internada e sob os meus cuidados. Em nenhuma ocasião discutira o catarismo com ela.

A história dá um grande salto em frente a 12 de janeiro. Nesta ocasião, estava a ser conduzido pela cidade durante uma queda de neve por um membro da minha família. Entre outras coisas, pretendia deixar um bilhete à Sra. Smith. A mensagem era sobre uma consulta hospitalar. Não consigo por nada deste mundo pensar porque não tinha tratado disto anteriormente. Não tenho qualquer recordação de alguma vez ter empregado este procedimento que desperdiça tempo.

Foi a própria Sra. Smith quem abriu a porta. Admitiu muito mais tarde (12.2.65) que sabia que eu estava a chegar. A minha aparência com a neve a cair recordou-lhe o dia em que me encontrou pela primeira vez no século XIII. Identificou-me na sua primeira consulta nas externas, embora só mo tenha dito muito depois.

A significância da neve a cair era que, na minha existência anterior, procurei refúgio na casa do pai dela durante uma forte tempestade de neve perto de Toulouse. A família dela era gente humilde e ela nunca vira alguém como eu antes, pelo menos de perto. Parece que eu pertencia à pequena nobreza. Peço desculpa por isto. Soa demasiado ao habitual conto de reencarnação. No entanto, não sou mais responsável pelas minhas origens confortáveis numa vida passada do que pelas minhas origens obscuras na presente.

Parece que durante a noite dormi no chão no meio da família. A chamada casa era uma cabana de um só quarto. A rapariga, que ainda estava na adolescência, ficou acordada a observar-me e numa ocasião aproximou-se sorrateiramente e beijou-me a mão. Parece que se apaixonou por mim à primeira vista, algo que nunca me aconteceu nesta encarnação.

No domingo, 30 de janeiro, o meu diário começa: «Tudo isto está a ficar bastante fantástico.» Nesse dia, a minha mulher e eu visitámos, para beber um copo antes do almoço, a casa de um médico amigo nosso que vive no campo. Durante a festa, desliguei-me do grupo principal com um oficial reformado da RAF de alta patente. Servira com distinção durante a última guerra e fora chefe de uma famosa instituição de formação de oficiais no seu ramo. Menciono estas características para mostrar que não estamos a lidar com um tipo excessivamente sugestionável, crédulo e imprático.

Sabia que era um homem fisicamente ativo, que caminhava muito e gostava de lugares remotos. Perguntei-lhe se conhecia os Pirenéus. Disse que sim e descreveu a região como muito bela. Então arrisquei a minha pergunta sobre Montségur, a montanha assombrante que nunca visitara mas cujo nome, sempre que o encontrava, me dava uma pontada indefinível de emoção. Quando lhe fiz esta pergunta, o rosto dele aguçou-se e olhou para mim atentamente. «Sim», disse ele. «Já lá estive e a atmosfera era horrível.»

Perguntei-lhe o que queria dizer com horrível. Contou-me que começara a subir com a mulher desde a estrada até ao pico da montanha. Pouco depois de começar, foi tomado por um horror inexplicável. Perguntou à mulher o que acontecera ali. Disse que, para ele, todo o lugar parecia saturado de sangue e perguntou-lhe se ela tinha a mesma sensação. Parece que ela partilhava o seu horror.

Nunca antes ouvira a palavra «cátaro». Não fazia ideia de que, quando sentira esta atmosfera, estava a atravessar as encostas inferiores onde duzentos Perfeitos cátaros tinham sido queimados em 1244.

Ele e a mulher prosseguiram até ao cume. Quando lá chegaram, encontraram um pequeno grupo de pessoas com quem o meu companheiro entabulou conversa. Descobriu que eram representantes de uma sociedade que descreveu como dedicada à memória dos cátaros.[1] Destas pessoas, o Comodoro Aéreo B soube pela primeira vez o nome «cátaro» e a história do lugar.

[1] *[Nota do original mantida como no texto fonte.]*

Disse-lhe: «Compreende o que está a dizer, que consegue reconhecer a persistência de uma atmosfera depois de setecentos anos?» «Claro que compreendo», respondeu ele. O tom era quase perentório. «Afinal, senti-a.»

Era óbvio que esta experiência lhe despertara o interesse pelo catarismo. Descreveu-o com confiança como cristianismo primitivo. Tenho a certeza de que tinha razão e, o que é mais importante, esta é a opinião de muitos especialistas. Disse também com grande seriedade que o catarismo era uma adaga apontada ao coração do catolicismo romano e que, por essa razão, tinha de ser exterminado. Quando o voltei a ver cinco anos mais tarde, fiquei surpreendido ao saber que o seu interesse pelo catarismo não o levara a ler mais sobre o assunto. Mas, então, teria eu examinado as fontes com a intensidade com que o fiz se não tivesse conhecido a Sra. Smith?

Pouco depois, o nosso anfitrião médico chamou-nos do outro lado da sala. «De que estão vocês os dois a falar?» Fui evasivo e disse-lhe que estávamos a discutir algo que quase de certeza lhe seria desconhecido. Ele insistiu e acabei por lhe dizer que estávamos a falar dos cátaros. Respondeu que nunca ouvira falar deles, mas insistiu bastante para que eu lhe contasse algo sobre o assunto.

Disse-lhe que tinham sido ativos nos Pirenéus. Isso tocou uma corda sensível. Tinha estado com a família nos Pirenéus. Descreveu o país como absolutamente encantador, mas assombrado. Disse que, numa das suas longas excursões, não ouvira um único pássaro. Ficou tão preocupado com esse silêncio que ofereceu meia coroa ao primeiro dos seus quatro filhos que ouvisse um pássaro a cantar. Eles concentraram-se muito, mas nenhum ouviu nada.

Deve ter sido talvez um par de anos mais tarde quando, com maior conhecimento do catarismo, perguntei ao meu amigo médico onde se tinha alojado nos Pirenéus. Mencionou um vale estreito que sai do vale do Alto Ariège. Foi nesta área que os últimos remanescentes dos cátaros se concentraram no final do século XIII. Foi aqui que foram sistematicamente caçados por instigação da Inquisição. Mais de uma centena foram emparedados e deixados a morrer na gruta de Lombrives.

Os meus encontros intensivos com o catarismo não podem ser atribuídos à coincidência. Como médico de província que leva uma vida social muito restrita, não se pode esperar que tenha muitos contactos

cátaros. Afinal, em toda a Grã-Bretanha, o seu número é insignificante. Parece que atuo como um íman para um número considerável deles.

Devo salientar que o assunto cátaro irrompeu e intensificou-se num período de aproximadamente três meses, desde o início deste diário até 30 de janeiro. Este foi um dos meus períodos «abertos». Com isto quero dizer que todo o tipo de fenómenos extrassensoriais com que me preocupava estavam a ocorrer durante esse período. De facto, num ensaio sobre comunicação psíquica, baseei-me em grande medida no período que acabei de cobrir, mas nessa outra obra não fiz qualquer menção aos cátaros.

Esta intensa atividade psíquica era divisível em duas categorias. A primeira pode chamar-se geral e a segunda referia-se especificamente à minha vida com os cátaros.

Na categoria geral incluem-se os seguintes factos. Encontrei dois exemplos impressionantes de transferência de pensamento, uma paciente com notáveis experiências fora do corpo que, em três dias, passou do estado de infantilidade em que recaíra para um estado adulto racional, um número surpreendente de pacientes que, sem questionar, aceitaram voluntariamente a reencarnação, uma notável peça de clarividência por parte de uma amiga sobre a doença da filha, uma transformação súbita, impressionante e cientificamente inexplicável numa paciente que anteriormente assumira ser psicopata ou gravemente esquizofrénica e que, em poucos dias, não só recuperou como produziu provas de capacidade anterior de cura e, finalmente, no dia anterior à minha visita ao médico onde conheci o Comodoro Aéreo B, um caso verdadeiramente notável de uma rapariga que sem dúvida «viu» a sua avó morta.

Cito estas circunstâncias não apenas para provar que nessa altura estava imerso numa considerável onda de atividade psíquica e que alguém estava a atuar como transmissor.[2] Quero também sublinhar que, em períodos tão ativos, quando tantos tipos diferentes de fenómenos extrassensoriais se manifestam, quando se tem a intuição de que algo é verdade, é bom manter-se fiel à intuição mesmo quando as provas são contrárias.

[2] Com este termo quero dizer alguém que incita atividade psíquica em sensitivos predispostos na sua vizinhança. Um transmissor, segundo a minha definição, é habitualmente inconsciente da função que está a

desempenhar. Ao atuar como transmissor, ele próprio pode não registar qualquer experiência psíquica.

Com isto não quero dizer que, dada a intuição e provas conflitantes, se deva optar pela primeira. Pelo contrário. Deve-se guiar-se pelas provas apresentadas, mas manter a intuição em mente. É por esta razão que, embora tenha rejeitado a hipótese de haver uma fundação cátara em Ashridge, continuo a sustentar que um dia o que agora rejeito se provará verdadeiro.

8

No final de fevereiro, fui com a minha mulher numa curta férias no Sul de França. Não tive experiências do tipo das que registei no meu diário, exceto que, no regresso, jantámos em Paris com um amigo que conhecêramos pela primeira vez há vinte e oito anos. Sabia previamente que ele se interessava por Rudolf Steiner, mas não me apercebera do seu interesse pelos cátaros. Quando parti na manhã seguinte, fez-me um generoso presente de material de leitura para o comboio. Incluía *Le Bûcher de Montségur*, de Zoé Oldenbourg.

Este livro contém uma referência a Pierre de Mazerolles, uma das figuras centrais da minha história, na verdade o homem do sonho da Sra. Smith. Não sabia da sua existência quando li este livro e o seu nome não me ficou na memória. É irónico que tenha tido de me dar a muito trabalho para descobrir a sua identidade e ações quando ele fora efetivamente mencionado numa das minhas explorações iniciais do assunto. O facto de não ter lido anteriormente esta obra popular deve provar que o meu conhecimento do catarismo não era precoce e foi construído lentamente, o que elimina a possibilidade de a Sra. Smith ter obtido informações de mim por um processo de transferência de pensamento.

Entre fevereiro e novembro de 1964 não há muito a relatar do ponto de vista cátaro. A 28 de fevereiro recebi uma carta da Sra. Smith, na qual me perguntava se responderia a uma questão com absoluta honestidade. Queria saber se, caso me contasse algo conhecido apenas por ela, eu o anotaria e o guardaria nos meus ficheiros. Disse-lhe que não escrevia confidências nas minhas notas, limitando-me ao registo de sintomas. Ainda tive de esperar um tempo considerável pela revelação.

Nesta carta, a Sra. Smith contou-me algo que é interessante para revelar a sua constituição. Tinha estado a ler algo sobre radiestesia e queria saber mais sobre o assunto. De repente, sem razão lógica, decidiu que, se saísse para jogar cartas, «poderia encontrar alguém interessante». A sua intuição estava certa. «Escolhi um homem de meia-idade como parceiro e, curiosamente, ele era um curandeiro de verrugas. Também me disse que o tio dele em D— era radiestesista e bem conhecido nessa região.» Penso que esta foi a primeira indicação positiva que tive de que a Sra. Smith era psíquica, embora já o suspeitasse antes. Ainda tive de esperar pela revelação.

No final de junho e início de julho, regressei de umas férias que incluíram os Pirenéus. Por fim, vi Montségur. Numa fase da viagem, estava convencido de que nunca lá chegaríamos, uma convicção partilhada pela minha mulher. O pico tem o truque de se esconder completamente à medida que se aproxima de diferentes direções. Em segundo lugar, o carro começou a ferver, pelo que pude ver, sem razão aparente. Não tínhamos subido a grande altitude, a nossa subida parecera-me gradual e tínhamos conduzido devagar.

Três coisas emergiram desta visita. Primeiro, esperava ser tomado por pânico ao subir em direção ao pico. Estava obviamente muito influenciado pelas palavras do Comodoro Aéreo B e antecipava que reagiria como ele. Não senti pânico algum. Estava apenas consciente da beleza do entorno. Em segundo lugar, no fundo do coração, após anos de anseio, esperava algum tipo de revelação. Não houve nenhuma pela simples razão de que estava à procura dela. Em terceiro lugar, experimentei uma sensação de grande paz quando cheguei ao pico e caminhei pelas ruínas do castelo. Senti que poderia lá ficar indefinidamente.

Olhando para trás, para Montségur, após anos e visitas subsequentes, estou satisfeito por ter superado amplamente as minhas expectativas. O grau em que agora me assombra é maior do que nos dias antes de o ver. As minhas recordações só servem para realçar a sua beleza. Tenho algo da mesma sensação em relação às Corbières e à região em torno de Fanjeaux, mas nestes últimos sinto menos reverência, menos sensação de estar na presença de pureza e santidade do que sinto em relação a Montségur. Ao mesmo tempo, tenho mais a sensação de pertencer a Fanjeaux e às Corbières.

Durante estas férias, tive a sorte de conhecer o Professor Nelli, a grande autoridade em cátaros e trovadores. O seu nome fora-me dado por um amigo. Com base nesta ténue apresentação, fui visitá-lo e encontrei-o extremamente cortês, inteligente e acessível. Fez o possível para me esclarecer sobre as complexidades da teologia cátara, mas a minha incapacidade teológica e a minha compreensão imperfeita do francês falado foram um obstáculo.

Numa carta após o meu regresso, a Sra. Smith contou-me que uma vez tivera um impulso súbito e ofuscante de visitar uma mulher que vivia na mesma cidade. Encontrou-a num estado de agitação aguda. Esta mulher admitiu que, antes de a Sra. Smith chegar, pensara em suicidar-se. Foi acalmada pela visita da minha paciente. Interessei-me por este episódio do ponto de vista de saber se a Sra. Smith possuía o dom da cura, que talvez seja o aspeto mais elevado da capacidade extrassensorial. Conheço também a pessoa que ela visitou. Esta tinha um longo historial de episódios de agitação aguda e depressão.

O acontecimento mais importante nesta altura foi uma carta da Sra. Smith a 12 de setembro. Nela mencionava uma recente experiência de férias quando, em Saint-Jean-Pied-de-Port, tivera a sensação, mesmo à primeira vista, de que o entorno lhe era familiar. Disse que tivera a mesma sensação de familiaridade quando estivera com uma família francesa sete anos antes em Capvern, nos Pirenéus. Fora a ocasião da sua primeira visita a França. É interessante e significativo que o principal passatempo e interesse do pai da família fossem os Cavaleiros Templários. Estes e os cátaros pertencem ao mesmo fluxo dualista, com tendências gnósticas semelhantes. Terá algo sido transmitido a esta altura à Sra. Smith, que, como veremos mais adiante, era uma recetora sensível de impressões não discerníveis por outras pessoas? Terá todo o processo sido reacendido em Capvern?

Quando a vi a 20 de novembro, ela ampliou as suas experiências de *déjà vu* em Saint-Jean-Pied-de-Port. Ao subir umas escadas na cidade, baixou-se instintivamente para levantar a saia comprida. Ao olhar para baixo, apercebeu-se então de que a saia era modernamente curta. Reconheceu as escadas e, antes de a ver, a rua para onde conduziam. Sentiu que conhecia todos os detalhes do interior de uma das casas da rua e que, se pudesse entrar, poderia verificar a sua impressão do seu conteúdo.

No mesmo dia, encontrou um estudante suíço. Nunca o vira antes nem o viu depois, nem com ele correspondeu. Ele disse que a tinha visto antes, mas numa imagem. Eu próprio tenho uma vaga sensação de familiaridade com as suas feições. Muito mais tarde na nossa relação, ela contou-me que as minhas primeiras palavras para ela foram: «Já a vi antes?» (Não dou grande importância a isto. Qualquer médico com longa prática tem direito a dizer isto a um doente.)

Disse que, numa férias anterior, tivera uma experiência semelhante de familiaridade com o entorno em Baiona, que visitava pela primeira vez. Soube mais tarde que esta familiaridade estava associada a uma sensação de gloom e horror.

A 22 de novembro, a Sra. Smith escreveu uma carta ampliando o que me contara no dia 20. Não posso fazer melhor do que citar o seu conteúdo: «Tem todo o direito de ser cético[1] e não espero que acredite em mim, mas de alguma forma, em algum lugar, está envolvido. Muitas pessoas têm este "já estive aqui antes", mas no meu caso é algo mais do que isso. Há momentos em que o tempo não tem significado — o passado, o presente e o futuro estão misturados. Sinto que estou a sonhar e, no entanto, todo o tempo sei que estou bem acordada.

«Talvez deva dizer-lhe como se encaixa nisto. Não estou a ser romântica — foi assim que aconteceu em Baiona. Não é uma cidade bonita. No topo da colina há uma velha catedral com um interior escuro, feio e opressivo. A minha primeira reação foi sair dali o mais depressa possível. Foi aqui, neste lugar sombrio, que senti que estava onde já estivera antes e, lamento mencioná-lo, mas tive uma sensação avassaladora da sua presença.

«Acho difícil escrever sobre Saint-Jean-Pied-de-Port, pois sei que a experiência parecerá bastante ridícula quando escrita. Conheci Saint-Jean-Pied-de-Port assim que lá chegámos. Normalmente não tenho sentido de direção, mas dirigi-me diretamente às antigas portas que levam à parte exterior da cidade. A estrada que levava à fortaleza era muito íngreme, como eu sabia que seria, e as casas eram muito antigas, mas bastante familiares para mim. Sabia também que teríamos de subir muitos degraus antes de chegar à fortaleza.»

Nesta carta mencionou pela primeira vez o seu horror por Toulouse.[2] Não tinha razão concreta para não querer ir lá, mas mesmo assim tinha

medo de o fazer. Disse: «Talvez seja porque sonhei com isso uma vez. Não me lembro muito do sonho, mas acordei aterrorizada porque estava a fugir de alguém que tentava forçar-me a entrar numa catedral.» Conseguiu nomear esta última. Chamava-se Saint-Étienne. Disse que, quando ouviu o nome da catedral, não procurou em nenhum livro de referência para ver se era verdade. Disse: «A informação foi-me imposta por um encontro casual que tive este ano com um padre francês. Parei para conversar com ele porque pensei que poderia ter algumas ideias sobre cátaros que lhe interessassem.»[3] No decurso da conversa, ele ofereceu-se para escrever ao seu superior em Toulouse em nome dela e disse também que a catedral se chamava Saint-Étienne.

A menção deste nome deve ter alarmado consideravelmente a Sra. Smith. O padre pareceu achar que algo estava errado e disse-lhe: «Pourquoi vous me regardez toujours comme ça?»

[2] Toulouse era o centro, a própria Roma, da heresia. As fulminações da Papado contra os cátaros envolviam maldições especiais contra a cidade. [3] A Sra. Smith era sempre uma apóstola da ação direta.

A Sra. Smith contou-me que tivera uma educação católica estrita, mas que fora excomungada. Comentando a sua excomunhão, disse: «Talvez a minha consciência culpada tenha provocado o sonho de ser empurrada para a catedral em Toulouse.» Aqui estava completamente enganada. O seu sonho não era uma reação da consciência, mas uma memória real. Veremos mais adiante que tinha boas razões para sentir horror por Toulouse e, em particular, pela catedral.

É interessante que eu não tenha feito qualquer esforço para confirmar se existia uma igreja chamada Saint-Étienne na cidade, quanto mais que era o nome da catedral. Em 1965 visitei tanto a igreja de Saint-Sernin como a catedral de Saint-Étienne. Apesar disso, continuei a pensar que a Sra. Smith se enganara no nome da catedral. Acreditava que esta se chamava Saint-Sernin. Só este ano, 1969, ao rever este texto, consultei um guia e descobri que era eu quem estava em erro. Sem nunca ter ido a Toulouse, a Sra. Smith foi mais precisa do que eu.

Esta discrepância de opinião acaba por encaixar no seu devido lugar. A Sra. Smith sofreu em Saint-Étienne. O meu melhor amigo, e possivelmente eu próprio, foi condenado em Saint-Sernin.

Contou-me também que ultimamente sonhava em francês. O seu conhecimento de francês chegava ao que hoje se chamaria nível O, mas parece-me que, embora não estivesse empenhada em qualquer estudo académico, manteve o francês depois de deixar a escola em maior grau do que a maioria das raparigas de escolas secundárias. Disse-me que gostaria de escrever um romance sobre França, mas muito enfaticamente não sobre a Idade Média, porque tinha medo disso.[4]

Acrescentou que eu não precisava de recear que ela invadisse o meu território cátaro. (Nessa altura estava longe de poder qualificar-me como especialista em catarismo, nem posso reclamar tal título agora.) Perguntou-me também se alguma vez me sentia deprimido em certas atmosferas e se noutras alturas me sentia muito em paz. Estava obviamente a dar-me a notícia com delicadeza de que era psíquica.

[4] Isto nada tinha a ver com o que escrevera enquanto escolar, cuja existência ainda me era desconhecida.

Já o tinha percebido. Disse que se sentia especialmente em paz em Capvern. Esta localidade situa-se numa região dos Pirenéus que não foi particularmente afetada pelo catarismo.

Voltando à sua capacidade de visitar lugares onde nunca esteve antes e senti-los como perfeitamente familiares, disse que só experimentava este fenómeno em França. Notei nesse dia particular que o seu rosto mudara de forma notável desde a última vez que a vira. Para mim, parecia muito do século XVIII e tinha um penteado que era a minha ideia do tipo de peruca usada nessa época.

Creio, mas não tenho a certeza, que foi a 20 de novembro que ela me disse pela primeira vez que o seu pesadelo recorrente cessara. A minha nota para esse dia afirmava que sempre sentira que ela era «uma daquelas», isto é, psíquica. Mais do que isso, a minha consciência parece, nessa data, ter aceite mais plenamente as implicações do assunto. A referência à Sra. Smith incluía a nota críptica: (Cathart

A 25 de novembro recebi uma carta dela. Dizia: «Fico grata por ter achado as minhas experiências interessantes e não uma forma qualquer de loucura. Ainda não consigo decidir se fiz bem em contar-lho. A minha família costumava gozar com a minha intuição. Divertia-os até que previ algo que nos afetou a todos, e depois disso decidiram que havia algo de

estranho em mim. Esse incidente ensinou-me a guardar as coisas para mim.» (Isto explicaria o longo intervalo entre a sua carta a perguntar se fazia notas das confidências que me fizesse e as revelações, de forma alguma dramáticas, de 20 de novembro.)

Sinto que durante este ano de fermentação psíquica, entre novembro de 1963 e o mesmo mês de 1964, o meu sentido do tempo cronológico estava um pouco desarticulado. Se tivesse de escrever este livro sem o meu diário, teria dito que a Sra. Smith não me fizera esperar tanto tempo antes de começar as suas revelações. Durante o verão de 1964 comecei a escrever um romance sobre o catarismo. Era um romance de ação e tão dedicado aos princípios do anticatolicismo quanto à admiração pela base ampla e simples da fé cátara. Por vezes parecia viver no século XIII ao ponto de, em várias ocasiões, começar cartas ou notas com a data 1264 em vez de 1964. Estou, no entanto, preparado para acreditar que esta desarticulação do sentido do tempo pode não ter sido significativa e que, olhando para trás, apenas sofri uma confusão normal e quase fisiológica da memória.

A 18 de dezembro há uma nota a dizer que estivera a ler livros sobre o catarismo obtidos para mim pela biblioteca local. Nela interrogava-me sobre quanto uma concentração intensa e deliberada num tal assunto poderia impedir experiências reais.

9

As próximas semanas dividem-se melhor em duas secções. O que aconteceu neste período classifica-se sob dois títulos: primeiro, o episódio da Sra. Smith e Madame X; segundo, evidências gerais das suas propensões psíquicas.

Tratarei primeiro da história de Monsieur X, um estrangeiro de meios independentes e residente no estrangeiro, cuja mulher, agora falecida, fora teosofista e interessada em diversos assuntos esotéricos. O catarismo fora um dos seus interesses e ela escrevera um ou dois artigos sobre o assunto em publicações especializadas de circulação limitada. Deparei-me com um destes artigos num número antigo de uma revista. O artigo continha um ou dois pontos de interesse para mim. Escrevi à autora a perguntar pelas suas fontes de referência e recebi uma carta gentil do marido a explicar as circunstâncias e a responder às minhas perguntas o melhor que pôde. A 14 de dezembro tive uma carta da Sra. Smith na qual se verificou que ela

escrevera a Madame X no mesmo dia em que eu o fizera. Durante umas férias em França vira alguma referência a um artigo escrito por esta senhora. Mais tarde localizou a revista em que o artigo fora publicado. Leu-o com, como veremos, resultados desastrosos. Devo salientar que, nessa altura, o conhecimento da Sra. Smith sobre o catarismo era ínfimo e que só se interessava pelo assunto por causa do meu próprio interesse.

Esta sincronização de ação e pensamento entre a Sra. Smith e eu próprio ocorreu mais do que uma vez. Numa ocasião recebeu uma carta minha contendo a mesma frase longa que ela própria me escrevera como sua contribuição para uma discussão sobre a arte de escrever.

Esta carta do dia 14 estava perturbada. Monsieur X respondera-lhe da forma mais prestável e cordial. Ela descrevia-se como diante de um puzzle com várias peças em falta. O que a assustava era que se encontrava «na mesma comprimento de onda que outra pessoa». Estava desorientada e assustada porque sentia um desejo irresistível de voltar a escrever a Monsieur X. Temia que, se o fizesse, pudesse de algum modo causar-lhe dor. Disse que odiava envolver outras pessoas em problemas, tanto mais porque, em tempos, alguns amigos seus tinham ficado com medo dela. Não queria que mais ninguém tivesse os mesmos sentimentos a seu respeito.

A 22 de dezembro a Sra. Smith escreveu novamente. A tensão aumentava. «Estou a começar a ter medo. Porque consigo ver o futuro tão claramente e porque me estou a envolver com pessoas que não conheço?» O seu desejo inexplicável de escrever a Monsieur X era agora contrariado por uma decisão mais ou menos firme de não o fazer devido às impressões peculiares que estava a receber. A sua tensão era agravada pela própria bondade e cordialidade com que Monsieur X se expressara na sua carta. Considerava a reação dele como mais uma evidência assustadora da sua capacidade de se sintonizar com os outros.

No decurso de uma entrevista a 31 de dezembro fez uma declaração no sentido de que o amor era uma força imensamente criativa e que através dele a humanidade estaria unida. A declaração em si não me causou grande impacto. Concordei com os seus sentimentos impecáveis, mas achei-a um tanto banal. O que me surpreendeu foi que ela estivesse tão vaga quanto à sua origem. Não reivindicou tê-la produzido ela própria. Primeiro atribuiu-a a mim. Estava certo, para além de qualquer dúvida, de que nunca fizera tal declaração. Nunca adoto um tom elevado com os doentes. Um médico

não é um pregador e, na minha opinião, a sua abordagem aos doentes deve ser passiva e não envolver exortações desta natureza. Afinal, uma sala de consulta não é um púlpito. Ao mesmo tempo, não atribuí à Sra. Smith qualquer motivo duvidoso ao atribuir-me isso, nem o pus na conta da histeria. Tive, em relação à sua declaração, o que descrevi no meu diário como a «ideia louca» de que a sequência temporal fora baralhada e de que ela estava a citar algo ouvido noutra vida. Logo descobriria que as suas dúvidas sobre a origem desta declaração se tornaram para ela uma fonte de grande ansiedade.

Perguntei-lhe se me deixaria ver o que escrevera do que chamava o seu romance. Os escritos da Sra. Smith dividiam-se em duas categorias. Primeiro, havia fragmentos anotados à medida que lhe chegavam em fluxo e eram revelados nos seus sonhos. Estes fragmentos incluíam descrições de episódios, frases isoladas ou mesmo nomes, recordações da vida numa comunidade de mulheres na Idade Média e a memória de poemas cantados por um homem chamado Roger, de quem gostava. A segunda categoria era o romance que era essencialmente a história da sua vida com este homem. Era muito sensível e secreta em relação a esta história, como veremos com resultados infelizes. (Este esforço nada tinha a ver com o romance projetado passado em França, mas não na Idade Média. O desejo de escrever esse livro nunca se concretizou.)

A sua resposta ao meu pedido para ver o romance foi muito hesitante. Finalmente disse que sim, mas a sua dúvida e relutância eram óbvias.

O novo ano de 1965 começou com uma carta em que a Sra. Smith dizia que não enviaria qualquer parte do seu manuscrito. Mais tarde voltou atrás nesta decisão, mas manteve-a no que respeitava ao seu «romance». Novamente expressou o desejo de escrever a Monsieur X. Desta vez disse que não conseguia acreditar que pudesse magoá-lo de alguma forma.

[1] Era típico dela que omitisse dizer diretamente na carta que queimara o seu «romance». Tinha sempre um interesse febril no assunto imediato em discussão e, em certos estados de espírito, não lhe ocorreria dizer-me que tomara uma medida destrutiva que poderia ter sido de importância crucial para resolver o enigma.

A carta também transmitia que acreditava que eu ainda a via com os olhos de quem procura perturbação mental. Era excessivamente sensível

neste ponto e algo injusta. Desde muito cedo na nossa relação considerei as suas experiências extrassensoriais como genuínas. Alternava entre períodos de franca confiança e períodos de suspeita. Nestes últimos acreditava que, apesar do que eu dissesse em contrário, a considerava um caso e os seus sonhos e recordações como meros sintomas. Numa carta de 10 de janeiro disse: «Nunca antes confiei em ninguém. Esta era uma parte de mim que guardava exclusivamente para mim. Fiz voto a mim própria, anos atrás, quando aos treze anos estes acontecimentos inexplicáveis[2] começaram, de que ninguém jamais saberia.

Temia, como talvez tema agora, que fosse considerada uma excêntrica e acabasse por enlouquecer. Levei três anos a decidir contar-lhe, anos de evasivas, de tentar adotar um ar despreocupado, etc., etc.» Não foram três anos. A sua estimativa do fluxo do tempo nem sempre era precisa. Era óbvio pelo tom geral da carta que, embora tivesse confiado em mim, lamentava sentir necessidade de o fazer. (O seu arrependimento e o seu medo devem ter sido consideráveis para ter dado o passo de destruir um dos seus manuscritos. Não tive conhecimento positivo disso senão alguns dias mais tarde.)

Na mesma carta de 10 de janeiro de 1965 falou também desta «terrível aflição de "sair do tempo". Por vezes fico tão confusa que não consigo ter a certeza honesta se uma pessoa acabou de dizer algo, ou se o dirá um dia, ou se o disse no passado». Para uma pessoa desesperadamente ansiosa por ser acreditada e levada a sério, a sinceridade de tal declaração é convincente.

A carta do dia 10 continha uma mensagem muito significativa. «Não destruí o meu manuscrito num momento de raiva e impulsividade.» Referiu-se assim, de forma tão tangencial, a este ato de destruição. Tal forma de referência era típica da sua abordagem pouco mundana e sem cálculos para com todo o assunto.

[2] Refere-se às suas experiências do século XIII. Os seus dons extrassensoriais começaram a manifestar-se aos onze anos, com o início dos seus chamados ataques epiléticos.

Mesmo desejando ardentemente ser justificada e acreditada, nunca lhe ocorreu conservar esse manuscrito como prova da sua veracidade ou devido ao seu intenso interesse histórico. Estou convencido de que era muito precioso para ela e algo que não devia ser partilhado. A sua

destruição reflete também uma atitude mental que lhe permitia exprimir surpresa pelo facto de, no século XIII, na casa do seu homem Roger, não se usarem copos de vinho e de as lareiras estarem situadas no centro da divisão. De qualquer modo, o facto de ter agido assim é, para mim, ainda mais prova da sua sinceridade. Qualquer pessoa que quisesse convencer-me teria, nesta fase, conservado o manuscrito a todo o custo. De qualquer forma, não consigo ver que o romance, que enquanto tal teria de ser construído em certa medida, fosse tão importante como a evidência detalhada que me deu nas suas cartas, entrevistas e no manuscrito de escolar dos poemas cantados por Roger, evidência que, como veremos, estava em estrita conformidade com os factos históricos.

Continuou a escrever sobre a destruição do romance. «Fiz isso porque sabia, e Deus também sabe, que tinha de o fazer. Ressenti-me do seu interesse e, na verdade, sempre desencorajei ativamente qualquer interesse que alguém mostre pela minha escrita.» E novamente: «Esse romance era uma parte de mim, nunca para ser partilhada, nunca para ser discutida e nunca para ser publicada. Porque o escrevi então? Não sei. Era uma história bastante simples sobre uma família que vivia nos tempos dos trovadores. Sabia que, se não me livrasse daquelas páginas, seria culpada de plágio — não deliberadamente, mas por intermédio de um médium.[3]

Não conseguia, e ainda não consigo, compreender. Não consigo dizer-lhe exatamente o que escrevi porque, assim que o vi, destruí o manuscrito imediatamente. Não conseguia livrar-me dele com rapidez suficiente. Deve compreender que não o olhara há tempo suficiente, durante anos, na verdade, desde muito antes de ver aquele artigo lamentável na revista.» Refere-se ao facto de ter lido recentemente o artigo escrito pela falecida Madame X, mencionado anteriormente. «A passagem era no sentido de que o medo gera medo, que o ódio é positivamente criador de ódio, que os seus efeitos duram até à eternidade e até que o homem se destrua a si próprio.»

[3] [Ela não usa a expressão no sentido espiritualista do termo.]

Sei que estas palavras eram exatamente as mesmas que li neste artigo anos depois de as ter escrito. Sei-o porque ficaram gravadas na minha mente e agora consigo ver porque assim foi. Tudo isto aterrorizou-me para além das palavras. Tive de me livrar daquele livro. Realmente tive de o fazer.

Agora pode-se compreender a explicação da sua dúvida quanto à origem da sua declaração verbal sobre o poder criativo do amor. Descobriu-a no seu manuscrito escrito anos antes de ter tropeçado no artigo de Madame X. Este último continha uma declaração idêntica. A Sra. Smith ficou aterrorizada com o que chamou o seu «plágio inconsciente».

Depois voltou ao tema de querer escrever a Monsieur X para o ajudar. «A minha vida está tão ligada às palavras e, no entanto, elas falham-me quando mais preciso delas.» Falando de Monsieur X, disse: «Sinto a mente dele a estender-se para mim e fico cheia de compaixão, mas sou retida por um medo terrível de o magoar. Será possível ajudar um semelhante e, ao mesmo tempo, magoá-lo?»

10

Vi-a a 31 de dezembro. Contou-me que, quando era muito pequena — até onde sabe, com cerca de seis ou sete anos —, lhe mandaram tirar os setes de um baralho de cartas e ela fê-lo com o baralho virado ao contrário e as costas para cima. Aos onze anos, um dia teve uma dor de cabeça lancinante e perdeu os sentidos. «Pensaram que eu tivera um ataque epilético ou coisa parecida.» No dia seguinte, sem se aperceber da natureza invulgar do que fazia, disse a um conhecido adulto, que acabara de receber uma carta e ainda não a abrira, qual seria o seu conteúdo. A notícia transmitida nessa carta era distintamente desagradável. O destinatário reagiu mal a este ato de precognição e a Sra. Smith começou a considerar-se uma espécie de excluída.

O facto de ter tido uma dor de cabeça e de ter perdido os sentidos antes deste ato de precognição é muito importante. Estes sintomas podem ser os de uma enxaqueca grave. Como já disse, a epilepsia era considerada como fazendo parte do quadro. Ambas estas doenças podem ocorrer em pessoas psíquicas com capacidade de sair do tempo. O *déjà vu*, o fenómeno do «já estive aqui antes», é, por exemplo, comum entre epiléticos.

Falou de outro sonho recorrente que teve durante anos e que ainda continuava. Tinha o cabelo comprido e alguém o atava em nós dizendo-lhe que nunca escaparia dele. Insistiu que os acontecimentos descritos neste sonho ocorreram em Toulouse.

Uma vez, antes dos vinte anos, antes de alguma vez ter ido ao estrangeiro, estava noiva de um jovem que, numa ocasião, fez um comentário depreciativo sobre França. Imediatamente rompeu o noivado.

Enquanto falava dos horrores de Toulouse, não parava de dizer que não acreditava em reencarnação. Era claro que, na realidade, acreditava. É impossível conceber que uma pessoa da sua inteligência, confrontada com tanta evidência acumulada ao longo dos anos, pudesse ser outra coisa senão crente. Era óbvio que a aceitação desta crença lhe estava a ser imposta contra a sua vontade e com imenso conflito interno.

Concordou comigo que «tudo acontece nos Pirenéus». Eu fizera anteriormente algum comentário no sentido de que tantas heresias tiveram origem naquela região e de que os seus habitantes pareciam sempre ter favorecido a abordagem direta em vez da teológica a Deus.

Parecia que começara o seu romance sobre os trovadores quando foi aos Pirenéus em 1954. Parece evidente que o contacto com esta localidade desencadeou as suas recordações. Repetiu que o romance era só para ela e nunca destinado à publicação. Estou convencido de que era absolutamente sincera ao fazer esta afirmação. Enfatizou que esta obra nada tinha a ver com os cátaros. É bastante óbvio que dizia respeito aos cátaros, mas ela não os reconhecia como tal porque o nome lhe era desconhecido. Indicou, no entanto, que envolvia os trovadores.*

Tem de se reconhecer que a sua ignorância da história francesa medieval era completa enquanto escolar e até vir ter comigo. Era pouco melhor mesmo tão tarde quanto a data desta nota (ou seja, 31 de dezembro de 1965). Nunca, ao longo de todo o processo, revelou qualquer interesse real pelo catarismo. Já conhecia o seu ritual e sabia que os seus expoentes eram bons e gentis. Certamente, mais tarde, folheou com bastante avidez as passagens relevantes de Guiraud e de uma ou duas outras obras, mas isso foi motivado pelo seu desejo de ter a certeza final de que as suas personagens existiram e de que, ao falar e escrever sobre elas, não era anormal.

A história mais notável nesta entrevista foi o seu relato de como foi acusada na escola de fazer batota. Isso aconteceu após um exame terminal na escola. Eis a citação da sua carta: «Tinha uma memória fotográfica e escrevi metros de um comentário sobre Wordsworth palavra por palavra tal

como estava no livro. Fui ameaçada de expulsão, mas escapei porque me ofereci para o fazer novamente com uma professora presente na sala a atuar como vigilante.» Reproduziu todo o grande excerto palavra por palavra como antes. Não foi expulsa, mas a partir desse dia a memória fotográfica desapareceu.

- Não há espaço aqui para discutir a relação entre os cátaros e os trovadores. As diferentes autoridades divergem quanto ao grau dessa relação. Apenas dois factos precisam de ser mencionados. As casas da nobreza onde os sacerdotes cátaros eram recebidos eram muito frequentemente aquelas onde os trovadores também eram acolhidos como hóspedes. Em segundo lugar, é amplamente e convincentemente aceite que uma grande proporção dos poemas trovadorescos eram alegorias religiosas e de modo algum a celebração do amor carnal ou da atração física.

11

A 9 de janeiro senti-me muito cansado. Quando me deitei, houve um grande e rápido movimento de faixas roxas escuras e verdes no meu campo de visão. Isto acontece-me frequentemente e costuma indicar atividade psíquica, nem sempre de natureza feliz. Nesse dia obtive uma das pistas mais significativas sobre o motivo por que a Sra. Smith tinha tanto horror de Toulouse e, em particular, da catedral de Saint-Étienne.

Li num monográfico de Molinier que o claustro de Saint-Étienne era um dos locais onde a Inquisição se reunia. Não estava à procura desta informação quando pedi emprestado esse ensaio. Obtivera o nome e o título do monográfico a partir de uma biografia noutro livro que lera e pedira-o apenas para alargar o meu conhecimento do catarismo.

A 13 de janeiro há uma referência interessante ao pesadelo recorrente da Sra. Smith. Esta pode ter sido a sua primeira declaração escrita de que este cessara, mas não tenho a certeza porque ela escreveu tantas cartas. O excerto era o seguinte: «Fui ter consigo por causa de pesadelos aterrorizantes que, estranhamente, começaram mais ou menos na mesma altura que as outras coisas. O pesadelo era sempre o mesmo. Sentia que havia um homem alto e escuro de pé ao meu lado direito e que me ia magoar. Tive este pesadelo frequentemente durante cerca de dezanove anos

e não sei o que foi que disse ou fez, mas nunca mais o tive desde que o vi.»[1]

Explicando porque não me disse imediatamente que os pesadelos tinham cessado, continuou: «Não gosto de mentir,[2] mas tinha de voltar a vê-lo e como poderia fazê-lo se lhe dissesse que estava curada?» Depois falou de como eu a «curei» dos seus pesadelos. Era óbvio que não sabia que o que ocorreu não foi resultado de qualquer terapia, mas de algum tipo de comunicação e de que eu estava apenas a atuar como instrumento passivo e nem sequer precisava de ser médico. Revelou então que, desde a primeira entrevista, ficou livre de outros dois sintomas. «Costumava ter pavor do escuro e nunca dormia sem luz a menos que alguém estivesse comigo.» Antes odiava ficar sozinha em casa. «Esse medo também me deixou e nunca mais voltou.» Novamente se refere ingenuamente ao que chamou psiquiatria hábil, que simplesmente não entrava no quadro.

[1] Nunca «disse nem fiz nada» sobre os pesadelos. O leitor tem direito à sua própria interpretação. [2] Não mentiu porque nunca lhe perguntei se o pesadelo tinha cessado. Tento sempre, na medida do possível, evitar perguntar aos doentes sobre sintomas particulares. O que ela quer dizer é que, aos seus próprios olhos, considera que agiu de forma desonesta ao não me informar, após deixar passar um intervalo razoável para ver se voltavam, de que já não era incomodada por esses sonhos. Eu não vejo as coisas assim. Acho que está a ser um pouco dura consigo própria.

Salientou que o que chamava «sensações» — isto é, as suas intuições, memórias e visões — vinham em fases e que, nessas alturas, lhe era difícil dormir e não tinha apetite. Também nessas alturas sofria de dores de cabeça lancinantes.

Nessa data referiu novamente o facto de ter começado a escrever o seu romance em 1954. O meu diário aponta que esta data é especialmente significativa. 1954 foi também o ano em que comecei uma doença chamada síndrome de Ménière, que envolve uma perturbação do labirinto. Tinha ataques de tonturas e de desequilíbrio acompanhados de náuseas. Considero tais sintomas em certas pessoas como expressão de estarem fora do tempo. Este tipo de vertigem labiríntica é um dos grupos de doenças a que os sensitivos estão predispostos. A minha doença começou poucos dias depois da primeira visita da paciente aos Pirenéus. Ela própria também esteve doente nessa altura com uma doença misteriosa e febril em que se

sentia péssima. Sei que o meu primeiro ataque desta condição lamentável foi a 24 de agosto de 1954. Gostaria que a Sra. Smith tivesse conseguido dizer-me com mais precisão a data das suas férias nos Pirenéus. Quando se lida com pessoas assim, quanto maior for a sincronização temporal através da distância, mais enfática é a evidência de uma ou outra das variedades de comunicação psíquica.

Descobri uma pequena referência à mulher de Monsieur X numa pequena publicação de inclinação esotérica. Parece que ela morreu em 1954.

Na noite de 14 de janeiro tive, aparentemente sob as pálpebras, o desfile de cores vivas e ativas que mencionei anteriormente. Depois vi duas «flores abertas, brilhantemente prateadas, reluzentes, em movimento, com muitas pétalas». Esta profusão de adjetivos é como o descrevi no meu diário, sempre escrito com grande rapidez. Os estudantes de literatura oriental não deixarão de notar que a minha experiência é um simbolismo visual da abertura da flor de lótus associada ao aumento da iluminação. O meu conhecimento de simbolismo é insignificante, mas o facto de estas visões aparecerem nesta altura é significativo.

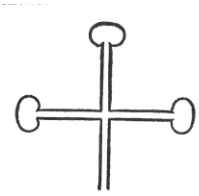
Na noite seguinte a esta visão sonhei com a Sra. G., a primeira paciente que seriamente orientou os meus pensamentos para a reencarnação. No sonho, ela tinha magoado a perna direita e eu estava a ajudá-la a descer uma colina. Duas noites depois sonhei novamente com ela. Vinha ter comigo por uma longa escadaria numa aldeia alta. A minha nota diz: «Obviamente pensa-se agora em França.» Pode haver aqui alguma ligação com a experiência da Sra. Smith em Saint-Jean-Pied-de-Port. Estas últimas observações são mera suposição.

O que vale a pena notar é que eu tenha sonhado duas vezes em três noites com a Sra. G., pela simples razão de que, até pouco antes deste período, raramente sonhava com pessoas que conhecia. (Não é que conhecesse bem a Sra. G. No total tive quatro consultas com ela.) Se sonhava com humanos, nessa altura não os imaginava como entidades específicas e nomeáveis. Levanto a questão destes sonhos porque, numa história como esta, nunca se pode ter a certeza de quem iniciou a cadeia psíquica em que se encontra cuidadosamente enredado.

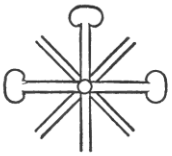
12

A 25 de janeiro estava ocupado a dividir em capítulos um romance que escrevera sobre os cátaros. O meu diário registou: «Estou sempre a escrever 1200 em vez de 1900. Anotei isto devidamente, fui escrever outra data, fiz a mesma coisa outra vez, disse a Mary quando ela chegou a casa o que continuava a fazer, depois fiz outra nota e voltei a fazer o mesmo!»

A 30 de janeiro as figuras sob os meus olhos quando estava deitado eram as seguintes:



Mais tarde o símbolo foi alterado para



Isto é para dizer que na cruz mostrada no diagrama 3 apareceu um ponto brilhante e reluzente no ponto de interseção do que era a cruz original antes de se lhe ter acrescentado a de Santo André. A área de todos os braços das cruzes é igual em comprimento. Não há um braço vertical longo como na Cruz Latina romana. As protuberâncias nas extremidades dos braços também são significativas. Estas cruzes assemelham-se às de origem cátara e maniqueísta.

A 2 de fevereiro recebi uma carta da Sra. Smith dizendo que, como tinha passado três anos sem pesadelos, pensara em não comparecer à consulta. Na noite anterior, no entanto, acordara a gritar, mas sem sonho acompanhante de que se lembrasse. Disse também que recebera uma carta de Monsieur X na qual ele perguntava sobre os nomes da sua família. «Não lhe posso dizer muito sobre a minha família porque o meu pai e todos os seus parentes estão mortos. Só sei que o meu avô nasceu num lugar chamado Ashridge, em Kent.» (O itálico é meu. Isto é muito importante. Ashridge não fica em Kent, mas em Hertfordshire.) Ao voltar estas páginas, o leitor pode ver que Ashridge é o lugar onde esta história de

catarismo começa.[2] Isto constitui também mais um testemunho de que a Sra. Smith não tinha um conhecimento considerável de livros que a pudesse ajudar e não era do tipo que forjasse provas.

A sua avó, após a morte dos pais, foi enviada para um convento e criada por freiras irlandesas. Embora a ascendência católica da Sra. Smith seja indiscutível, ela escreveu que só recentemente se apercebera de que as suas amigas muito próximas tinham sempre uma coisa em comum: todas foram criadas como católicas romanas e rejeitaram a fé. Se a Sra. Smith parece atrair hereges, a história da minha família está bastante salpicada de contactos com católicos romanos. Nesta vida escapei por um triz a ser católico. O meu avô apaixonou-se por uma rapariga católica, mas recusou casar com ela a menos que abandonasse a sua fé. Recebi também muita ajuda e lealdade de católicos. Talvez tudo isto signifique que tenho de aprender a perdoar-lhes.

13

Uma curta nota da Sra. Smith datada de 4 de fevereiro aumenta a tensão da história. As personagens principais e os cenários das suas ações estão agora a ser introduzidos. Pergunta-me se já ouvi o nome Fabrissa. Seria uma pessoa ou um lugar? Durante os dias seguintes houve uma quantidade considerável de atividade psíquica sob a forma de pessoas a verterem sobre mim sonhos precognitivos e coisas semelhantes. A 12 de fevereiro recebi outra carta da Sra. Smith.

Nesta há uma aceitação mais plena, consciente e verbal da reencarnação. Ela já devia acreditar nisso anteriormente. É notável quanta energia deve ter desperdiçado na sua ação de retaguarda. Referiu-se à manhã em que passei pela sua casa. Falando dessa ocasião, disse: «Sabia que viria. Era domingo e estava a nevar, e lembrei-me de que há anos veio ter connosco ao sábado durante uma forte tempestade de neve. Estava convencida de que voltaria a acontecer, e entrei em pânico terrível quando veio. Nunca me consigo lembrar do motivo da sua visita…» (Como já disse, eu também não.)

«Penso que vivia mesmo fora de Toulouse, ou talvez na própria Toulouse, quando veio à nossa casa há anos naquela tempestade de neve. Éramos uma família muito pobre, mas o senhor era de nascimento nobre. Apaixonei-me pelo senhor nessa altura, e o meu pai disse que eu nunca

mais podia encontrá-lo — o senhor não era da nossa classe e, o que era ainda mais importante para ele, não era da nossa fé. Éramos católicos romanos. Recusei separar-me do senhor e acabei por ser excomungada. Fui viver consigo. Não estávamos casados. Disse-me que, se alguma coisa me acontecesse, eu devia ir ter com Fabrissa. Foi por isso que lhe perguntei sobre esse nome. Podia ser um lugar, ou podia ser uma pessoa. Nunca descobri. Lembro-me, e oxalá não me lembrasse, da angústia de o perder e da terrível solidão que senti sem o senhor.»

Continuou a carta com frases como: «As coisas que disse nesta carta parecem completamente loucas, mas consigo ser sensata em relação a tudo isto. Não é preciso que sinta pena de mim agora que sabe todos os factos.» (Esta última era um eufemismo. Tinha ainda muito mais para me contar.) Perguntou se, face ao que me dissera, devia manter a próxima consulta no hospital. «Quero também ser curada destes ataques de gritos, mas não se isso o for incomodar.»

O seu pesadelo recorrente básico desaparecera, mas por vezes ainda acordava a gritar sem sonho acompanhante. Implorou-me também segredo sobre as suas confidências. Mais tarde, ao aprender a aceitar a sua constituição, deu-me permissão para escrever a história se fosse de alguma utilidade para alguém. É.

Ao rever as minhas notas de 23 de fevereiro, vejo que tive um sonho em que não ia regressar à universidade e senti um imenso alívio. Nos últimos anos tenho tido frequentemente este sonho de estar de volta à universidade. Substituiu aquele em que tenho um exame no dia seguinte e não abri, ou por vezes nem sequer comprei, um livro sobre a matéria. O sonho de não regressar à universidade inclui agora a realização aliviada e feliz de que tenho um grau de medicina e, portanto, não faz sentido submeter-me a mais exames que falharia de qualquer modo.

Anteriormente não me preocupei muito com o significado deste sonho de insegurança, mas agora parece-me claro como água. Interpreto-o como indicando que já não preciso de me preocupar demasiado com os aspetos materialistas e científicos da medicina. Em resumo, posso seguir as minhas inclinações e ser um médico verdadeiro. Tenho qualificações suficientes para justificar que siga as minhas intuições e me deixe guiar pelo vento predominante que sopra sobre mim.

A 26 de fevereiro a Sra. Smith disse que da primeira vez que me viu sentiu que me reconhecia após a passagem de séculos. Foi nesta data que salientou que as minhas primeiras palavras para ela foram: «Já a vi antes?» Eu próprio não tinha tais memórias. A recordação da minha ida à casa dela perto de Toulouse na tempestade de neve chegava-lhe por vezes em sonhos e por vezes enquanto fazia as tarefas domésticas, como passar a ferro. Disse com grande convicção que, se tentasse lembrar-se, nada acontecia. Tenho a certeza de que seria a mesma experiência se eu tivesse esse dom.

Verificou-se que o sonho de ser arrastada para fora de uma igreja em Toulouse começou depois de me conhecer. No sonho gritava «Tolosa». Era o nome de Toulouse na Língua d'Oc. O nome Saint-Étienne veio-lhe ao acordar do sonho. Tenho a certeza de que os seus gritos noturnos se relacionavam com a sua experiência em Toulouse e nada tinham a ver com o seu pesadelo recorrente básico, agora banido. O seu medo geral de Toulouse, à parte a igreja de Saint-Étienne, data de 1954. Durante as suas férias em França nesse ano, alguém mencionou Toulouse e ela foi inexplicavelmente tomada de terror. O seu medo desta cidade começou muito depois de o seu pesadelo original estar bem estabelecido. A explicação do seu pavor de Toulouse ver-se-á mais tarde ser bastante simples.

A Sra. Smith disse que tinha uma teoria de que não se pode olhar para a frente a menos que se consiga olhar para trás. Olhar para a frente é impossível a menos que se tenha olhado para trás em busca de um padrão. Perguntou-se se a mulher que previra o assassinato do Presidente Kennedy teria tido um olhar para trás ao assassinato do Presidente McKinley em 1901.

14

A 28 de fevereiro tive um sonho horrível. Senti uma presença à minha direita. Ouvi uma voz no ar, mas não sabia o que dizia. Ao acordar, ainda lá estava a presença e o ar parecia mais espesso e algo palpitante. Estava tão assustado que fui procurar o gato para me fazer companhia. A 1 de março tive um sonho apocalíptico de estar num planalto com uma montanha à minha direita. O topo da montanha explodiu. Depois, em frente, havia outras montanhas. Enquanto as observava, elas foram niveladas e «um rio de fogo e lava fluiu na minha direção numa grande onda larga. Veio-me à ideia que, se me movesse para a esquerda, seria salvo.»[1]

Não sei se estes sonhos cósmicos óbvios estão relacionados com o facto de, no dia seguinte, 1 de março, a Sra. Smith me ter escrito uma carta que atraiu a minha atenção para a minha visita anterior a este planeta. Nesse dia recebi a primeira evidência da minha existência no século XIII.

Nesta carta perguntou-me se lhe tinha «falado dele». (É uma mulher muito inteligente com uma memória excelente, mas há por vezes algum baralhamento da experiência temporal quando lida com a sua vida interior. De qualquer modo, já me dissera que ele viera à casa deles em Toulouse.) «Falo de Roger no sono.»

Esta foi a primeira vez que mencionou pelo nome o homem que amara. «Chamo por ele se tenho um sonho aterrorizante.» Disse que na casa em Toulouse tinha vagas memórias de outra mulher a viver lá. A casa a que se refere aqui não é a sua casa familiar. É uma em que viveu com Roger. Durante este mês a Sra. Smith escreveu uma ou duas cartas em que dizia que já não precisava de consultas. Era óbvio que ainda passava por períodos em que lamentava ter confiado em mim. Isto não é surpreendente, considerando que conduzira uma guerra privada consigo própria durante vinte anos, combatendo constantemente a ideia de que era louca ou má e de que as pessoas pensariam que era uma ou outra se soubessem os factos sobre ela.

Veio, no entanto, a uma consulta a 30 de março. No sono chamava frequentemente por Roger. Estava a dizer a Roger como sair de Toulouse passando pelos bosques. (Toulouse sofreu terrivelmente durante as guerras albigenses.) No seu sonho estava tão preocupada com a segurança de Roger que o marido teve de a acalmar dizendo que ele próprio era Roger e que estava ali ao seu lado.

Disse que num sonho gritara sobre a cripta de Saint-Étienne em Toulouse. É possível que prisioneiros fossem detidos na cripta da catedral antes de serem interrogados no claustro. Ou pode bem ser que a tortura fosse aplicada na maior reclusão da cripta. De qualquer modo, a minha suposição de que a Sra. Smith tivera uma experiência agonizante na catedral de Saint-Étienne em Toulouse provou-se, como se verá mais adiante, essencialmente correta.

Esta paciente teve períodos em que escreveu uma grande quantidade de cartas. Não pode haver dúvida de que isso a ajudou a clarificar a

situação para ela. Certamente ajudou-me a mim. Só lendo as suas cartas e comparando-as com o meu diário consigo ver como, lentamente, por vezes nem tanto, e muito seguramente, o puzzle começou a encaixar. Em toda a minha correspondência com ela não fiz mais do que tranquilizá-la de que as suas recordações não eram sintomas de loucura e fornecer-lhe a informação que pudesse sobre as questões que levantava. Isto envolveu, da minha parte, uma quantidade razoável de estudo. Nunca a «tratei» por escrito em qualquer sentido.

No início de abril as suas cartas estavam carregadas de arrependimento por já ter dito tanto e voltou ao tema de que teria sido melhor se a tivessem considerado um caso psiquiátrico. Todo o assunto era doloroso para ela e o processo de revelação pode bem ter sido excruciante. Além disso, as fases em que se sentia baixa, frustrada e ressentida podem ter precedido episódios de maior iluminação. A frustração e a depressão antes da revelação são comuns no plano psíquico e a maioria dos artistas criativos já passaram por esta experiência. De qualquer modo, numa carta de 15 de abril houve um grande passo em frente.

«Há uns meses estava a ler um jornal e a falar de coisas sem importância quando, de repente, soube a identidade do homem que me aterrorizara durante tanto tempo. Ele nunca tivera realmente intenção de me magoar. Tive medo porque estava a dormir (no chão) e ele estava de pé ao meu lado quando acordei. Pensei que viera dizer-me que algo terrível acontecera a Roger. Este homem era uma personagem estranha. Assassinara alguém e não estava nada arrependido. Parecia bastante selvagem e ria-se, dizendo que estava contente.»

Esta descrição corresponde exatamente ao carácter e comportamento de um certo Pierre de Mazerolles. A evidência do seu carácter e comportamento deriva do testemunho de um dos seus confrades, Imbert de Salas, Sargento de Armas, perante a Inquisição em Carcassona.[2] O carácter de Pierre é descrito mais adiante em maior detalhe pela Sra. Smith. Os detalhes adicionais que ela fornece correspondem com ainda maior exatidão aos mencionados por Imbert de Salas. (Aqui não há qualquer questão de transferência de pensamento. Só muito mais tarde vim a conhecer o testemunho de Imbert de Salas.) Além disso, como veremos mais adiante, a descrição de Pierre de Mazerolles corresponde também com uma exatidão impressionante à revelada em dois pesadelos que tive mais

tarde. O ponto em questão é que de Mazerolles participara num assassinato, que estava exultante por o ter feito, que o assassinato foi um acontecimento histórico e que regressou para se gabar dos seus feitos e possivelmente para ser tranquilizado quanto a eles.

[2] Doat t. xxiv, p. 172.

O sonho da Sra. Smith é uma memória do regresso deste senhor após o assassinato.

A carta continuou: «Roger não esteve envolvido neste assassinato brutal, mas eu não queria que mo dissessem e fiquei chocada e assustada. Este homem tentou beijar-me e eu gritei, e ele riu-se de mim.» No meu romance cátaro há uma personagem que fica friamente exultante ao matar e que tenta beijar a amada da personagem central. Estava a escrever este romance antes de saber qualquer coisa sobre Pierre de Mazerolles.

Segue-se então um grito do coração na carta em que a paciente obviamente deseja escapar a uma realidade dolorosa. «Como pode alguém são pensar em histórias tão fantásticas? Que tipo de mãe posso eu ser para os meus filhos?» E logo de seguida: «Algo peculiar aconteceu há pouco tempo. A minha filha mais nova estava inquieta durante a noite e, quando fui ao seu quarto, juro que estava a falar francês e, no entanto, só conhece algumas palavras. Disse-lhe em francês para dormir e ela acalmou-se. Devo ter imaginado tudo isto também. Nunca lhe ensinaram francês — tem apenas sete anos.»

«Não vou mais a França. Isso só me piora.» Disse que o marido lhe contara que, quando recentemente gritara por Roger no sono, pronunciara o nome à francesa.

Nesta fase, quanto mais a paciente se aproximava de ver o padrão de tudo, mais sujeita estava a rápidas flutuações de humor em algumas das quais se descrevia como louca e me acusava de pensar o mesmo. Estes períodos eram seguidos de cartas agradecidas em que dizia que estava muito mais em paz e me agradecia por acreditar no que dizia e por a tranquilizar quanto à sua sanidade.

Algures por volta de 17 de abril recebi uma curta nota. «Se quando estiver em França encontrar Fabrissa, Roger, Pierre de Mazerolles ou qualquer desta multidão louca, diga-lhes que vão para o inferno. Estarão

melhor lá do que na minha imaginação.» Mas eles não existiam na sua imaginação. Pode ler sobre eles em várias deposições feitas à Inquisição.

A 22 de abril fui para Cumberland. Antes de partir, uma amiga francesa, católica, deu-me um ou dois exemplares da revista *Plaisirs de France* para leitura leve de férias. Fiquei surpreendido ao encontrar num deles um artigo pouco profundo sobre o catarismo. Fiquei ainda mais surpreendido ao ver uma fotografia do Professor Nelli. Ele estava à porta de uma espécie de instituição com uma mulher vestida com hábito religioso. A instituição era uma casa em Fanjeaux com ligações cátaras. Não tenho a certeza se o artigo mencionava que a casa pertencera anteriormente à família Durfort. De qualquer modo, nessa altura eu não sabia que eu e as personagens com quem estava ligado no século XIII pertenciam, tinham casado ou estavam estreitamente relacionados com esta família.

15

Recebi uma carta datada de 25 de abril que me deu uma imagem ainda mais clara das capacidades psíquicas da Sra. Smith. Não se pode encontrar memória longínqua sem outros atributos psíquicos. «Todo o assunto parece ter começado com aquele incidente sobre a carta da minha amiga.» (O leitor pode lembrar-se de que, aos onze anos, a Sra. Smith disse a um conhecido o que estava numa carta antes de o destinatário a abrir.) «Havia mais do que isso. Nunca tinha conhecido o jovem dela na altura, mas sabia que ele não casaria com ela. Infelizmente disse-lho, e depois senti um medo estranho quando as discussões sobre o casamento estavam a decorrer.»

Quando as previsões da Sra. Smith se concretizaram, houve naturalmente um alvoroço e o conhecido tratou-a como se ela fosse responsável. «Depois disso, se tivesse alguma ideia sobre acontecimentos futuros, não dizia uma palavra.»

«O facto de ter previsto a morte do meu pai não é muito surpreendente. Ele andava há anos a entrar e a sair do hospital. Estava muito doente e ninguém esperava que vivesse tanto tempo. O estranho na sua morte foi que eu soube antecipadamente a hora exata em que morreu, embora, curiosamente, não me tenha preocupado demasiado o facto de saber este pormenor. Não era a primeira vez que sabia que alguém ia morrer.»

Depois referiu-se à altura em que foi considerada epilética, com base nos seus três ataques de inconsciência. O problema era que, quando descobria que estava a fazer o que chamava um «ato de leitura de pensamento», pensava que estava, nas suas próprias palavras, «a ficar um pouco esquisita porque era epilética. Tinha também ideias vagas na cabeça de ter vivido antes». Perguntou-se se tais ideias seriam sintomas de epilepsia, mas não parecia que fossem. «Tinha a escolha, ao que parecia, de ser epilética ou louca.»

Depois contou como se envolveu numa discussão há cerca de nove anos antes de escrever. «O problema é que não sou muito conhecedora de tempo. Nunca tenho a certeza se já me disseram algo ou se mo dirão mais tarde. Perguntei casualmente a alguém como se sentia por ser avó.» A senhora em questão não se apercebera de que estava prestes a receber esse título. Ficou furiosa com o filho e a nora porque não lhe tinham dito que o primeiro neto estava a caminho. O pai «ficou terrivelmente zangado comigo». A Sra. Smith continuou: «Tentei explicar que pensava que a mulher dele já me tinha dito que estava grávida e ele respondeu que eu era psíquica. Disse-o com tal veneno que me senti como uma leprosa.»

Falando de mim, disse: «Não sabia se o senhor era naturalmente distante e um pouco hostil, ou se era assim que os psiquiatras se comportavam com os doentes. Não me ajudou muito o facto de o confundir constantemente com quem o senhor era e quem é agora.» Isto explica o tom flutuante das suas cartas, em que a gratidão pelo apoio e a relutância por ter falado se alternam.

A 1 de maio tive um sonho de considerável significado.

Sonhei que estava no porão de uma casa com um indivíduo risonho e sardónico. Estava num estado de espírito estranho, uma mistura do macabro e do burlesco. Acreditava que ele me estava a pedir para colaborar na produção de uma história ou sonho. Nisso sugeriu a liquidação de outro indivíduo. Só mais tarde no sonho é que percebi que esta criatura não estava a representar, mas a falar a sério, e no sonho tive um sentimento terrível de horror e angústia. Este sonho liga-se à descrição da Sra. Smith do homem que aparecia no seu sonho e a quem descreveu como tendo cometido um assassinato e achando isso engraçado. Além disso, Roger não esteve envolvido neste episódio e, como cátaro praticante, deve ter ficado horrorizado. Parece que no meu sonho eu estava a refletir a atitude de

Roger. Pode dizer-se que o meu pesadelo foi instigado por ter ouvido os detalhes do da Sra. Smith. Esta é certamente a explicação mais razoável. Ao mesmo tempo, deve lembrar-se que o meu próprio pesadelo de toda a vida de um homem a entrar no meu quarto cessou alguns meses após o meu primeiro encontro com a Sra. Smith. De qualquer modo, por mais que o meu sonho tenha sido imposto pelo da Sra. Smith, o facto é que também ele retrata o regresso de Pierre de Mazerolles da sua incursão assassina.

Numa carta sem data, penso que algures em abril, ela disse como odiava este «vai e vem no tempo. Sempre me meteu em sarilhos, causou-me grande infelicidade, e eu odeio-o». Descreveu como um dos amigos do pai dela passou a última licença com a família dela antes de regressar ao serviço ativo. Mais tarde foi torpedeado e afundou-se com o navio. «Ele era igual a mim, agora percebo isso. Nunca dissemos nada, mas ele sabia.»[2] Disse-me que eu nunca devia preocupar-me. Como gostaria que esse homem não tivesse morrido. Tinha tantas perguntas sem resposta na cabeça, tanto que queria perguntar-lhe, e agora preciso do ombro dele para chorar. Mas continua: «Não consigo acreditar que esta coisa seja apenas má.» Era como se ainda persistisse na sua mente um sentimento de culpa sobre as suas potencialidades.

[2] Isto faz todo o sentido. Pessoas nesta sintonia reconhecem-se umas às outras sem falar.

16

No início de maio, a minha mulher e eu fomos a França. Foi durante estas férias que visitei o Professor Nelli pela segunda vez e ouvi as suas razões, idênticas às minhas, para começar um diário. Visitámos também uma instituição em Fanjeaux, cuja casa capitular fora outrora residência da família Durfort e que agora é um lar para raparigas carenciadas. Era inevitável que fôssemos guiados pela Superiora, cuja fotografia eu vira em Scale Hill, em Cumberland, ao ler *Plaisirs de France*. Ela própria mencionou espontaneamente a visita do Professor Nelli.

Gostei de percorrer a casa. Devo dizer que não tive qualquer sensação especial de recordação. Como veremos mais adiante, Roger deve ter estado nesta casa em inúmeras ocasiões.[1] Fanjeaux era o próprio coração do catarismo nesta área e as famílias nobres hereges casavam-se muito entre

si. Roger era neto do famoso trovador Guillaume de Durfort. Este último era o dono desta casa em Fanjeaux.

O que foi mais interessante foi que, na nossa primeira tarde a caminho de Carcassona, e antes de lá passarmos uma noite, eu estava sentado no carro, sem conduzir, naquele estado pesado e semi-hipnótico que surge quando se passa horas num carro em tempo de verão e se fica torporoso e desatento. De repente, a algumas milhas de Carcassona, vi o nome Mazerolles numa placa. Isso deu-me um arrepio. Antes já procurara este lugar no mapa. Até então não o encontrara porque sempre o procurara na vizinhança de Toulouse. Até à data, a narrativa da Sra. Smith centrara-se sobretudo nessa cidade.

Quando visitámos o lugar mais tarde, tive a mesma sensação que em Montségur. Senti que nunca lá chegaríamos. O nome parecia, de forma pouco usual em França, desaparecer das placas. Achei a paisagem no caminho para Mazerolles bela.

Novamente não tive sensações de recordação sobre o lugar em si. A 16 de maio há uma nota no meu diário a dizer que «esta é a primeira férias em que estive "aberto"». Esta afirmação deve ser bastante qualificada. O que quero dizer é a primeira férias desde que comecei a prestar atenção a estas coisas, digamos, há cerca de quatro anos. Houve alguns exemplos de a minha mulher e eu pensarmos as mesmas coisas ao mesmo tempo. Houve o caso de ver Mazerolles nas placas. Se não tivesse olhado para cima nesse momento, nunca o teria visto. Continuaria a pensar que ficava na vizinhança de Toulouse ou que desaparecera completamente.

No mesmo dia conheci Monsieur Déodat Roché, um dos mais importantes intérpretes modernos do catarismo e que foi referido, com deplorável sensacionalismo e inexatidão, como o Papa do catarismo. Tive dele uma grande impressão de integridade e ascetismo. A minha mulher ficou igualmente impressionada. O facto de termos tido esta impressão é importante porque cheguei à conclusão de que o catarismo é de importância absolutamente vital nesta era do materialismo. Não se procura um renascimento do catarismo. Não se pode viver criativamente fora do idioma da própria época. A grande maioria dos estudantes modernos do catarismo não pode dizer-se que sejam seus expoentes. Não se deseja impor uma conceção do século XII e XIII ao século XX. Mas ao contemplar o catarismo não se está a investigar uma interessante e nobre heresia, mas a

regressar ao cristianismo primitivo. É por esta razão que foi reconfortante conhecer um expoente do catarismo que emanava bondade e que foi descrito, numa visita posterior, por um amigo católico de idade madura e após um instante de observação, como a encarnação de tudo o que era bom.

Novamente, a 10 de maio, tive em Pau um sonho repetido de participar num drama real e aterrorizante que a princípio senti ser «teatro». Senti que esta era mais uma vez a sombra projetada por Pierre de Mazerolles.

Durante maio houve durante algum tempo uma pausa. As cartas da Sra. Smith denotavam maior paz de espírito. Nada de muito importante me aconteceu. A 16 de junho recordei no meu diário como, no passado, por vezes fora sensível ao meu nome pouco comum. Perguntei-me se ele me marcava de alguma forma como diferente. No sudoeste de França, no Midi em geral, os nomes que começam por Guir são muito comuns.

O «ham» obviamente surgiu como uma corrupção anglo-saxónica de «an» ou «on». Na entrada do meu diário perguntei-me se o meu receio em relação ao meu nome e o meu medo do catolicismo provinham da mesma fonte. Uma das punições infligidas aos albigenses era que eram obrigados a usar uma cruz amarela nas roupas como sinal de infâmia. Em tempos modernos, os judeus foram tratados pelos alemães com idêntica malevolência infantil.

No dia seguinte, a minha segunda filha disse-me que frequentemente nos seus sonhos via uma praça branca e soalheira com casas. Descreveu a cena como sendo como em Espanha. Conhece bem esse país, mas é quase totalmente desconhecida do sudoeste de França. De vez em quando, há anos, tinha visões, ao adormecer, de pessoas com rostos medievais a dançar de maneira semi-palhaça numa praça soalheira. A minha filha foi concebida em Nimes. Algures no fundo da minha mente há uma recordação assombrada de uma pedreira junto a uma estrada ensolarada. Sempre pensei que este lugar ficava nas redondezas de Nimes. Não creio que esta ligação provençal entre na história cátara. Pode bem ter a ver com outra encarnação.

A 12 de julho recebi uma carta da Sra. Smith. Ela lera um livro meu que tratava em parte da perceção extra-sensorial. Parecia que a ajudara porque podia ver que o que eu escrevera nesse livro estava de acordo com

as garantias verbais e escritas que lhe dera. Disse: «O senhor está obviamente genuinamente interessado neste assunto e eu não gostaria de o enganar fazendo-o acreditar que estou sempre certa. Às vezes os factos ficam muito distorcidos.» Depois citou o seguinte exemplo: «No início deste ano sonhei que uma mulher com quem costumava trabalhar, uma Gwendoline Ellen Grenville, tinha morrido. No sonho vi o anúncio no jornal. Alguns dias depois houve um anúncio de óbito relativo a Gwendoline Ellen Granville, com quem não tinha qualquer ligação. A mulher que conheço está muito viva. Não sei porque alguns factos se distorcem assim, mas acontece frequentemente.» Também eu não consigo explicar tais distorções, mas ocorrem, e o facto de a Sra. Smith admitir tais erros é mais uma prova da sua honestidade.

Na mesma carta disse que uma vez participara numa experiência extra-sensorial sob a forma de um jogo de adivinhação. Os participantes eram convidados a adivinhar a natureza de objetos numa caixa. Tentou e ficou completamente errada. Pessoas do seu tipo saem mal em experiências de E.S.P. Isto acontece porque o seu psiquismo resulta da abnegação temporária do ego humano. A psique, na verdade, assume o controlo. Nas experiências de E.S.P., o ego humano está a exercer-se em competição com outros egos. Verdadeiros psíquicos são na maioria das vezes inúteis a prever vencedores do Derby. Se tais qualidades fazem parte do seu arsenal, muitas vezes é em seu detrimento.

A 17 de agosto recebi outra carta. A Sra. Smith estivera a visitar amigos na Escócia. Sentia-se certamente melhor porque algo aconteceu lá que, alguns meses antes, a teria preocupado muito. Não estava na casa há muito tempo quando notou na estante o livro meu a que me referi no penúltimo parágrafo. Escreveu: «A minha amiga quase me derrubou ao comentar que estava a gostar do livro que eu lhe recomendara. Sei que sou propensa a ser esquecida, mas tenho a certeza absoluta de que nunca recomendei este livro a ela ou a qualquer outra pessoa, especialmente porque nessa altura não fazia ideia quais seriam as suas opiniões sobre tal assunto.»

Na mesma carta voltou ao tema do seu pesadelo original. Este fora de tal intensidade que ela nunca ficava em pensões ou hotéis por causa dele. Pela primeira vez não levantou objeções a que eu confirmasse os factos com o marido.

Depois expressou uma ideia que já mencionara anteriormente. Esta era que deveria visitar Toulouse sozinha. Disse: «Não estou ansiosa por procurar factos, mas por vezes fico frustrada porque os meus sonhos terminam sempre no mesmo ponto. É como ler um livro e descobrir que o autor não escreveu o último capítulo. Gostaria de saber se alguma vez fui ter com Fabrissa e se isto é uma pessoa ou um lugar.» (Nessa altura já me certificara de que Fabrissa era uma pessoa.) «Gostaria de saber como consegui transportar o dinheiro que tinha de levar para lá, porque o saco parecia conter apenas moedas.» Mais adiante nesta história ela explica as circunstâncias em que lhe foi dado o saco de moedas. A sua afirmação revela mais uma vez que descobriu o que descobriu diretamente e não por estudo. Não sabia que o papel-moeda não era usado na Idade Média.

17

A 13 de setembro a Sra. Smith foi ainda mais longe no seu passado. Aos quatro ou cinco anos foi-lhe dado um cãozinho de peluche muito pequeno chamado Roger. Sempre odiou o nome Roger. Aos onze anos quase morreu de peritonite. Julgavam que não passaria da noite e os pais foram chamados. Durante a noite não parava de chamar por Roger.

Foi durante esta doença, quando a sua vida era dada como perdida, que lhe trouxeram o Último Sacramento. Nessa altura ainda era uma católica praticante. Ao ver o padre e as freiras que o acompanhavam, gritou de terror. Recusou aceitar o Último Sacramento. É perfeitamente possível atribuir isto aos medos de uma criança delirante, mas será que se liga à sua recordação do seu passado cátaro e ao consequente horror pelo catolicismo? Penso que sim.

Deve realçar-se que os cátaros rejeitavam os sacramentos da Igreja Romana. Talvez o facto de chamar pelo seu cãozinho Roger tenha fornecido uma ligação verbal com o século XIII. De qualquer modo, a sua reação ao ver o padre e as freiras foi tão extrema que o médico responsável, um homem muito liberal e compreensivo, indicou firmemente que o terror da criança era tal que, em caso algum, o padre e as freiras podiam voltar a visitá-la durante a doença.

Num outro sonho que tinha sempre havia uma mulher mais velha na grande casa onde vivia com Roger. Não sabia a sua identidade, mas recordava que era sempre compreensiva e prestável. Veio-lhe em sonho

que o nome da mulher era Alice. No dia seguinte, para se lembrar, escreveu este nome num pedaço de papel. Depois de o fazer, refletiu como era estúpido escrever, para memorizar, um nome que, afinal, era o da sua própria mãe. Foi rasgar o papel e então descobriu que escrevera o nome Alais. Anotei no meu diário nessa data que era imperativo que escrevesse ao Professor Nelli.

Fiz isso posteriormente e descobri que Alais era um nome de rapariga comum no Languedoque no século XIII e que havia outras formas alternativas de o escrever, como Helis. A descoberta deste nome revelou-se posteriormente de importância cardinal para identificar as principais figuras nesta versão localizada da tragédia cátara. É fascinante pensar que se pode ler a deposição feita pela Alais da Sra. Smith aos agentes da Inquisição a 5 de agosto de 1243.

A Sra. Smith falou do seu sonho recorrente em que partia numa viagem levando dinheiro. Acrescentou que neste sonho ia ter com outra mulher. Nesta fase do processo assumi que a outra mulher seria Fabrissa. Enquanto falava comigo, perguntou-se se Fabrissa seria a mãe de Pierre de Mazerolles. Esta conjectura estava errada, mas ela estava certa ao dizer que eram intimamente relacionados. Fabrissa era, de facto, sua tia.

Descreveu duas casas: a da sua família e uma grande casa em que viveu mais tarde. Mostrou-se hesitante ao dizer que na sua própria casa o fogo ficava no centro da divisão. Desconhecia que isso era comum na Idade Média e que o fumo saía por um buraco no teto acima do fogo.

Admitiu que tinha medo da ideia de ser cátara. Disse que, quando Roger morreu há setecentos anos, tentou matar-se. Hesitou bastante antes de dizer isto e ficou ainda mais embaraçada quando acrescentou que tentara fazê-lo por inanição. Continuava assombrada pelo medo de ser considerada louca ou excêntrica. Tinha esta recordação há anos no seu sonho.

O que é importante nesta afirmação é que a morte por inanição é dita ter sido praticada pelos cátaros. Como ato positivo de suicídio era rara e foi positivamente defendida apenas por um Perfeito, Pierre Autier, no desesperado declínio do catarismo no final do século XIII e apenas na região do Alto Ariège. Era provavelmente uma prática mais comum para as pessoas que recebiam o Sacramento cátaro, o Consolamentum, no leito de morte, abstendo-se de tomar alimento para não prolongar indevidamente a

vida. Esta prática particular chamava-se Endura. A sua importância e a frequência da sua ocorrência foram grandemente exageradas pelos críticos católicos do catarismo.

A evidência mais recente produzida por Monsieur Duvernoy indica que a Endura era apenas o nome dado a um dos períodos prescritos de jejum e não estava especificamente relacionada com a morte por inanição. Monsieur Duvernoy tem o apoio da recordação direta da Sra. Smith do século XIII. Numa carta datada de 5 de abril de 1966, escreveu: «Ao longo dos anos as suas (i.e. dos cátaros) doutrinas e filosofia de vida foram distorcidas até ficarem irreconhecíveis. Não eram fanáticos quanto ao jejum e, enfaticamente, não aprovavam um entusiasmo excessivo pela auto-inanição.»

O facto de a Sra. Smith ter desejado morrer por inanição não prova que tais intenções fossem comuns entre os cátaros.

Admitiu que o manuscrito que rasgara e que chamava o romance era a história da sua vida com Roger. Na mesma tarde tive uma experiência estranha que não descreverei em detalhe porque está escrita noutro lugar. Estava a caminhar pela rua quando me veio à mente a imagem de velhos a rezar ou a cantar hinos numa construção escura e austera. Sabia que isto era em França e que essas pessoas eram vítimas de perseguição. Caí pesadamente e sem aviso.

No decurso da mesma caminhada de menos de meia milha tive esta visão três vezes e em cada ocasião caí ou tropecei. Ligo estes três episódios da tarde à minha entrevista com a Sra. Smith de manhã. O meu sentido do tempo foi desarticulado por esta última. A perda de equilíbrio é habitualmente considerada devida à perda de equilíbrio no espaço. Assim é, na sua expressão, mas na sua causa pode também ser devida à perda de equilíbrio no tempo, o que foi o que aconteceu nesta tarde particular.

18

Recebi uma carta datada de 14 de setembro em que a Sra. Smith, comentando a sua reação ao ler pela primeira vez as palavras de São Paulo sobre os dons espirituais, disse: «Que alguém devesse ser instruído a visar tais dons e desejasse fazê-lo estava para além da minha compreensão. Nunca visei esses dons, e também não os queria. Para ser absolutamente honesta, não penso que os queira agora, na verdade tenho a certeza de que

os recusaria de imediato se me fosse dada a escolha de os ter ou não os ter.» Disse: «A reencarnação é um assunto em que acredito, raramente falo e nunca leio. Todas as ideias que as pessoas têm de regressar ao mundo como cavalo, vaca ou coisa semelhante são ridículas. O espírito nasce, vive e nunca morre.» Depois continua dizendo que nunca podemos morrer porque nascemos do amor que é criativo mas não pode ser criado pelo homem à vontade. «O segredo reside no facto de o homem não poder controlar, desejar para si próprio ou destruir o amor espiritual, pois Deus é amor.»

Nesta carta diz que tem estado a clarificar a questão de Fabrissa. Diz agora que tem a certeza de que era uma mulher e uma parente qualquer deste assassino de Mazerolles (Pierre de Mazerolles). «Fico contente por não saber mais sobre ele depois da forma como me aterrorizou durante anos.» Eu próprio viria a descobrir muito mais sobre ele no decurso das minhas investigações.

Disse que agora desejava não ter queimado o seu romance. Disse que o escreveu em fases e que por vezes não lhe tocava durante meses. Isto é fácil de compreender. Evidentemente escreveu nas suas fases psíquicas, quando as impressões lhe chegavam em torrente. «Não havia grande coisa nele. Nenhum editor lhe teria posto a vista em cima. Senti que pertencia só a mim e a publicação não era a minha intenção.» A sua construção era obviamente fragmentária, pois limitava-se a anotar episódios e memórias à medida que lhe vinham.

«A história era muito simples, na verdade. As personagens eram as minhas personagens de sonho. O homem passava muito tempo a andar por aí a ensinar pessoas e a falar com elas. Atividades desse tipo convinham-me. Através dele escrevi página após página das minhas crenças religiosas, esperanças e medos. Tudo muito artístico e culto. O tipo de livro com que não consigo realmente lidar. É engraçado que tenha escrito num estilo que não é realmente o meu.»[1] Quando vi o que escrevera anos antes e vi como se assemelhava ao escrito naquele artigo, fiquei horrorizada e não consegui livrar-me daquele manuscrito com rapidez suficiente.» Refere-se aos excertos do seu romance que se assemelham tanto aos escritos pela mulher de Monsieur X. As pessoas com mais conhecimento do psíquico do que eu saberão até que ponto ela estava em contacto com a falecida senhora.

«Esse romance foi um fracasso completo desde o início. Não se podia escrever algo desse género sem recolher e peneirar meticulosamente factos e ler montanhas de livros de história sobre o período em questão. Nessa altura não queria saber nada sobre a Idade Média, o que, à primeira vista, não parecia nada lógico. A rapariga neste romance era muito jovem, engravidou, perdeu a criança e desejava desesperadamente outra e nunca a teve. Quando o seu amante morreu decidiu suicidar-se por jejum, foi persuadida a não o fazer e dirigiu-se a outra cidade. Pelo caminho passou por uma cidade onde decorria uma batalha violenta, sangrenta e horrível, e a tonta jovem idiota juntou-se ao combate atirando pedras e proferindo insultos.»

No cerco de Toulouse há registo de mulheres a participarem na batalha. É tradição que Simon de Montfort, o líder da Cruzada contra os albigenses, foi morto por uma pedra lançada por uma mulher. A tradição diz também que morreu não longe da catedral de Saint-Étienne, que se revelou um horror tão grande para a Sra. Smith. Não creio que a Sra. Smith se refira ao cerco de Toulouse. Houve dois cercos a Fanjeaux e um a Montréal.[2] Como veremos mais adiante, nestas cidades a influência da família de Roger e das que lhe estavam ligadas por casamento era preponderante. Menciono Toulouse apenas porque li definitivamente que mulheres participaram na defesa da cidade. O que aconteceu em Toulouse também poderia ter ocorrido em Fanjeaux e Montréal.

«Ela, juntamente com muitos outros, foi levada para uma catedral[3] por causa da parte que tomara na batalha, mas subornou os captores com dinheiro e conseguiu escapar. Correu da catedral "como se o próprio diabo a perseguisse", e é aqui que vos deixo no ar porque foi até aqui que cheguei e nunca fui mais longe.»

Terminou a carta da seguinte forma: «É um alívio colossal saber que não pensa que sou epilética. Muito obrigada por me dizer isso.»

A 20 de setembro tive mais evidências detalhadas da sincronização entre a minha doença de Ménière e a primeira visita da Sra. Smith aos Pirenéus. A minha doença começou a 24 de agosto de 1954. Ao consultar um diário antigo, descobriu que, enquanto estava nos Pirenéus, esteve doente e com febre alta a 20 de agosto.

Após uma entrevista com a Sra. Smith recebi uma carta datada de 20 de setembro. (Nessa altura a Sra. Smith quase invariavelmente seguia uma entrevista com uma carta.)

Nesta carta escreve de forma inteligente e algo sarcástica sobre os aspetos bonitinhos da reencarnação. Disse: «Só posso falar a partir da experiência pessoal quando digo que me lembro de pessoas más que existiram noutra vida e só posso supor que um dia me lembrarei delas novamente. Seria agradável pensar que desapareceriam todas numa nuvem de fumo, mas não consigo pensar assim.»

Escreveu também de forma interessante e crítica sobre a contemplação, mas não tenho espaço para desenvolver estes temas. É pena, porque as suas visões sobre a vida são inevitavelmente moldadas pela recordação da sua experiência passada. Vale, no entanto, a pena fazer uma citação da sua carta porque exprime a sua experiência do catarismo tal como lhe foi revelada enquanto escolar. É interessante confrontar estas com as opiniões dos sábios. Aparentemente mencionei-lhe que uma autoridade[4] dissera que os sacerdotes cátaros, conhecidos como Perfeitos, eram por vezes selecionados ao nascer. Escreveu: «Não estou preparada para aceitar isso.

Quem escreveu isso e de onde tirou a informação? Os Perfeitos tinham acima de tudo de ser espiritualmente puros, combinando isso com compaixão e compreensão. Penso que ele/ela só poderia ser uma verdadeira ajuda sincera e uma fonte de conforto e consolação se tivesse experimentado as lutas da vida, os desejos da carne, os sofrimentos e as dificuldades. Chegaram ao seu objetivo — o seu estado de perfeição — não por virtude de terem nascido puros (ninguém nasce), mas porque venceram a miséria humana, passaram por ela e descobriram a fé como um raio de luz na escuridão.

Se alguma vez sentisse necessidade de ajuda, escolheria uma pessoa deste tipo, isto é, espiritualmente pura mas um ser humano, em vez de um padre ou freira celibatários ou uma pessoa "nascida" pura e preservada artificialmente para uma vida de pureza. Se o autor deste livro é uma autoridade no assunto, só posso dizer que, na minha opinião, não está a falar do catarismo puro, mas tem estudado um dos seus ramos — houve muitos.»

Note-se que, ao falar dos Perfeitos, permite que sejam de ambos os sexos. Isto significa que ela sabia, na sua adolescência inicial, pelos seus sonhos e visões, uma das características mais notáveis e distintivas do catarismo.

Mesmo no século XIII, mulheres, tal como homens, eram admitidas no sacerdócio. Após mais de sete séculos, as comunidades anglicana e romana mostram pouco sinal de conseguirem acompanhar.

É claro, pelo que registou enquanto escolar, que compreendera, por experiência direta, muito sobre o recrutamento dos Perfeitos. Muitos deles, tanto homens como mulheres, tornaram-se Perfeitos (fem. Perfaites) depois de terem vivido uma vida casada e tido filhos. A famosa Esclarmonde de Foix teve oito filhos antes de, com o acordo do marido, se tornar Perfaite. Aqui é preciso definir um pouco os termos. O aspirante cátaro preparava-se para se tornar Perfeito por uma vida de castidade, meditação, jejum e boas obras. Dava-se especial ênfase ao jejum.

Era também necessário abster-se de alimentos de origem animal, exceto peixe. Quando os anciãos da Igreja julgavam que estavam aptos a recebê-lo, participavam no Consolamentum, o único sacramento reconhecido pelos cátaros. O Consolamentum implicava que, a partir daí, se vivia apenas ao nível do Espírito e acima dos entraves da carne. O número daqueles que recebiam o Consolamentum em pleno vigor da vida e se tornavam Perfeitos era naturalmente pequeno. Muitas pessoas recebiam o Consolamentum no leito de morte, revelando um desejo natural de deixar o abandono da carne para o momento em que, de qualquer modo, era inevitável. É importante lembrar isto porque o Roger da Sra. Smith morreu sem ser, como diziam, «consolado».

[1] Pode até ter nascido lá.

[2] Ao guiar-me por Toulouse no início de outubro de 1969, Monsieur Duvernoy apontou o lugar onde, por tradição, de Montfort encontrou a morte, e disse que o local indicado devia estar bastante precisamente localizado. Disse também que pode bem haver verdade na alegação de que o líder da Cruzada foi morto por uma mulher porque era um facto estabelecido que mulheres operavam as máquinas de guerra de lançamento de pedras no cerco de Montréal. A Sra. Smith pode bem ter estado ativa neste último acontecimento. Mais tarde dá uma descrição

gráfica da parte que desempenhou no que deve ter sido o cerco de Fanjeaux.

[3] Deve ter sido a catedral de Saint-Étienne em Toulouse. Mesmo que tenha participado nos combates em Fanjeaux e Montréal, isso não significa de modo algum que tenha sido julgada lá. Como Molinier salientou, a Inquisição economizava o seu tempo sentando-se em relativamente poucos centros. A catedral de Toulouse era provavelmente o centro mais próximo do ponto de vista tanto do tempo como do lugar.

[4] Schmidt, da Universidade de Estrasburgo.

17

Nesta carta, a Sra. Smith exprimiu ideias dualistas sobre as forças do bem e do mal, «dois caminhos, por assim dizer, a escolher». Disse que os cátaros costumavam referir-se a filhos da luz e filhos das trevas.

Numa carta uma semana antes, mencionara uma citação de algum erudito medieval e pedira-me que a ajudasse a localizá-la. Não consegui fazê-lo. Pouco antes de escrever uma carta posterior, fora à biblioteca, pegara num livro e deparara-se imediatamente com a citação. Este tipo de coisa é comum entre pessoas deste tipo.

19

A 30 de setembro escreveu-me novamente. Disse que algum tempo depois da segunda ou terceira visita — nesta carta admitiu que não conseguia ser específica quanto às datas — começara a sonhar em francês. Achou isso surpreendente porque o francês nos seus sonhos era fluente, ao passo que tal descrição não podia aplicar-se ao francês que falava durante o dia nas suas férias. Disse também que Roger costumava chamar-lhe *Puerilia*. Comentou: «Não é um nome francês — procurei-o há muito tempo.» Mais tarde perguntei ao Professor Nelli sobre isso, mas ele não achou que fosse uma palavra occitana.[1] Tem um som latino e pode bem ter sido um apelido carinhoso. Sugeri que verificasse num dicionário latino, com base no facto de *Puella* ser latim para rapariga. A Sra. Smith consultou posteriormente um vocabulário e não encontrou nada.

Revelou como um dos seus pedidos de entrevista fora motivado por um acontecimento inexplicável que a deixara decididamente inquieta. «Telefonei a uma amiga e combinámos encontrar-nos em Oxford. Ela tinha

um carro Ford Anglia e planeámos encontrar-nos num parque de estacionamento. Disse-me que, como o carro era de uma marca comum, eu devia anotar a matrícula e esperar dentro do carro se ela chegasse atrasada ao sair do escritório. Estava a chover a potes no dia em que devíamos encontrar-nos e fiquei encharcada a andar pelo parque à procura de um Ford Anglia com a matrícula que anotara no meu diário.

A minha amiga chegou um pouco atrasada e perguntou porque não esperara no carro ao abrigo da chuva. Disse-lhe que não conseguira encontrar um carro com a matrícula OFB 197 e ela riu-se e disse que eu devia ter apontado o número de telefone de alguém em vez da matrícula do carro. Estava disposta a acreditar nela. Achei estranho, mas não pensei mais no assunto.» Depois, noutro momento, observou a matrícula do meu carro, que não tinha notado anteriormente, e «achou que estava na altura de ser honesta consigo».

Não poderia ter conhecido anteriormente a matrícula do meu carro.

Falou com alguém que considerava ter «um interesse demasiado ativo» na perceção extrassensorial. «Uma coisa má, penso eu, porque ele chama-lhe diversão.» No entanto, combinou ouvir a emissão dele na rádio. Só depois de ouvir a transmissão é que se apercebeu de que o orador, a quem não conhecia, não estava anunciado no programa. Viria o programa anunciado no jornal, mas os nomes dos oradores não incluíam o da pessoa em questão.

Outro excerto: «Descobri, e gostaria de saber se também o fez, que estes dons quebram a barreira do tempo, a barreira da distância e a barreira da língua. Por exemplo, tinha uma linha a passar-me pela cabeça: "Die Lorelei". Não a conheço em inglês. Estava a pensar nela em alemão e não a cantava em voz alta. A minha filha mais nova entrou no quarto e pediu-me do nada para lhe cantar uma canção sobre uma sereia. Até onde sei, nunca ouvira esta canção antes, de qualquer modo não saberia o que era *Die Lorelei* e não conhece uma única palavra de alemão.»

No ano anterior, ela e o marido tinham voado para Beauvais. Antes de partirem, sonhara com um avião de pernas para o ar num aeródromo. O voo de ida e volta para Beauvais correu sem incidentes, mas no ano seguinte, quase no mesmo dia em que tinham ido a Beauvais, o avião idêntico em

que viajaram e com o mesmo piloto despenhou-se no aeródromo de Lympne. O avião aterrou de pernas para o ar.

Noutra ocasião sonhara antecipadamente que um proeminente funcionário colonial fora morto. No dia seguinte ouviu a confirmação da sua precognição num noticiário relâmpago. O seu comentário foi: «Há uns anos, este tipo de coisa poderia ter-me aterrorizado, mas já não me preocupo com isso. Aquele homem teria morrido quer eu tivesse falado nisso quer não, não é?

Costumava pensar que era uma espécie de magia negra ou má, mas não é nada disso. Limito-me a escapar do tempo como o conhecemos, é tudo. Se não falássemos do tempo como se fosse uma coisa que se pode classificar ordenadamente em segundos, minutos ou horas, seria diferente. Claro que não é assim. Passado, presente e futuro fazem todos parte de um tempo infinito. O aqui e agora é apenas uma parte infinitesimal dele.»

Considero ter citado o suficiente para ilustrar o psiquismo desta paciente. Gostaria de ter mais tempo para me dedicar à sua atitude perante a vida, que naturalmente se liga ao seu passado cátaro. Mas, no interesse da precisão, tenho de me limitar à história cátara.

20

De tempos a tempos perguntei-me porque a informação dada pela Sra. Smith saía de forma tão fragmentária. Claro que, como disse anteriormente, o fator de atraso mais importante era o seu próprio medo frequente de ser considerada louca ou má. Mesmo depois de eu a ter tranquilizado muitas vezes, era-lhe doloroso como uma operação cirúrgica separar-se do tesouro bastante aterrorizante de anos. Haveria outros fatores que explicassem o facto de as suas revelações surgirem em espasmos irregulares? Uma coisa de que tenho a certeza é que ela não sustentava nem forçava constantemente o processo de recordação.

Deixa isso claro numa comunicação ligeiramente ácida datada de 5 de outubro. Eu escrevera-lhe anteriormente, de boa-fé e com as melhores intenções, que em caso algum, e certamente não para me agradar ou por minha instigação, ela devia tentar recordar coisas ou forçar-se a concentrar-se. Vejo agora que fui desajeitado, mas na altura nunca lidara com um caso como este e é pouco provável que volte a fazê-lo. Eis a sua repreensão cortante:

«Por vezes irrita-me. Será realmente tão difícil para si compreender-me? Tenho tentado lidar com este assunto há vinte anos. Nunca consegui livrar-me dele e ficaria surpreendido com as medidas que tomei. Muitas vezes tive muito medo e fui feita sofrer por isso, mas nunca tirei partido disso e nunca tenciono fazê-lo. Não me canso de escrever. Nunca tentei forçar recordações.» (Não sugeri que ela fizesse isso. Apenas lhe disse para não tentar demasiado recordar por concentração.) «Achou que estas notas eram resultado de esforços desse tipo? Pelo contrário, se alguma vez me forcei a fazer algo foi a tentar esquecer, e forçar não serviu de nada porque não conseguia esquecer.

Não me conhece realmente bem, pois não? Certamente não me dá muito crédito por lidar com isto de forma sensata. Por mais estranho que pareça, estava a tentar protegê-lo. A sua relutância em se envolver era óbvia.» Isto é absolutamente e totalmente verdade. Houve uma altura em que desenvolvi um interesse histórico bastante febril pelo assunto, mas nunca consegui acomodar-me verdadeiramente à ideia de que voltara a encontrar alguém depois de setecentos anos. Vejo agora como foi difícil para a paciente. Eu estava mais preocupado com o facto de isso me deixar desconfortável.

A carta continua: «Poderia ter-lhe contado tudo de uma vez, mas senti que estava um pouco assustado e quis guiá-lo com delicadeza. Tentei frequentemente deixar-lhe pistas e talvez contar-lhe, mas fui retida pela sensação de que não estava pronto para aceitar.»

Noutra carta contou que desistira da ideia de ir a Toulouse porque sabia que nunca encontraria nada se procurasse.

Outra explicação simples para a natureza episódica das suas revelações era simplesmente a questão do tempo. Era uma dona de casa ocupada com um emprego a tempo parcial. O tempo de que dispunha não era suficiente para lhe permitir organizar e decifrar prontamente e completamente uma grande quantidade de material escolar escrito à pressa e guardado durante anos num sótão.

A 21 de outubro recebi outra carta. Durante as últimas cinco noites a Sra. Smith tivera exatamente o mesmo sonho e disse: «Francamente, estou a ficar um pouco cansada dele.» O cenário é em França no século XVIII. Não descreverei o sonho na íntegra porque temos de nos ater aos cátaros,

mas o essencial era que era perseguida por uma multidão, que possivelmente ia atrás de mim, e que eu me comportava de forma aparentemente pouco heroica e distante. A minha desculpa era algo pomposa no sentido de que deixara as portas da casa abertas à multidão para provar que ela tinha liberdade de escapar de mim se quisesse, uma atitude bastante masculina de «ganho de qualquer maneira». Descrevo o seguinte trecho do sonho porque, embora este esteja situado principalmente no século XVIII, o fim parece recuar muito mais atrás, como a própria Sra. Smith observa num posfácio à carta escrita no dia seguinte. Quando a multidão desaparece,[1] os seus pés estão cortados e a sangrar e eu estou a lavá-los. Enquanto o faço, ela nota que estou a usar uma fina corrente de ouro com um pendente. Este último tem uma forma estranha. Ela desenhou-a da seguinte forma:

[1] [Nota: No original, parece haver um erro tipográfico ou omissão; provavelmente refere-se ao desaparecimento da multidão, como contexto do sonho.]

Ela prossegue dizendo: «Há aqui também uma ligação com o sonho da Idade Média. Nesse sonho uso uma fina corrente de prata à volta da cintura e a corrente está presa com algo que parece exatamente o símbolo que tentei desenhar.»

Este símbolo surgiu tão vividamente nas minhas próprias alucinações noturnas que está desenhado no meu diário muito antes da carta da Sra. Smith de 21 de outubro.

A Sra. Smith chama também a atenção para a lareira. «Tal como nos meus sonhos relativos à Idade Média, a lareira neste sonho também estava no centro da divisão. Isto parece-me absurdo.» Mais uma vez, o sonho que começou no século XVIII está obviamente a remeter para a Idade Média.

Mais adiante na carta diz: «Sinto que já vi este símbolo que tentei desenhar. Pensei por um momento que poderia ser uma das letras do alfabeto grego, mas não é.»

Não há mais nada de relevante para os cátaros no meu diário até 4 de novembro. Nessa altura, a minha mulher e eu estávamos de férias e nesse dia em particular jantámos com Madame e o Professor Nelli, de

Carcassona. Ele disse-me que Fabrissa, tal como Alais, eram nomes femininos comuns no Languedoque do século XIII. Alais era uma forma abreviada de Azalais. (Outra forma alternativa era Helis.) Disse que poderia ser proveitoso estudar os registos da Inquisição para ver se dois nomes desses apareciam num mesmo caso.

No regresso de França passei pela casa do amigo em Paris que noutra ocasião me dera o livro de Zoé Oldenbourg. Enquanto o esperava, a mulher dele entregou-me o diário do pai dele. Vi primeiro um poema notável sobre a morte composto pelo velho. Depois folheei as páginas até uma data do século XIX e encontrei uma entrada a dizer que ele, ou pelo menos alguém, aguardava a sua próxima encarnação. Quando o meu amigo regressou, imediatamente desabafei sobre reencarnação, disse que acreditava nela e que isso era referido no diário do pai dele.

Respondeu-me gravemente e em voz baixa que, naturalmente, era verdade, mas que nunca se devia procurar para trás a própria encarnação nem para a frente a próxima. Conhecia o meu amigo parisiense há vinte e sete anos na altura desta conversa. É estranho que ao longo de tantos anos tenha aprendido tão pouco sobre as suas opiniões ou sobre como ele era constituído. Parece que consigo baixar uma cortina que exclui a iluminação.

O meu diário salienta que, mais uma vez nesta férias, estive mais «aberto» do que costumava estar. «Na maior parte do tempo fico saciado com a mudança de cenário e a beleza do entorno. Ou será apenas que sou diferente do que costumava ser e funciono mais francamente noutro plano?»

21

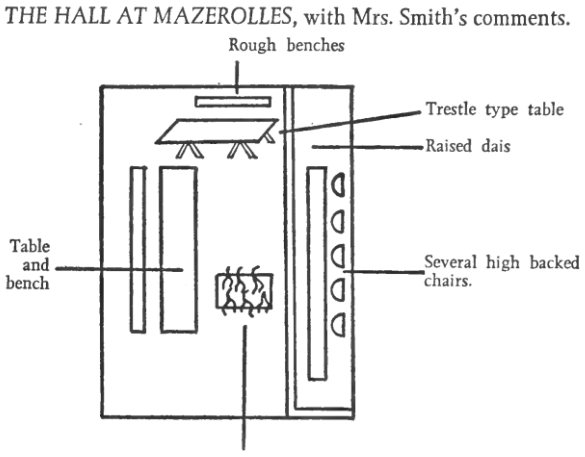
Noutra carta da Sra. Smith, esta estava preocupada com a questão de me enganar. Disse que se enganara muito sobre Mazerolles. Há algum tempo procurara-o no mapa. Não o encontrou e tentou esquecer-se do assunto. Quando lhe disse que tinha encontrado o lugar, não ficou surpreendida até eu o descrever. Disse-lhe que vira uma bela vista, a aldeia e pouco mais. Comentou: «Mazerolles, como eu o vejo, não é nada assim. Não era uma grande vila de modo algum, mas havia lá uma comunidade considerável.» Indicou que eu devia pensar que a imaginação dela estava a trabalhar em excesso. Disse que acreditava que havia também um castelo

lá. Ora, aqui mais uma vez ela apenas manifesta sinais de sinceridade. Mazerolles era um lugar de alguma importância na Idade Média. A família Mazerolles, descobri mais tarde, eram pessoas de influência e encorajavam e protegiam hereges. O Professor Nelli, de Carcassona, foi ver o lugar depois de eu lhe ter dado informações da paciente e disse que pouco restava do século XIII, exceto vestígios das muralhas.

Cito mais da carta da Sra. Smith: «Disse que o Professor Nelli falou de uma Fabrissa e Alais que foram interrogadas juntas pela Inquisição.[1] Não sabia que tais registos existiam, mas como ele tem acesso a eles, poderia perguntar-lhe se há alguma indicação de que Fabrissa viesse de Mazerolles? Gostaria de saber sobre Alais e se ela vinha de uma família nobre, caso em que poderia haver uma ténue esperança de descobrir se tinha um irmão chamado Roger. Existem registos hoje em dia que forneçam informações sobre as famílias nobres na região e arredores no início do século XIII?»

Esta carta mostra até que ponto a Sra. Smith era ignorante do conhecimento bastante considerável sobre famílias cátaras que ainda está disponível nos registos da Inquisição e noutros lugares. Guiraud, na sua *História da Inquisição na Idade Média*, dedica um capítulo inteiro à nobreza herética do Languedoque. Este capítulo contém numerosas referências às personagens centrais desta história.

A 28 de janeiro de 1966, a Sra. Smith seguiu com uma descrição da sala do castelo em Mazerolles. Descreveu um estrado elevado com várias cadeiras de encosto alto, uma mesa de cavalete, bancos rústicos, outra mesa e um banco, e o que voltou a descrever como a lareira altamente perigosa. Anexou um desenho. Reproduzo-o aqui com os seus comentários.

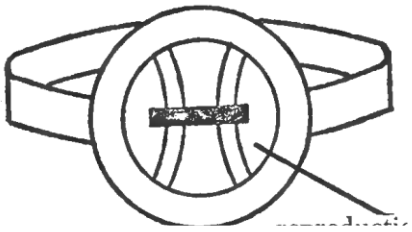


Disse também que o dono do castelo devia estar empobrecido, pois bebiam o que parecia ser vinho aguado. Isto poderia perfeitamente estar de acordo com a prática cátara. Disse que nem sequer havia copos para beber e que bebia «de uma taça de metal com uma forma qualquer como esta».

A taça descrita pela Srª Smith

Estava obviamente alheia ao facto de os copos de vidro não serem usados na Idade Média. Descreveu-se como ainda incomodada com o estranho símbolo referido anteriormente. Disse que «o cinto de prata que usava era preso por uma fivela com essa forma. Até estava nas nossas chaves».

A chave usada por Puerilia



O anel usado pelo Roger

Disse também que o dono do castelo devia estar empobrecido, pois bebiam o que parecia ser vinho aguado. Isto poderia perfeitamente estar de acordo com a prática cátara. Disse que nem sequer havia copos para beber e que bebia «de uma taça de metal com uma forma qualquer como esta».

Estava obviamente alheia ao facto de os copos de vidro não serem usados na Idade Média.

Descreveu-se como ainda incomodada com o estranho símbolo referido anteriormente. Disse que «o cinto de prata que usava era preso por uma fivela com essa forma. Até estava nas nossas chaves».

Incluiu também nas suas notas um desenho das chaves e de um anel usado por Roger com o mesmo símbolo. Disse que Roger usava o anel no polegar. Voltou a indicar que eu devia considerá-la louca por fazer tal afirmação. Mais uma vez, estava alheia ao facto de esta ser uma prática medieval.

Não há nada de distintivo no desenho da sala em Mazerolles. Poderia passar por qualquer sala medieval. Os desenhos da chave e do anel são mais interessantes. Talvez aqueles mais eruditos do que eu encontrem neles algo de interesse específico.

Ver-se-á mais adiante que ela está obviamente a descrever a casa de Fabrissa de Mazerolles, que era uma proeminente Perfeita e mantinha casa aberta para hereges.

Falando de Roger, disse que tinha quase a certeza de que a casa dele ficava perto de Toulouse. Isto está perfeitamente em ordem. O que a Sra. Smith não parecia aperceber-se é a imensa quantidade de viagens que os cátaros faziam naqueles dias. O caminho de Carcassona passando por Pamiers até Toulouse era uma estrada muito movimentada na época. Embora eu sinta que a ligação principal de Roger era com a área em torno de Fanjeaux e das Corbières, isso não impede que tivesse posses noutros lugares que visitava frequentemente. Guiraud salienta que Fanjeaux era um importante centro de heresia porque era uma cidade comercial ativa situada numa estrada muito movimentada.

Referindo-se à casa de Roger, disse que era grande mas pouco mobilada, embora pelo menos as lareiras não ficassem no centro das divisões. Recordava o quarto na casa de Roger. A cama era estreita com cortinas à volta, com uma mesa com um par de castiçais que descreve como «engraçados, com espigões». As velas eram espetadas nos espigões e não enfiadas na base como nas velas atuais. Quando Roger estava fora, Alais e ela faziam velas.

Tinham um grande recipiente com uma substância cerosa e pavios que iam mergulhando e deixando endurecer. Disse que não sabia porque não iam ao fabricante de velas comprar algumas. Revela constantemente a sua

falta de familiaridade histórica com a Idade Média. Não devia haver fabricantes de velas em todas as esquinas. Disse que era lamentável, mas não conseguia lembrar-se do apelido de Roger. Como veremos no parágrafo seguinte, ele tinha outro nome, mas ela não se apercebia de que esse poderia ser o apelido. Também não conseguia lembrar-se do seu próprio nome, porque Roger sempre a chamava pelo que descrevia como «aquele nome estúpido que ele deve ter inventado».

Disse que ele usava «a roupa de noite mais estranha, uma peça larga aberta dos dois lados. Tinha uma fila de pequenos buracos nas laterais, atada com um cordão fino, mais ou menos como se atam sapatos».

A 10 de fevereiro recebi uma carta dela a dizer que estivera a organizar umas notas em taquigrafia que descobrira algum tempo antes no sótão. Disse que muito do material era completamente indecifrável. Esquecera-se de que alguma vez fizera esse lote particular de notas. Disse que, em jovem, costumava escrever contos e anotava todo o tipo de ideias e provavelmente incluía os seus sonhos para completar. Disse que conseguia ler os nomes próprios porque lhe tinham ensinado a nunca os escrever em taquigrafia.

«Num sonho de que me esqueci, vejo que alguém me disse que Roger fora levado para a prisão. Mas este homem não me deu um apelido, mencionou apenas o lugar de onde Roger vinha. Disse Roger de Grisolles.» Mais uma vez, o relato da Sra. Smith ganha autenticidade pela sua falta de conhecimento histórico. Não se apercebe de que uma proporção muito grande de nomes na época incluía apenas o nome próprio, a palavra «de» e o nome do lugar de onde a pessoa provinha ou onde se situava uma das suas propriedades. Disse que não tinha a certeza absoluta se era Grisolles ou Grifolles porque, pela sua escrita, não sabia se usara um «s» ou um «f». Grisolles é um pequeno lugar a cerca de vinte e sete quilómetros a norte de Toulouse.

Esta referência a Grisolles é interessante. Na minha anterior férias de verão em França, antes de alguma vez ter ouvido o nome Grisolles, a minha mulher e eu íamos a caminho de Toulouse. Fizemos um piquenique ao almoço. Não queríamos esperar até passarmos Toulouse, por isso parámos algures a norte. Parámos junto a um pequeno canal. Ao chegar e ao sair do local do piquenique, não reparamos no nome da aldeia vizinha.

Mais tarde, quando a Sra. Smith e a família foram aos Pirenéus, ela também não quis parar em Toulouse por causa do seu medo. Guardou o medo para si. Pararam e almoçaram antes de chegarem a Toulouse. Mais uma vez, só depois se apercebeu de que parara em Grisolles, nem fora ela quem organizara a paragem. Eu próprio só me apercebi um ano depois de que fora em Grisolles que a minha mulher e eu parámos para o piquenique. Descobri isso ao trabalhar no mapa mais tarde. Confirmei que as minhas observações estavam corretas com outra visita à vizinhança numa ocasião posterior.

A Sra. Smith continuava intrigada com a distância entre Mazerolles e Grisolles. Disse que devia haver sessenta milhas entre os dois lugares e que «parece uma distância terrivelmente longa para percorrer naqueles dias sem outro transporte senão cavalos». Como já disse anteriormente, este caminho era usado constantemente e os cátaros estavam habituados a percorrer longas distâncias. Sessenta milhas pareceriam insignificantes ao viajante da Idade Média, habituado às grandes distâncias entre cidades e às peregrinações.

Salientou também, com a sua extrema e quase escrupulosa honestidade, que escrevera Mazerolles nas suas notas com um único «l», ao passo que agora se escreve com dois. As grafias alternativas de nomes de lugares e pessoas francesas eram comuns na Idade Média, para além de que a ortografia mudou consideravelmente desde essa época.

Numa carta de 12 de fevereiro de 1968 disse: «Acredito que a minha vida agora faz parte de um padrão que se repetiu ao longo dos anos. Na manhã em que veio a esta casa há muitos meses, sabia que viria.» Repetiu então como a minha aparência na neve evocou a minha vinda através da tempestade sete séculos antes. Segue-se algo como um grito do coração que exprime o seu medo de ter escrito tão livremente nos últimos dias sobre o que guardara secreto durante anos. «Pelo amor de Deus, não mostre esta carta a ninguém. Sei que não é sensato escrever estas coisas, mas teria sido impossível contar-lho de outra forma. Ficaria grata se me dissesse se está preparado para me receber daqui a quinze dias.»

Noutra carta por volta desta altura descreveu o arranjo das camas. «Admito que tinha uma cama com cortinas e devia dar alguma privacidade, mas outras pessoas partilhavam também esse quarto.» Mais uma vez revela a sua falta de familiaridade com os costumes medievais.

Na mesma carta discutiu os problemas do bem e do mal e a criação do mundo. «Costumava pensar que o mundo em si estava bem e que o único mal à nossa volta estava no homem, mas, refletindo, penso que o mundo foi criado com mal nele, quando se considera que mesmo nas formas mais baixas de vida animal algumas espécies devoram outras para sobreviver. Talvez nos seja dada a escolha de que caminho seguir, isto é, a escolha de sermos guiados para a pureza espiritual ou de nos deixarmos corromper. Será que o bem só surge quando a questão da escolha é posta em discussão?» Isto é puro catarismo.

Além disso, a última questão que coloca diz respeito à reconciliação dos opostos. Esta é uma característica primária da filosofia oriental, que, nos seus aspetos mais transcendentais, exige que o homem esteja para além do bem e do mal. O catarismo, em relação ao cristianismo ortodoxo, está fortemente tingido de ideias orientais. A não resistência e a crença na reencarnação estão entre as semelhanças mais marcantes que o catarismo apresenta com as religiões orientais.

Mais adiante na carta disse: «Por vezes, através da maravilha do universo, da natureza, isto é, em toda a sua beleza, encontro um novo mundo revelado e compreendo vagamente o poder e a beleza do Criador numa presença indefinida que chamo Deus. Nestes momentos encontro paz, uma paz que se experimenta e não pode ser realmente compreendida intelectualmente. Encontro-me a agradecer a Deus. Não é uma questão de ter necessidade de criar um ser espiritual, mas tenho o que só posso descrever como um sentido de unidade. É difícil explicar.

A consciência espiritual não só transcende as limitações dos sentidos corporais, como transcende também o tempo e o espaço.» Este excerto revela a capacidade da Sra. Smith para a abordagem direta e mística a Deus e à realidade. Não deveria ser necessário acrescentar que, na vida quotidiana, ela é uma pessoa prática e bastante ativa, mas faço-o para tranquilizar aqueles para quem o misticismo implica incapacidade para os assuntos comuns da vida.

Numa nota sobre uma carta ou entrevista a 1 de fevereiro, registei o seu conselho de que eu tomasse cuidado comigo mesmo especialmente em tempo frio e húmido porque Roger pereceu numa prisão fria e húmida.

22

A data do seguinte excerto situa-se algures entre 13 e 17 de fevereiro de 1966. Trata-se de uma descrição horrivelmente gráfica da vítima a ser queimada. Deixo ao leitor julgar se a descrição acrescenta autenticidade à experiência.

Eis o excerto: «Este é o sonho sobre a queima. Primeiro pensei que faria um resumo, mas decidi que poderia ser mais interessante para si lê-lo exatamente como o escrevi há anos. Não mudei nada, mas há algumas lacunas onde achei a taquigrafia impossível de transcrever. 'Não creio que tenha sonhado com morrer antes. Espero que este sonho não seja um aviso de que morrerei em breve. O meu irmão diz que se contares a alguém os teus sonhos eles não se realizam. Não posso contar isto a ninguém, por isso se o escrever é quase a mesma coisa, não se realizará. Pergunto-me porque não gritei. Não devo ter gritado ou alguém mo teria dito e teria acordado com a garganta dorida.

Devo ter cometido um crime terrível para merecer uma morte tão agonizante. Os outros também. Havia mais alguns comigo. Também não pareciam ter medo. Caminhámos todos descalços pelas ruas em direção a uma praça onde tinham preparado uma pilha de lenha toda pronta para ser acesa. Havia vários monges à volta a cantar hinos e a rezar. Não me senti grata. Achei que tinham lata de rezar por mim. Devo ser uma pessoa bastante má. Não penso coisas más quando estou acordada, mas sonho coisas horríveis. Odiava que aqueles monges estivessem lá para me ver morrer. Uma rapariga na escola disse uma vez que sonhara com a crucificação de Cristo. Preferia ser crucificada a ser queimada. 'A dor era enlouquecedora. Devia-se rezar a Deus quando se está a morrer, se se consegue rezar em agonia.

No meu sonho não rezei a Deus. Pensei em Roger e em como o amava profundamente. A dor daquelas chamas perversas não era metade da dor que senti quando soube que ele estava morto. De repente senti-me feliz por estar a morrer. Não sabia que quando se é queimado até à morte se sangra. Pensei que o sangue secaria todo no calor terrível. Mas sangrava muito. O sangue pingava e sibilava nas chamas. Desejei ter sangue suficiente para apagar as chamas. A pior parte eram os meus olhos. Odeio a ideia de ficar

cega.' É mau o suficiente quando estou acordada, mas nos sonhos não se conseguem afastar os pensamentos. Ficam. Neste sonho estava a ficar cega. Tentei fechar as pálpebras, mas não consegui. Devem ter sido queimadas, e agora aquelas chamas iam arrancar-me os olhos com os seus dedos malignos. Não queria ficar cega. 'As chamas não eram tão cruéis afinal. Começaram a parecer frias. Geladas. Ocorreu-me que não estava a queimar-me até à morte, mas a congelar até à morte. Estava entorpecida pelo frio e de repente comecei a rir. Tinha enganado aquelas pessoas que pensavam que podiam queimar-me. Sou uma bruxa. Fiz magia ao fogo e transformei-o em gelo.»

A 17 de fevereiro de 1966 recebi outra carta da Sra. Smith, em que dizia: «Os sonhos têm sido todos bastante fragmentados e nunca sonhei os acontecimentos pela ordem em que aconteceram, mas pelo menos escrevi-os em alguma ordem. Devo calcular que tudo foi escrito por volta de 1949 a 1950, mas as notas não estão datadas. Em 1954[2] comecei a escrever o romance.» Depois disse que juntava alguns excertos que recolhera dos seus escritos anteriores. Acrescentou: «Talvez agora compreenda porque me comportei tão mal quando o conheci pela primeira vez.» Referia-se ao facto de não me ter dito imediatamente que os sonhos pararam após a primeira entrevista. «Foi um choque terrível entrar naquela sala e vê-lo lá, e pensei que o meu estado mental era pior do que temia.»

A 17 de fevereiro enviou-me um longo excerto do que conseguiu decifrar das notas em taquigrafia. O que se segue é exatamente como ela o escreveu na altura: «Poderia escrever um livro sobre Roger e não exigiria qualquer esforço. Sonhei tudo isto em algum momento ou outro e é tudo muito fácil de pôr no papel. Nunca seria publicado. Não suportaria isso. É um conforto saber que outras raparigas sonham com amantes. Gostaria de não ter a sensação inquietante de que isto é diferente. Não quero viver num mundo de fantasia e esse mundo é tão real para mim, mas se o escrever talvez consiga tirar isso do meu sistema. Nunca me casarei. O Tom* não vai gostar disso. Devo ter uma aversão natural ao casamento. Nem sequer estou casada com Roger no meu sonho.»

A aversão natural ao casamento poderia ligar-se a certas ideias cátaras defendidas pelos Perfeitos. No passado, os historiadores consideraram geralmente que o sacerdócio cátaro via o casamento como pecado. Deve

realçar-se que esta é uma conceção exagerada e distorcida da doutrina cátara.

«Apaixonei-me por ele naquela mesma noite em que veio à nossa casa na tempestade de neve. Tentei não o fitar, mas estava terrivelmente consciente da sua proximidade. Não me poderia ter afastado mais dele mesmo que quisesse. O lugar era pequeno demais. Acabei de lhe chamar casa, mas era pouco mais que uma cabana. Um só quarto, era tudo, e ele parecia ocupar cada centímetro. Tenho a certeza de que não havia andar de cima. O único mobiliário era um banco rústico e uma mesa. Estava quase tão escuro lá dentro como lá fora, pois a pequena janela não tinha vidro e a abertura estava coberta por uma portada de madeira grosseira para manter os elementos afastados.»[3]

(Mais uma vez a Sra. Smith revela a sua ignorância da Idade Média. O vidro no século XIII era apenas um privilégio dos muito ricos e de instituições especiais como a Igreja.) «Fiquei cheia de alegria porque o tempo estava mau e era necessário que ele passasse a noite. Nessa noite beijei-o enquanto dormia. Dormíamos todos com a roupa vestida, no chão à volta do fogo e à luz fraca conseguia ver-lhe a mão.»

[1] Isto está ligado às minhas ilusões noturnas durante anos de uma multidão, com rostos medievais, a dançar e a mover-se de forma bastante selvagem, numa praça ensolarada numa cidade do sul? [2] A data da sua primeira visita a França, com a experiência do fenómeno *déjà vu*, e do início da minha síndrome de Ménière.

[3] Um namorado.

Incluiu também nas suas notas um desenho das chaves e de um anel usado por Roger com o mesmo símbolo. Disse que Roger usava o anel no polegar. Voltou a indicar que eu devia considerá-la louca por fazer tal afirmação. Mais uma vez, estava alheia ao facto de esta ser uma prática medieval.

Não há nada de distintivo no desenho da sala em Mazerolles. Poderia passar por qualquer sala medieval. Os desenhos da chave e do anel são mais interessantes. Talvez aqueles mais eruditos do que eu encontrem neles algo de interesse específico.

Ver-se-á mais adiante que ela está obviamente a descrever a casa de Fabrissa de Mazerolles, que era uma proeminente Perfeita e mantinha casa aberta para hereges.

Falando de Roger, disse que tinha quase a certeza de que a casa dele ficava perto de Toulouse. Isto está perfeitamente em ordem. O que a Sra. Smith não parecia aperceber-se é a imensa quantidade de viagens que os cátaros faziam naqueles dias. O caminho de Carcassona passando por Pamiers até Toulouse era uma estrada muito movimentada na época. Embora eu sinta que a ligação principal de Roger era com a área em torno de Fanjeaux e das Corbières, isso não impede que tivesse posses noutros lugares que visitava frequentemente. Guiraud salienta que Fanjeaux era um importante centro de heresia porque era uma cidade comercial ativa situada numa estrada muito movimentada.

Referindo-se à casa de Roger, disse que era grande mas pouco mobilada, embora pelo menos as lareiras não ficassem no centro das divisões. Recordava o quarto na casa de Roger. A cama era estreita com cortinas à volta, com uma mesa com um par de castiçais que descreve como «engraçados, com espigões». As velas eram espetadas nos espigões e não enfiadas na base como nas velas atuais. Quando Roger estava fora, Alais e ela faziam velas. Tinham um grande recipiente com uma substância cerosa e pavios que iam mergulhando e deixando endurecer. Disse que não sabia porque não iam ao fabricante de velas comprar algumas.

Revela constantemente a sua falta de familiaridade histórica com a Idade Média. Não devia haver fabricantes de velas em todas as esquinas. Disse que era lamentável, mas não conseguia lembrar-se do apelido de Roger. Como veremos no parágrafo seguinte, ele tinha outro nome, mas ela não se apercebia de que esse poderia ser o apelido. Também não conseguia lembrar-se do seu próprio nome, porque Roger sempre a chamava pelo que descrevia como «aquele nome estúpido que ele deve ter inventado».

Disse que ele usava «a roupa de noite mais estranha, uma peça larga aberta dos dois lados. Tinha uma fila de pequenos buracos nas laterais, atada com um cordão fino, mais ou menos como se atam sapatos».

A 10 de fevereiro recebi uma carta dela a dizer que estivera a organizar umas notas em taquigrafia que descobrira algum tempo antes no sótão. Disse que muito do material era completamente indecifrável.

Esquecera-se de que alguma vez fizera esse lote particular de notas. Disse que, em jovem, costumava escrever contos e anotava todo o tipo de ideias e provavelmente incluía os seus sonhos para completar. Disse que conseguia ler os nomes próprios porque lhe tinham ensinado a nunca os escrever em taquigrafia. «Num sonho de que me esqueci, vejo que alguém me disse que Roger fora levado para a prisão. Mas este homem não me deu um apelido, mencionou apenas o lugar de onde Roger vinha. Disse Roger de Grisolles.» Mais uma vez, o relato da Sra. Smith ganha autenticidade pela sua falta de conhecimento histórico. Não se apercebe de que uma proporção muito grande de nomes na época incluía apenas o nome próprio, a palavra «de» e o nome do lugar de onde a pessoa provinha ou onde se situava uma das suas propriedades. Disse que não tinha a certeza absoluta se era Grisolles ou Grifolles porque, pela sua escrita, não sabia se usara um «s» ou um «f». Grisolles é um pequeno lugar a cerca de vinte e sete quilómetros a norte de Toulouse.

Esta referência a Grisolles é interessante. Na minha anterior férias de verão em França, antes de alguma vez ter ouvido o nome Grisolles, a minha mulher e eu íamos a caminho de Toulouse. Fizemos um piquenique ao almoço. Não queríamos esperar até passarmos Toulouse, por isso parámos algures a norte. Parámos junto a um pequeno canal. Ao chegar e ao sair do local do piquenique, não reparamos no nome da aldeia vizinha. Mais tarde, quando a Sra. Smith e a família foram aos Pirenéus, ela também não quis parar em Toulouse por causa do seu medo. Guardou o medo para si. Pararam e almoçaram antes de chegarem a Toulouse.

Mais uma vez, só depois se apercebeu de que parara em Grisolles, nem fora ela quem organizara a paragem. Eu próprio só me apercebi um ano depois de que fora em Grisolles que a minha mulher e eu parámos para o piquenique. Descobri isso ao trabalhar no mapa mais tarde. Confirmei que as minhas observações estavam corretas com outra visita à vizinhança numa ocasião posterior.

A Sra. Smith continuava intrigada com a distância entre Mazerolles e Grisolles. Disse que devia haver sessenta milhas entre os dois lugares e que «parece uma distância terrivelmente longa para percorrer naqueles dias sem outro transporte senão cavalos». Como já disse anteriormente, este caminho era usado constantemente e os cátaros estavam habituados a percorrer longas distâncias. Sessenta milhas pareceriam insignificantes ao viajante da

Idade Média, habituado às grandes distâncias entre cidades e às peregrinações.

Salientou também, com a sua extrema e quase escrupulosa honestidade, que escrevera Mazerolles nas suas notas com um único «l», ao passo que agora se escreve com dois. As grafias alternativas de nomes de lugares e pessoas francesas eram comuns na Idade Média, para além de que a ortografia mudou consideravelmente desde essa época.

Numa carta de 12 de fevereiro de 1968 disse: «Acredito que a minha vida agora faz parte de um padrão que se repetiu ao longo dos anos. Na manhã em que veio a esta casa há muitos meses, sabia que viria.» Repetiu então como a minha aparência na neve evocou a minha vinda através da tempestade sete séculos antes. Segue-se algo como um grito do coração que exprime o seu medo de ter escrito tão livremente nos últimos dias sobre o que guardara secreto durante anos. «Pelo amor de Deus, não mostre esta carta a ninguém. Sei que não é sensato escrever estas coisas, mas teria sido impossível contar-lho de outra forma. Ficaria grata se me dissesse se está preparado para me receber daqui a quinze dias.»

Noutra carta por volta desta altura descreveu o arranjo das camas. «Admito que tinha uma cama com cortinas e devia dar alguma privacidade, mas outras pessoas partilhavam também esse quarto.» Mais uma vez revela a sua falta de familiaridade com os costumes medievais.

Na mesma carta discutiu os problemas do bem e do mal e a criação do mundo. «Costumava pensar que o mundo em si estava bem e que o único mal à nossa volta estava no homem, mas, refletindo, penso que o mundo foi criado com mal nele, quando se considera que mesmo nas formas mais baixas de vida animal algumas espécies devoram outras para sobreviver. Talvez nos seja dada a escolha de que caminho seguir, isto é, a escolha de sermos guiados para a pureza espiritual ou de nos deixarmos corromper. Será que o bem só surge quando a questão da escolha é posta em discussão?» Isto é puro catarismo.

Além disso, a última questão que coloca diz respeito à reconciliação dos opostos. Esta é uma característica primária da filosofia oriental, que, nos seus aspetos mais transcendentais, exige que o homem esteja para além do bem e do mal. O catarismo, em relação ao cristianismo ortodoxo, está fortemente tingido de ideias orientais. A não resistência e a crença na

reencarnação estão entre as semelhanças mais marcantes que o catarismo apresenta com as religiões orientais.

Mais adiante na carta disse: «Por vezes, através da maravilha do universo, da natureza, isto é, em toda a sua beleza, encontro um novo mundo revelado e compreendo vagamente o poder e a beleza do Criador numa presença indefinida que chamo Deus. Nestes momentos encontro paz, uma paz que se experimenta e não pode ser realmente compreendida intelectualmente. Encontro-me a agradecer a Deus. Não é uma questão de ter necessidade de criar um ser espiritual, mas tenho o que só posso descrever como um sentido de unidade. É difícil explicar.

A consciência espiritual não só transcende as limitações dos sentidos corporais, como transcende também o tempo e o espaço.» Este excerto revela a capacidade da Sra. Smith para a abordagem direta e mística a Deus e à realidade. Não deveria ser necessário acrescentar que, na vida quotidiana, ela é uma pessoa prática e bastante ativa, mas faço-o para tranquilizar aqueles para quem o misticismo implica incapacidade para os assuntos comuns da vida.

Numa nota sobre uma carta ou entrevista a 1 de fevereiro, registei o seu conselho de que eu tomasse cuidado comigo mesmo especialmente em tempo frio e húmido porque Roger pereceu numa prisão fria e húmida.

Usava um anel no polegar. Aproximei-me dele muito devagar, pois não queria que nenhum deles acordasse. Quando estive suficientemente perto, beijei-lhe a mão e senti-me feliz. Nunca antes beijara um homem.

«Roger costumava ir a reuniões em Montbrun e eu também ia às reuniões. Só ia para o ver. Sabia que o meu pai ficaria zangado com as reuniões e com Roger, e tínhamos de ser cuidadosos. Havia muitos lugares onde podíamos estar sozinhos. O campo era arborizado. Roger falava muito nas reuniões, mas quando estava comigo caminhávamos muitas vezes quilómetros de mãos dadas e quase sem dizer uma palavra.»

A Sra. Smith menciona Montbrun. Existem dois lugares com esse nome (um escrito Monbrun) perto de Toulouse. Um fica, em linha reta, a 32 quilómetros a noroeste da cidade; o outro a 16 quilómetros a sul. Há outro Montbrun a 32 quilómetros a noroeste de Foix e outro um pouco a norte das Corbières, no Aude. Todos estes Montbruns estavam em regiões firmemente dedicadas ao catarismo. A Sra. Smith insiste que o Montbrun

em que se lembra de Roger ter pregado ficava na vizinhança de Montgaillard, perto de Foix, e que desapareceu ou mudou de nome ao longo dos séculos.

Ao contemplar a sua relação com Roger, deve-se ter em conta que as relações entre pessoas de diferentes estatutos sociais eram mais livres no Languedoque e no Midi em geral do que noutros lugares da Europa.

«Parecia um pouco monge quando estava vestido. Usava sempre uma peça larga quase até aos tornozelos, com um cinto à volta da cintura.[4] O seu manto também era comprido e tinha um capuz. Parecia realmente muito um monge, não fossem as cores das suas roupas. Penso que gostava de azul porque quase tudo o que usava era dessa cor.»

Está obviamente a descrever o traje de um sacerdote cátaro. O que diz sobre a cor das roupas ser azul-escura tem uma importância imensa.

Todos os historiadores, até há três ou quatro anos, afirmavam que os sacerdotes cátaros usavam invariavelmente preto. Que isso não era inevitavelmente assim só foi provado nos últimos anos por Monsieur Duvernoy. O seu livro foi publicado em 1965. As observações da Sra. Smith foram feitas, tanto quanto consigo estimar, há vinte e seis anos.

Devido a este fragmento notável e importante de memória longínqua, em que insistiu estando praticamente sozinha, é necessário levar a sério as suas outras preocupações insistentes, como, por exemplo, a afirmação de que os cintos dos Perfeitos eram afivelados e não atados, e que o catarismo não era a religião austera e sombria descrita pelos seus detratores. Certamente, no que respeita às suas afirmações sobre fivelas e os símbolos desenhados nelas, é preciso aguardar as provas, tendo sempre em mente a opinião do Professor Nelli de que, em caso de dúvida, deve-se seguir a paciente.

O Perfeito cátaro tinha de observar completa abstinência sexual. Perguntar-se-á o que fazia um sacerdote cátaro a relacionar-se com uma rapariga. Isto também terá de esperar por uma explicação posterior. Entretanto, parece óbvio que Roger não era um sacerdote plenamente ordenado.

«O dia em que o meu pai me bateu e me mandou embora de casa foi um dos dias mais felizes da minha vida. Fui ter com Roger sem nada além

da roupa que trazia vestida, e nem sequer tinha sapatos. Acho que tinha alguns. Não me lembro de não os ter quando caminhava com Roger. Devo tê-los deixado para trás. A casa dele ficava no topo de uma colina e o caminho que lá levava era áspero e pedregoso. Vivia num lugar grande, não um castelo, mas algo como uma casa fortificada. Passámos por um portão numa muralha alta e depois por um pátio que atravessámos até à porta principal. Senti relutância em entrar na casa dele vestida como estava. Desejei ter algo mais bonito para vestir. Dentro da porta principal havia mais alguns degraus que subiam para um grande salão. Era imenso, e havia vários bancos, cadeiras e mesas. Havia várias outras pessoas na casa. Todas foram muito amáveis comigo e sentei-me junto ao fogo na extremidade do salão. Estavam a cozinhar alguma coisa. Não sei o que era. Durante a noite sentei-me e observei-o enquanto jogava um jogo com outro homem. Um jogo com algo como um tabuleiro de damas, com peças bastante elaboradamente esculpidas e dados.

«Levou-me ao seu quarto e mostrou-me onde dormiríamos. A cama era alta e à volta havia cortinas azuis de material de lã. Para mim era luxuoso porque nunca dormira numa cama antes. Roger despiu-se e vestiu uma peça larga. Achei estranho que usasse roupas especiais para dormir. De manhã descobri que o seu anel me magoara o ombro.

«Éramos sublimemente felizes. Os tempos eram difíceis e Roger estava muitas vezes fora. Eu passava o tempo com uma mulher doce e bondosa que vivia connosco.» (Era quase certamente Alais[5] (Helis), mas poderia ter sido Fabrissa.) «Era mais velha do que eu. Era uma grande fonte de conforto. Era como uma alma perdida sem Roger, mas ela compreendia quanto o amava e como me preocupava com ele. Apanhava constipações com tanta facilidade e muitas vezes regressava a casa encharcado e exausto por falta de sono. Esteve terrivelmente doente uma vez e pensei que ia morrer. Não o deixei e dormi ao seu lado tentando aquecê-lo com o meu corpo. Tinha febre alta mas tremia. O quarto não tinha lareira.[6]

Havia dois castiçais na mesa do quarto e continham velas que se mantinham acesas o tempo todo. Não sei porque ninguém chamou um médico. Graças a Deus melhorou, porque se morresse eu não teria nada por que viver. Costumava fazer os seus próprios remédios com plantas e coisas que obtinha nos bosques e campos. Era tão precioso para mim. Estava grávida na altura e Roger mal se pusera de pé outra vez quando o bebé

nasceu. Era uma menina, mas viveu pouco tempo. Fiquei terrivelmente infeliz por causa disso e Roger disse que teríamos outro. Graças a Deus não sabia então que não haveria. Havia tanta doença, sofrimento, matança e medo. A vida tornou-se mais dura. Estávamos incertos e as situações mudavam rapidamente de dia para dia.

«O nosso amor parecia ser a única coisa segura e certa no mundo.»

O comentário sobre o parágrafo acima é, mais uma vez, que a Sra. Smith assume que os médicos estavam tão disponíveis naqueles dias como hoje. O que ela não sabia era que os cátaros eram especialmente dedicados à medicina; de facto, era uma das acusações feitas contra eles pelos católicos: usavam a sua posição de médicos para propagandear a favor da heresia. Talvez Roger, com os seus remédios de ervas, também tivesse interesses médicos.

Aqui tenho de admitir que não tinha confiança numa das afirmações da Sra. Smith. Foi quando descreveu como, quando Roger estava doente, lhe davam açúcar em pão. Para melhor ou pior, não conseguia acreditar que este produto existisse no século XIII. O Professor Nelli deixa claro que a Sra. Smith tinha razão e eu estava errado. No seu livro mais recente *La Vie Quotidienne des Cathares*, publicado no verão de 1969, o Professor Nelli descreve as manhas do cura algo pouco ortodoxo de Montaillou. Este cavalheiro, após a sua última visita à amante, enviou-lhe, pouco tempo depois, açúcar em pão descrito pelo Professor Nelli como um alimento muito raro naquela época.

No final de agosto de 1969 escrevi-lhe a contar o que lera sobre açúcar em pão no livro mais recente do Professor Nelli. Ela respondeu a 31 de agosto: «Ter-lhe-ia respondido na sexta-feira, mas no fundo da mente tinha a certeza de que havia algum pormenor sobre açúcar que me escapara. Acordei ontem à noite e lembrei-me do que era, embora não pareça muito importante. O açúcar era guardado trancado. Não creio que fosse por causa do seu alto custo. A família era rica e não eram avarentos. Provavelmente porque o açúcar era muito escasso e extremamente difícil de obter.

«Vejo na sua carta que menciona como Roger era alimentado com açúcar em cubos. Escrevi, ou deveria ter escrito, açúcar em pão.» (Escreveu mesmo. Escrevi açúcar em cubos porque honestamente pensava que era o mesmo que açúcar em pão e porque esta era a minha forma de traduzir *pain*

de sucre.) A Sra. Smith continuou: «Açúcar em cubos evoca a imagem de pequenos cubos certinhos como os que vemos hoje, mas o que Roger tinha não era nada assim. Eram pedaços mais irregulares quebrados de um grande torrão. Só o tinha quando estava doente.»

Na história do açúcar num folheto da Tate and Lyle há uma passagem que diz: «Ao longo dos anos o açúcar foi usado como medicamento para praticamente todos os males do mundo. Médicos árabes recomendavam-no para doenças do peito.» A influência da medicina árabe era grande no Languedoque do século XIII. Como veremos mais adiante, Roger não só morreu de uma infeção no peito como esteve sujeito a essa condição durante algum tempo antes da morte.

O seu longo relato de 17 de fevereiro de 1966 continua da seguinte forma: «A mulher da casa costumava dizer que Roger e eu devíamos casar-nos. Repetia constantemente que não era seguro eu estar solteira, mas não sei porquê. Não me importava. Não éramos realmente um par perverso. Ambos amávamos Deus, rezávamos e íamos a reuniões religiosas. Não eram como reuniões de igreja propriamente ditas. Nenhum de nós ia à igreja. Havia uma igreja ali perto que era um pouco estranha por dentro. Havia bancos no presbitério presumivelmente para os padres, mas nenhum banco na nave. Não admira que não fôssemos lá. Não gostaria de estar de pé o tempo todo.» Mal é preciso repetir que isto revela novamente a sua ignorância dos costumes medievais.

«Espero nunca mais sonhar com aquele momento de partir o coração em que aquele homem chegou a cavalo e me disse que Roger fora levado para uma prisão. Queria ir ter com ele, mas o homem impediu-me e disse que seria louca se me mostrasse e que devia deixar a casa de Roger imediatamente antes que viessem buscar-me. Não parecia importar-me muito ser apanhada se ao menos pudesse estar com Roger, mas o homem disse que os prisioneiros podiam ter as mulheres, mas não concubinas. Devia ser uma prisão peculiar se permitiam que os homens tivessem as mulheres consigo.

Estava cheia de preocupação por Roger. Não suportava a ideia de deixar a sua casa caso ele regressasse e me encontrasse desaparecida. Mas ele dissera-me que, se algo lhe acontecesse, eu devia ir imediatamente ter com Fabrissa, por isso nessa noite parti com a irmã dele. Roger fora muito cuidadoso ao dizer-me que devia levar algum dinheiro comigo. Estava num

saco grosso e grosseiramente tecido, mais ou menos como um saquinho miniatura cor de branco sujo. Era reforçado na base e no topo e havia um cordão que o puxava bem junto no topo. Era pesado. Não havia papel-moeda, mas muitas moedas.» (A Sra. Smith conhecia muito da vida cátara no século XIII, mas não que o papel-moeda não era usado na época.)

Isto é bastante conclusivo. Ia com Helis (Alais) para Fabrissa.[7] Esta última era uma pessoa de influência, cunhada de Helis e, segundo os registos da Inquisição, uma notória protetora de hereges. O facto de a Sra. Smith dizer tão claramente nesta, como noutras ocasiões, que Alais era irmã de Roger indica claramente que o Roger com quem lidamos era Roger Isarn, filho de Bec de Fanjeaux e Aude de Tonnens. Discutirei mais plenamente a identidade de Roger nos capítulos seguintes.

«Parámos pelo caminho na casa de alguém. Não me lembro da casa, mas foi lá que ouvi a notícia da morte de Roger. Desejei esquecer aquela casa nesse dia e tudo o que lhe dizia respeito. A mulher que mo disse foi muito bondosa e compreensiva, mas eu sabia antes de ela falar o que ia dizer. Não queria que pronunciasse as palavras, mas estava tão cheia de horror que não consegui impedi-la. Disse que ele morrera na prisão de uma infeção no peito. Odeio pensar no que aquelas pessoas terríveis lhe devem ter feito. Queria morrer.

A vida a partir daquele momento era uma existência fria e sem sentido. Sem amor não há vida, nem esperança, nem alegria. Disse à irmã dele que iria embora sozinha para morrer em silêncio. Ia suicidar-me. Não como as pessoas geralmente se suicidam. Era uma saída fácil da vida. Não queria viver. Iria deixar de comer até ficar tão fraca que morreria. A irmã dele não me deixou fazer isso. Disse que o que eu mais amara nele era a vida. Ele dera-me vida e eu estaria errada ao deitar fora o precioso presente que me oferecera.

«Não é um argumento muito convincente e não creio que agora me convencesse com tais palavras, mas na minha dor estava para lá de conseguir pensar por mim própria. Deixei que me persuadisse a viver sem ele, mas nunca consegui realmente. Nada foi o mesmo outra vez. Nunca será.

«Seria maravilhoso se fosse possível encontrar um homem que eu pudesse amar como o amei. Sei que pensei que estive apaixonada várias

vezes e acho que estou apaixonada agora. Possivelmente Tom e eu seríamos felizes se casássemos. No fundo do coração continuo cheia de amor por aquele homem dos meus sonhos. Sinto que lhe pertenço e a mais ninguém. Gosto que Tom me beije. Por vezes penso que seria maravilhoso casar-me, mas não uma fração tão maravilhosa como foi com Roger, que nunca foi meu marido, mas o amante mais precioso que conheci ou alguma vez conhecerei.»

Tenho de admitir que achei difícil aceitar a afirmação da Sra. Smith de que na prisão onde Roger estava encarcerado os homens podiam receber visitas das esposas. Nessa altura já sentia que a história dela era completamente válida, mas estava preparado para que ela se enganasse por vezes nos pormenores. Não conseguia acreditar que a Inquisição permitisse que as suas vítimas encarceradas fossem visitadas pelas esposas. Mais uma vez estava errado e a Sra. Smith tinha razão. A 25 de agosto de 1969 as minhas dúvidas foram dissipadas pelo livro do Professor Nelli *La Vie Quotidienne des Cathares*.

Ele salienta que as pessoas podiam ser encarceradas, por ordem dos Inquisidores, entre dois interrogatórios. O termo técnico era *emmuré*, sendo o *Mur* a prisão da Inquisição. As pessoas assim emparedadas eram tratadas de forma diferente daquelas definitivamente condenadas a prisão perpétua ou de longa duração. Nas prisões inquisitoriais de Pamiers e Carcassona, os suspeitos não condenados podiam encontrar-se e falar com outros detidos do mesmo sexo. O Professor Nelli diz-nos que em Carcassona os prisioneiros temporários podiam receber visitas das esposas. Isto confirma completamente a afirmação da Sra. Smith.

Roger foi apreendido em Saint-Papoul. Carcassona era certamente a prisão inquisitorial mais próxima. Medidas em linha reta, as distâncias de Saint-Papoul a Pamiers e Carcassona, respetivamente, não são muito diferentes. Mas Saint-Papoul fica bastante perto da estrada principal de Carcassona para Toulouse e sabemos que mesmo no século XIII esta era uma estrada muito movimentada. Naqueles dias o caminho de Saint-Papoul para Pamiers devia ser muito através do campo. Parece bastante claro que Roger morreu na prisão de Carcassona.

23

Numa carta de 20 de fevereiro de 1966 encontrou mais notas antigas ao organizar os seus papéis antes de entrar no hospital. Estas notas diziam respeito ao vestuário. O pai de Puerilia usava uma túnica curta até aos joelhos. Roger usava as roupas até aos tornozelos. «Na casa de Roger havia muitas pessoas e algumas delas usavam roupas semelhantes às do meu pai e outras como as de Roger. Com certeza não haveria dois estilos diferentes de roupa para homens. Não faz sentido, pois não?» Não está a ter em conta o facto de pessoas de diferentes estatutos sociais usarem roupas diferentes na Idade Média e também o facto de Roger ser uma espécie de sacerdote. Disse: «Toda a gente na casa rezava de manhã e à noite, mas não me ocorrera que ele pudesse ser um pregador cátaro. Era muito terreno se o fosse.»

Vi a Sra. Smith a 25 de fevereiro. Contou-me que Roger usava um cinto com uma bolsa contendo um livro. Isto tem importância fundamental. Os sacerdotes cátaros levavam sempre consigo o Evangelho segundo São João. Mencionou também uma faca que usava para comer e para cortar coisas lá fora nos bosques. Salientou que usava o cabelo comprido. Isto está novamente de acordo com os factos. Os sacerdotes cátaros usavam o cabelo comprido e nunca era tonsurado.[8] Nesse dia disse-me que as suas revelações podiam ser desencadeadas por incidentes triviais.

A filha lavou as mãos e depois a mãe lavou as suas na mesma água.

Isto levou-a a lembrar-se de que Roger costumava lavar-se primeiro e depois as outras pessoas usavam a mesma água. Não tenho a certeza se isto era algum tipo de rito cátaro. Fez mais um comentário sobre Grisolles, dizendo que «a casa lá ficava numa colina, mas também havia uma espécie de capela no vale».

Referiu-se novamente nessa ocasião à doença que teve na primeira vez que foi a França em agosto de 1954, que coincidiu com o início da minha síndrome de Ménière. É interessante recordar que o meu interesse pelo misticismo data muito positivamente dessa altura. Lembro-me especialmente de ler *Mysticism* de Dean Inge durante a convalescença. O meu interesse pelo budismo também se intensificou. Isto é importante por causa das semelhanças entre o budismo, com a sua crença na não

resistência, reencarnação, abstenção de carne, etc., e o catarismo. Também foi nessa altura que tive duas experiências de estar para além do tempo e para além do bem e do mal. O início da carreira extrassensorial da Sra. Smith foi inaugurado por dores de cabeça e dois ataques de inconsciência. É razoável supor que a minha doença de Ménière, outra doença que pode ser do tipo «fora do tempo», foi um acompanhamento essencial da iniciação das minhas experiências extrassensoriais.

[4] Quer dizer um cinto sobre a roupa exterior. Se fosse um cordão fino usado junto à pele, isso seria de maior interesse. É frequentemente dito, provavelmente de forma errada, que os sacerdotes cátaros usavam tal cordão por baixo da roupa.

[5] Alais era irmã de Roger e presumivelmente mais provável estar envolvida com ele, desde que aceitasse, como parece ter feito, a sua ligação com uma rapariga camponesa.

[6] O que esperava no século XIII?

[7] O leitor pode lembrar-se de que a nossa primeira pista foi a afirmação de Roger: «Se alguma coisa me acontecer, vai ter com Fabrissa.» [8] Esta questão da tonsura ou não era por vezes uma questão de vida ou morte. Alguns dos mais bruscos entre os cavaleiros languedócios perseguidos estavam inclinados, após a perseguição católica, a vingar-se em pessoas que usassem vestes clericais. O exame do couro cabeludo para ver se havia tonsura ou evidência da sua existência anterior podia ser crucial para o clérigo.

Numa carta que me escreveu a 25 de fevereiro, ela dizia que não tinha lido muito sobre a doutrina cátara. Referiu que tinha de ser cuidadosa ao ler sobre o catarismo para não confundir «o que li com o que sei». «Gostaria muito de conseguir recordar algumas das coisas de que Roger falava nessas reuniões. Sei que ele achava que o Nascimento Virginal era uma grande tolice e dizia frequentemente que os católicos romanos eram um povo supersticioso. No entanto, nos poucos livros sobre o catarismo que li, os autores parecem fazer questão de acusar os cátaros de supersticiosos. Eu não acredito que o fossem.»

Ela está perfeitamente correta neste ponto. Os autores desses livros não parecem capazes de distinguir entre superstição pura e simples e genuínos dons psíquicos. É quase certo que estes últimos estavam

consideravelmente desenvolvidos no sacerdócio cátaro. Tais dons tenderiam a manifestar-se devido à sua abordagem mística e à natureza ascética das suas vidas. O facto de os Inquisidores os acusarem tão frequentemente de superstição e ocultismo era perfeitamente expectável. Trata-se da tradução inquisitorial natural de dons de cura, clarividência, etc., tal como, por exemplo, a castidade cátara era, do ponto de vista de um catolicismo tendencioso, quase inevitavelmente considerada ou hipocrisia ou disfarce para perversão.

Ela continuou: «A religião deles era uma religião de liberdade e alegria, e não estava impregnada do ascetismo fanático e mórbido que algumas pessoas querem fazer-nos crer.» Aqui também sinto que ela tem toda a razão. Os críticos do catarismo não conseguem distinguir entre os Perfeitos (Parfaits) e os simples crentes (croyants). Estes últimos não eram obrigados a jejuar nem a mortificar a carne mais do que o hindu ou o católico romano médio, ainda que tanto os sacerdotes hindus como os católicos pratiquem regularmente o ascetismo, bem como a meditação e outras disciplinas semelhantes.

Ela disse que era uma grande pena que «os grandes corpos religiosos organizados não reconheçam a simplicidade de Cristo. A verdadeira filosofia de vida d'Ele perdeu-se para eles e como poderia ser de outra forma quando Ele foi aprisionado na Igreja? Não estou a tentar diminuir o bem que a Igreja faz, que é um lugar necessário de conforto para alguns, mas um pregador esclarecido escreveu uma vez que o grande uso da Igreja é permitir às pessoas passarem sem ela.

«A paz para mim não é o sentimento sagrado que por vezes se sente na Igreja. Ela chega-me numa mente desligada da matéria escravizante e de todas as coisas materiais. Tu conheces-me suficientemente bem para saberes que não vivo num estado espiritual de bem-aventurança o tempo todo, mas a minha ideia de céu é a paz.» Depois faz uma observação muito significativa: «Não acho que haja qualquer mistério sobre o mal — não será ele simplesmente a ausência do bem?» Isto aproxima-se do estado para além do bem e do mal que é uma característica da filosofia oriental. O catarismo foi influenciado por filosofias transcendentais de origem semelhante. Uma ligação filosófica entre o catarismo e o budismo revela-se na célebre história de Barlaão e Josafá.

Referindo-se à ocasião em que quase morreu de peritonite e em que gritou quando os padres apareceram com o Viático, disse que o pai lhe contou que ela «não parava de falar em ter outro bebé e eu tinha apenas treze ou catorze anos na altura». Isto remete para a perda do seu filho no século XIII.

É interessante que o pai lhe tenha falado dessa maneira. Afinal, isso aconteceu há vinte e seis anos, quando ela tinha apenas treze anos e antes de os temas de conversa terem atingido o atual grau de liberdade (ou licença). Parece possível que o pai fosse constituído de forma semelhante a ela. O facto de, como veremos mais adiante, ele ter guardado fragmentos de poesia francesa medieval dela também é significativo neste contexto.

Referindo-se à roupa, disse que não se lembrava de usar o alto toucado pontiagudo que frequentemente se vê em imagens de pessoas medievais. «As mulheres mais velhas usavam toucas que pareciam um pouco de freira, mas as mulheres mais jovens usavam o cabelo numa espécie de rede, embora a maior parte do tempo eu nem isso usasse. Mantinha o cabelo solto, com apenas uma faixa metálica no topo da cabeça. Inclino-me a pensar que era mais ornamental do que útil. Os trajes medievais que vejo ocasionalmente parecem-me demasiado elaborados e cheios de adornos. As roupas de que me lembro eram muito mais simples.»

«Nunca vi em nenhuma imagem o tipo de sapatos que Roger usava. Eram de couro e tinham uma correia que abotoava à volta dos tornozelos. Coisas muito peculiares, mas tenho a certeza absoluta de que eram assim.» Esta referência aos sapatos é interessante. Tanto os sacerdotes cátaros como os valdenses usavam sapatos peculiares e um dos nomes que lhes eram atribuídos derivava dessa prática.

Falou também de um pente peculiar com duas fileiras de dentes que Roger usava para o cabelo, o qual, além de comprido, era usado com franja.

Voltou a referir outros sonhos ocorridos em França, mas não na Idade Média. Isto é interessante porque, embora eu não tenha qualquer recordação pessoal do século XIII, tenho algumas evidências de outras duas encarnações, em ambas das quais sinto ter estado em França e numa das quais tenho a certeza de ter sido marinheiro. Não insisto muito neste ponto particular porque a minha única evidência é uma visão e uma certa dose de intuição.

Numa carta datada de 28 de fevereiro de 1966, contou-me que a mãe era médium e tinha um talento especial para acertar nas previsões. Isso criou-lhe preconceito contra assuntos psíquicos, porque a mãe tendia a orgulhar-se das suas capacidades.

A 2 de março escreveu-me uma carta muito boa e longa da qual transcrevo alguns excertos. Eu tinha manifestado pena por não poder ter mais informações diretas sobre a fé cátara. A resposta dela foi a seguinte: «Sim, a fé cátara era simples, mas de uma simplicidade enganadora e demasiado honesta para que muita gente a aceitasse. Abraçar tal fé exigia coragem — coragem para se ver a si próprio e à vida como ela é. Tantos tinham medo de o fazer e o medo é o terreno fértil do ódio. Foi por isso que foram perseguidos — por puro medo de pessoas que não podiam nem queriam ver a vida como ela é: um momento fracionário no tempo e apenas uma etapa no cumprimento último da perfeição.

Esta verdade chegou-me não quando tentava fugir ao sofrimento, mas quando já não suportava o peso dos meus próprios fardos e ainda encontrava força excedente para ajudar os outros com os deles. Sei que verdadeiramente não podemos acumular tesouros na terra. Para nos tornarmos parte de uma mente universal é preciso aceitar estas coisas com suavidade. Um botão de flor não se esforça nem luta para se abrir: abre-se naturalmente e o vento e a chuva não o prejudicam. É simples, não é? Mas olha à tua volta para a louca correria e azáfama das pessoas a tentar viver e vê como lhes é difícil aceitar esta verdade. A fé cátara atraiu naturalmente a sua quota-parte de excêntricos e fanáticos e os "ramo" deram-lhe má fama. O verdadeiro catarismo nunca foi outra coisa senão fé pura e simples.»

Em cartas escritas no início de março, ela volta à questão do símbolo no anel e na fivela. Por qualquer razão, identificou-o com um dos signos do Zodíaco. Disse que sentia que era o signo de Peixes.

(Nota: Os cátaros interessavam-se definitivamente por astrologia. Isso foi usado como acusação contra eles, enquadrada na bruxaria. No entanto, a monarquia católica dessa época e das seguintes empregava astrólogos na corte.)

Disse que via esse signo há anos. A 18 de março recebeu uma carta de um famoso professor de História Medieval a quem já tinha escrito anteriormente. Na primeira carta, tinha-lhe perguntado se aquele símbolo

na fivela do cinto de Roger era um símbolo cátaro e ele respondeu negativamente. Depois, muito gentilmente, escreveu-lhe espontaneamente a dizer que, ao folhear uns manuscritos medievais, descobrira um símbolo na margem que se assemelhava ao que ela lhe tinha desenhado e que esse símbolo era considerado cátaro.

A 18 de março recebi uma carta dela a dizer: «Se estás disposto a acreditar na minha palavra, os cintos distintivos usados pelos Perfeitos eram definitivamente abotoados e não atados. Lembro-me de ter tido um, mas não consigo perceber porquê.» Mais tarde escrevi ao senhor Duvernoy a perguntar se me podia esclarecer este ponto. Ele respondeu que não havia informação segura sobre os cintos usados pelos Perfeitos.

A Sra. Smith pensava que talvez tivesse sido uma espécie de pregadora, mas rejeitou categoricamente a ideia de alguma vez ter sido Perfeita. Esta última hipótese está fora de questão. Por outro lado, bem poderia ter pregado. Os cátaros acreditavam muito na palavra falada e há alguma evidência de que foram propagandistas assíduos da sua fé.

24

A 30 de março ela voltou ao tema de Ashridge. Disse que aquele lugar surgia constantemente em todo o lado para onde ia e que, por algum motivo estranho, as pessoas não paravam de lhe falar dele. Parecia ter percorrido os mesmos caminhos que eu nas suas investigações, embora não de forma tão aprofundada. Pensava que haveria alguma ligação entre os Bonshommes de Ashridge e a Society of Gaunt. A 1 de abril pareceu convencer-se de que os Bonshommes de Ashridge não eram cátaros. Comentou que tinha ficado interessada na forma como usavam o cabelo. Nessa manhã recebera uma carta a informar que os Bonshommes de Ashridge usavam tonsuras de acordo com os estatutos do colégio. Esta informação constitui mais um elemento contra a hipótese de serem cátaros abertamente praticantes.

A 5 de abril encontrei-me com ela por marcação. Por qualquer razão, durante essa entrevista começámos a falar de árvores. Devo dizer que durante vários anos sofri literalmente de angústia ao ver árvores serem abatidas. A Sra. Smith era afetada da mesma maneira e conseguiu salvar uma alameda de árvores que estava ameaçada na sua localidade. Ao que parece, no século XIII Roger tinha o hábito de caminhar muito nos

bosques. Sempre senti que a minha própria relação com as árvores não era meramente estética. Sempre achei que havia nelas algo de especialmente sagrado e que ofereciam proteção. É bem possível que no passado eu tenha precisado da sua cobertura e que as minhas angústias quando eram abatidas fossem a recordação de uma experiência anterior. Era interessante notar que, quando uma árvore era derrubada por uma tempestade, eu não sentia a mesma angústia.

A Sra. Smith — ou, talvez seja melhor referir-me à sua encarnação do século XIII como Puerila — usava cinzento antes da morte de Roger e preto depois. O vestido era sempre muito modesto e sem graça. Quando foi para a fogueira, estava vestida de branco.

Uma conhecida sugeriu à Sra. Smith que o estudo de marcas de água (watermarks) poderia fornecer uma pista sobre a natureza do símbolo que aparecia na fivela de Roger e na chave que ela transportava. Escreveu a uma empresa de fabricantes de papel em Hertfordshire sobre o assunto das marcas de água. Na Idade Média e posteriormente, a produção de papel era uma indústria inevitavelmente associada à heresia. Isto aplicava-se particularmente aos albigenses. Estes usavam marcas de água para propagar a sua religião. Hertfordshire é um dos condados de Inglaterra onde a produção de papel é mais ativa. Existem fábricas de papel em Watford e King's Langley. Ashridge, que apesar das evidências eu continuo a considerar ligada aos cátaros, situa-se em Hertfordshire. Nesse dia a Sra. Smith confirmou-me que o local de nascimento da sua avó era certamente Ashridge, em Hertfordshire.

Há um epílogo fascinante a esta história. A 25 de janeiro do ano seguinte, ela voltou ao tema das marcas de água e à fama dos albigenses como grandes fabricantes de papel. Sugeriu que eu escrevesse a Sir A. B., membro de uma distinta família de antepassados heréticos e envolvido na produção de papel. No mesmo dia, outra amiga, que vive a mais de cem quilómetros de distância e que não conhece a Sra. Smith, informou-me que acabara de conhecer Sir A. B. pela primeira vez nesse dia. Esta amiga, a quem chamarei C por conveniência, descreveu Sir A. B. como «alguém com história escrita no rosto e com a dentição da Idade Média». Tanto o pai como a mãe de C eram dentistas.

Quatro dias antes, C entregou-me um livro sobre catedrais francesas. O livro estava aberto numa página que continha uma citação de um dos

textos de Madame X. Fiquei muito surpreendido, porque não pensava que esses textos fossem conhecidos senão por poucas pessoas.

A cadeia de comunicações envolvendo C continuou. Não passou mais de uma semana até uma colega me perguntar se podia levar-me um francês de Narbonne que estava hospedado em casa do pai dela. Sabia do meu interesse pelos cátaros e parecia que o senhor N., hóspede do pai dela, tinha um amigo que vivia na região de Foix e que era considerado uma grande autoridade no assunto. Infelizmente não pude recebê-lo no dia que ela sugeriu, nem foi possível marcar outra data. Durante a semana seguinte, C tinha reserva para viajar para França, mas a travessia foi cancelada devido ao mau tempo. Em Southampton viu e teve pena de um francês que parecia muito desorientado por causa do cancelamento. Levou-o até à sua cidade natal e mostrou-lhe os principais pontos até à próxima partida. O homem que ela socorreu era, naturalmente, o hóspede do pai da amiga do meu médico. Este último vivia a cerca de cento e trinta quilómetros da minha amiga caridosa. Esta é mais uma daquelas sincronias de acontecimentos que ocorrem constantemente nesta história e das quais citei apenas um número limitado.

Estas sincronias e as revelações cátaras surgem no mesmo plano de atividade psíquica.

Esse dia em particular foi notável porque li na *História da Inquisição* de Guiraud que Fabrissa de Mazerolles era uma Perfeita. Era descrita como parente de Blanche de Laurac e vivia em Gaja. Soube também por Guiraud que reuniões cátaras eram realizadas em Mazerolles, Gaja, Laurac e Fanjeaux. Não irei agora aprofundar o que encontrei em Guiraud nessa altura, pois estava muito ocupado nesse período e a minha leitura foi rápida e esporádica.

25

Numa carta de 5 de abril, a Sra. Smith disse que tinha estado a ler *Massacre at Montségur*, de Zoé Oldenbourg. Pela primeira vez deparou-se com uma descrição do assassinato dos Inquisidores em Avignonet. Com honestidade, mas de forma muito ingénua, diz que o incidente não lhe despertou qualquer eco na memória. Em primeiro lugar, não se poderia esperar que se lembrasse de tudo. Em segundo lugar, ela não esteve presente no massacre. Pergunta-se, com ingenuidade, se o Pierre de

Mazerolles mencionado por Zoé Oldenbourg e o seu visitante noturno seriam a mesma pessoa. Sem qualquer dúvida, eram. As ligações familiares de de Mazerolles e a sua cumplicidade no assassinato estão estabelecidas para além de qualquer dúvida e serão tratadas mais adiante.

No entanto, recordava o suficiente para dizer: «Aqueles homens» (isto é, os assassinos de Avignonet) «não eram verdadeiros cátaros. Lutavam por poder pessoal e ganho financeiro.» Há mais do que isso, porque também estavam interessados em destruir os registos da Inquisição para preservar a segurança das pessoas comprometidas pelas suas lealdades cátaras. A situação era comparável à destruição, pelos movimentos de Resistência na última guerra, dos registos da Gestapo. Mas ela estava estranhamente certa quanto ao ganho financeiro, pelo menos no que dizia respeito a Pierre de Mazerolles. Isso torna-se claro no depoimento de Imbert de Salas, que citarei mais tarde.

Falando a partir das suas próprias recordações pessoais, disse que, ao longo dos anos, as doutrinas e a filosofia do catarismo foram distorcidas de tal forma que se tornaram irreconhecíveis. Isto é suficientemente verdade. O sucesso da propaganda da Inquisição, cujo efeito perdura há sete séculos, é tão impressionante como a totalidade com que exterminaram os cátaros. Continuou: «A Endura é um exemplo perfeito», isto é, de distorção da verdade pela propaganda. Recorda-se que a Endura foi descrita como suicídio por jejum.

Prosseguiu: «Eles» — referindo-se aos Perfeitos — «associavam-se livremente com crentes que com bastante frequência levavam vidas de imoralidade.» Aqui trata de uma questão constantemente levantada pelos antagonistas católicos do catarismo. Guiraud, um historiador não desrazoável, quase se lamenta deste ponto em particular. O argumento é o seguinte: se os Perfeitos levavam vidas de completo ascetismo, porque se associavam e recebiam hospitalidade de pessoas que viviam em união livre com as suas amantes, etc.? Aplicado logicamente, este argumento significaria que qualquer padre católico que mantivesse quaisquer relações sociais com uma pessoa de vida imoral seria culpado da pior hipocrisia. Este argumento é ridículo, mas foi avançado seriamente por vários daqueles escritores católicos cujas mentes e cabeças deixam de funcionar quando a sua atenção se foca no que chamam heresia — o que, na prática, significa por vezes o resto do mundo.[1]

Há um ponto de interesse particular iluminado pela experiência do século XIII da Sra. Smith. Quando diz «associavam-se livremente com crentes que com bastante frequência levavam vidas de imoralidade», ao usar o termo «livremente associavam-se», está a exprimir algo que tem perturbado um pouco até os mais firmes defensores do catarismo. É de notar, por exemplo, que muitos dos membros da guarnição de Montségur tinham consigo o que eram descritas como suas amantes.

Ela própria explica o assunto: «Essas pessoas, isto é, as que levavam vidas de imoralidade, eram aceites pelos Perfeitos, mas, evidentemente, eram-no, pois um médico procura curar os doentes, não os sãos.» Isto pode não agradar ao preconceito de certos críticos, mas está em linha com a prática cristã exemplificada por Cristo.

Nesta carta, a Sra. Smith mostrou uma inversão de atitude em relação ao catarismo e às suas próprias potencialidades. Disse que eu não precisava de hesitar em fazer-lhe perguntas nem em falar a outros sobre ela ou as suas experiências. Acrescentou: «No entanto, tem sempre presente que a maior parte dos pormenores que conheço são apenas memórias e por vezes não correspondem minimamente aos livros sobre cátaros, cujos autores presumivelmente fizeram pesquisas rigorosas e minuciosas.» Aqui está a elogiar a diligência dos autores. Embora eu não possa reclamar ser uma autoridade no assunto, eu próprio tenho ficado horrorizado com a forma como historiadores reputados aceitaram como evidência declarações isoladas de um camponês obtidas sob interrogatório e tortura. Qualquer pessoa com algum conhecimento prático do catarismo consegue rastrear afirmações, repetidas vezes sem conta em obras padrão, até uma única fonte contemporânea e tendenciosa. Deve recordar-se que, na maior parte, devemos à Inquisição as narrativas contemporâneas do catarismo.

Na noite do dia em que recebi esta carta, tive um telefonema dela. Acabara de decifrar algumas notas adicionais que descobrira. Pelo que conseguiu perceber, tinham sido feitas na adolescência tardia, por volta dos dezassete ou dezoito anos. Descobrira os nomes Sicard, Guiraud e de Levis. Não sabia como estavam ligados entre si. A ligação é clara. Sicard, Guiraud e um irmão, Gaucerand (não mencionado pela Sra. Smith), faziam parte do séquito de de Levis. Este último tinha desalojado os antigos senhores cátaros da propriedade de Mirepoix nos anos que precederam a queda de Montségur. No entanto, veremos que os irmãos continuaram, no

fundo, firmes cátaros. Encontrou também uma referência ao Bispo Imbert. Ele pregou numa assembleia em Mazerolles. Ela lá foi acompanhada por Fabrissa.

A Sra. Smith descobriu um aviso para se manter afastada de Saint-Papoul. Mais tarde veio a verificar-se que era nesse lugar que Roger foi capturado. Foi avisada por alguém chamado Savaric para se manter afastada desse sítio.

A 15 de abril escreveu novamente: «Preciso de ir à arrecadação um dia destes para ver se tenho algum nome apontado em velhos cadernos de escola. Muitas vezes anotava um nome que me vinha à cabeça, especialmente se fosse invulgar.»[2]

Referindo-se à descoberta em Guiraud de que Fabrissa de Mazerolles era uma proeminente protetora de hereges, comentou: «Havia bastantes hereges em Mazerolles. Sei que tinham reuniões lá na sala do castelo e por vezes ao ar livre.» Disse que era aí que o Bispo Imbert pregava. Não encontrou qualquer referência a este homem nos livros de Guiraud, mas o senhor Duvernoy descobriu-o para mim e forneceu-me um dossiê completo sobre ele.

Descobriu em Guiraud que os de Mazerolles e os de Laurac eram aparentados por casamentos. «Blanche de Laurac, Hélis, Fabrissa de Mazerolles estão todas relacionadas.» Hélis é a Alais a que a Sra. Smith se refere bastante cedo neste livro. Ela, enquanto Puerilia, estava constantemente com Hélis e Fabrissa. Neste ponto, é melhor afirmar claramente que as principais alegações da Sra. Smith são absolutamente corretas. Hélis era irmã de Roger e mãe de Pierre de Mazerolles. Era também cunhada de Fabrissa. Mais evidências da identidade destas personagens serão dadas numa secção posterior.

A 18 de abril expressou desapontamento com a sua breve e rápida leitura de Guiraud. A minha não foi muito melhor. Nesta fase dos acontecimentos, parece que perdi o interesse. É difícil explicar porque não fiz, nessa altura, um esforço concentrado para estabelecer a minha identidade anterior. É notável o quanto deixei escapar no livro de Guiraud quando o folheei pela primeira vez. Certamente não me propus lê-lo na íntegra. No fundo da minha mente estava a ideia de que, se as coisas tiverem de ser reveladas, serão reveladas.

O desapontamento da Sra. Smith com Guiraud tinha uma origem específica. Estava constantemente à procura de uma referência a Grisolles, porque conhecera Roger por esse apelido.

Há novamente um deslize para uma atitude ambivalente em relação a toda a experiência. «No fundo de tudo, tenho medo. Medo de que um Roger de Grisolles apareça em algum registo algures, porque então serei forçada a aceitar que este homem existiu. Vês que estou muito confusa neste momento.»

[1] Percebe-se que os católicos, no seu conjunto, estão hoje mais abertos de espírito, mas a libertação da Igreja Católica é de origem recente e ainda não sabemos se os seus ganhos serão consolidados.

[2] Ver mais adiante.

26

Houve uma comunicação adicional datada de 19 de abril. Algo aconteceu que causou pânico à Sra. Smith. Pensei que era um assunto pequeno comparado com as experiências anteriores por que passara. Ela pensara anteriormente que toda a família do pai estava morta, mas «há pouco tempo uma mulher foi ter com a minha mãe e disse que era companheira da minha tia-avó, que está a morrer. Nunca soube nada da família da minha avó, exceto que viveram outrora em Ashridge, mas esta mulher disse-nos que os meus bisavós eram franceses. Todos eram católicos devotos.» A Sra. Smith acrescentou: «Fico um pouco apreensiva com o que poderá aparecer a seguir. É um bocado estranho.» Numa carta posterior acrescentou que a mãe dissera no dia anterior que o pai nunca respirara uma palavra sobre os avós serem franceses. Parece que um dos irmãos da avó era padre católico romano. Só mais tarde descobriu que o apelido da família era francês, com, de facto, uma semelhança bastante positiva com o meu.

Vi-a a 24 de abril. Mostrou-me uma série de fotografias dela tiradas quando era mais nova. Tendo em conta as idades diferentes, o rosto dela, tal como revelado nestes instantâneos bastante bons, tinha uma tal capacidade de mudança que, se não me tivessem dito previamente que era ela a pessoa fotografada, eu poderia ter dito que as fotografias não eram da

mesma pessoa. Tenho notado frequentemente esta extrema variabilidade de feições em pessoas psíquicas. Talvez seja apenas que as personalidades passadas se manifestem mais facilmente nelas do que nos outros.

A 24 de abril escreveu a dizer que, enquanto no passado tinha sido muitas vezes deprimida e infeliz, ultimamente tinha estado excepcionalmente contente. Disse que supunha que a paz de espírito seria alcançada quando se aprendesse a aceitar as experiências disciplinares da vida, os problemas e as mágoas. Disse que se sentia melhor equipada para ajudar os outros e mais tolerante.

A 29 de abril recebeu uma carta de um padre católico romano na Escócia, que nunca conhecera e que era parente da geração do avô dela. Ele disse que estava fascinado pelo assunto dos seus antepassados e que traçara a família até à Idade Média em Florença. Esta cidade foi, em tempos, um reduto do catarismo.

Para o final de maio, contou-me que ouvira de uma amiga em França que havia terreno à venda nas imediações de Grisolles e que as pessoas estavam relutantes em comprá-lo. O terreno em questão acreditava-se ser um cemitério cátaro e dizia-se que era assombrado pelos cátaros. O irmão da amiga arriscou e fez uma oferta, considerando que poderia ser útil para o seu negócio, mas durante algum tempo não encontrou ninguém disposto a assinar o acordo. Num artigo do senhor Duvernoy descobri que só conhecemos com certeza três cemitérios cátaros. Descartei o assunto como superstição local.

Depois, em abril de 1969, ao reler Guiraud, descobri que os senhores de Montesquieu eram cátaros fervorosos e que diferentes gerações da família foram sepultadas num cemitério nas imediações. Verifiquei no mapa que Montesquieu ficava, tal como Grisolles, a poucos quilómetros de Toulouse, embora a sul dessa cidade. Pedi à Sra. Smith que escrevesse à amiga em França para ver se o terreno que o irmão dela tivera tanta dificuldade em comprar se situava em Montesquieu. Respondeu numa carta que recebi a 3 de maio que não era o caso. O tom da carta era de lamentar desapontar-me. Não o fez. Descreveu o terreno, agora na posse da amiga, como situado num lugar chamado Muret. Temia que este ponto não acrescentasse interesse à narrativa. Mas, enfaticamente, acrescenta.

Muret situa-se a pouca distância a sul de Toulouse. É o local da vitória suprema de de Montfort, que destruiu para sempre a esperança de liberdade para o Languedoc e de tolerância para a fé cátara. O exército do Conde de Toulouse fora reforçado pelo de D. Pedro de Aragão. Devido a um desrespeito fatuo pelas táticas e pela prudência elementar por parte deste último, a vantagem da superioridade numérica foi desperdiçada. O próprio D. Pedro de Aragão foi morto e houve considerável matança entre os exércitos do Languedoc. Embora as hostilidades tenham sido retomadas mais do que uma vez nos vinte anos seguintes, Muret foi o verdadeiro cemitério das esperanças cátaras. Pode não ter sido um cemitério no sentido literal da palavra, embora milhares de cátaros e seus apoiantes devam ter sido sepultados ali. Certamente, no sentido metafórico, cumpriu essa descrição. Pergunta-se se o terreno adquirido pelo irmão da amiga da Sra. Smith incluía efetivamente uma porção do campo de batalha.

A 28 de maio disse que se lembrava, num sonho, das moedas que levava quando ia ter com Fabrissa. Fez um desenho delas — eram todas do mesmo tipo — e enviou-o com a carta. Não sei nada de numismática e não posso tirar conclusões firmes desta moeda, mas, como todas as questões levantadas pela Sra. Smith, é de grande interesse e merece discussão.

No dia seguinte, 29 de maio, recebi da Sra. Smith a seguinte descrição desta moeda em particular: «As moedas não eram perfeitamente redondas e eram ligeiramente mais pequenas do que aquela que tentei desenhar aqui. Sabes que não sou grande artista, mas tenho a certeza de que acertei na legenda, pois anotei-a no momento em que acordei. A escrita não me diz muito — não parece francês nem latim, pois não? Do outro lado há uma cabeça de homem — não de perfil, mas de frente, mas não consigo de maneira nenhuma desenhá-la, receio. Sei que parece ridículo, mas algumas das moedas estavam cortadas ao meio — tenho a certeza disso.»

Desenho de moeda de um sonho da Sr. Smith

Mais tarde, recordou um ponto adicional sobre as moedas: «Um aspeto que me esqueci de mencionar sobre as moedas é que elas não tinham

data! Talvez por isso se enquadrassem na categoria de moeda de conta ou moeda simbólica, pois não achas que todas as oficiais deveriam ter data? Além disso, não gostaria de afirmar com certeza que a cabeça de homem no reverso é a de um rei, porque ele não aparece com coroa. É apenas um jovem com cabelo até aos ombros.»

Os meus comentários são os seguintes. Em primeiro lugar, ela não se apercebeu de que cortar moedas ao meio era uma prática comum na Idade Média. Mais tarde corrigiu isso. Fez perguntas a um amigo que colecionava moedas e descobriu que dividir as moedas ao meio era habitual porque eram geralmente de prata e valiam o peso da prata que continham.

Quanto à identificação desta moeda em particular, o amigo dela apontou que, no século XIII, França, ao contrário de Inglaterra, não tinha uma moeda única e unificada, havendo muitas emissões feudais. Não julgo necessário insistir na diversidade da moeda francesa no século XIII. O Languedoc devia inevitavelmente ter a sua própria moeda. Representava uma civilização distinta e autónoma. Qualquer vassalagem exibida em relação aos reis de França era mais ou menos nominal até que, naturalmente, a situação foi alterada pelas Cruzadas contra os albigenses.

A cabeça do outro lado da moeda poderia ser a de um dos Condes de Toulouse. Como se tratava de um jovem, e se a moeda tivesse sido cunhada relativamente pouco tempo antes de Puerilia a transportar no seu saco, também poderia ser a cabeça de Raimundo-Roger Trencavel, Visconde de Carcassona e Béziers, protetor de hereges, que morreu — ou foi assassinado pelos Cruzados — no final dos seus vinte e poucos anos, no seu próprio castelo em Carcassona.

Não posso comentar a dúvida da Sra. Smith de que as moedas oficiais deveriam seguramente ter data.

O amigo dela sugeriu que esta moeda poderia ser um exemplo de uma emissão oficial feita em tempo de emergência, como um cerco. A época de que estamos a falar foi certamente um período de crise. Houve cercos em abundância: Toulouse, Fanjeaux, Montréal, Carcassona, Minerve, Termes, etc. A própria Puerilia participara num deles. O amigo da Sra. Smith interessou-se muito pela moeda e pediu para a ver se ela a tivesse em sua posse. A Sra. Smith comentou: «Não a conheço suficientemente bem para lhe dizer que apenas sonhei com ela. Evidentemente, quero saber mais, mas

os “especialistas” ficam demasiado curiosos e eu ainda sou sensível quanto a contar a alguém.»

A 10 de junho de 1966, escreveu-me a perguntar se, caso eu ainda tivesse a carta dela, poderia examiná-la e ver se a legenda na moeda se parecia com Figeac. Não conseguia encontrar o pedaço de papel em que fizera o esboço da moeda. Disse: «Parece-me lembrar-me que havia uma letra F, mas não faço a mínima ideia do resto. A letra era tão estranha. Enfim, o que quero dizer é isto.

«Alguém me disse esta semana que há uma interessante cidade medieval em França, algures na região de Albi, chamada Figeac. Disse que era uma cidade que valia a pena visitar e que fora uma antiga casa da moeda do século XIII. Já ouviste falar desta cidade?»

Figeac existe. É mesmo o local de nascimento de Charles Boyer. Há algo parecido com um F no desenho da moeda. Não consegui descobrir nada que se aproximasse do nome Figeac ou de qualquer versão latina dele. Mas porque razão deveria uma moeda ostentar o nome Figeac apenas por ter sido cunhada lá? Figeac devia ser um lugar demasiado pequeno na Idade Média para produzir moeda apenas para uso próprio.

Uma consulta ao Departamento de Moedas e Medalhas do Museu Britânico confirmou que uma casa da moeda em Figeac foi aberta para Filipe VI em 1346. Também cunhou moedas para Eduardo, o Príncipe Negro, de Aquitânia. Como a casa da moeda de Figeac só abriu um século após a morte de Roger, não é relevante para a nossa história.

A identidade da moeda da Sra. Smith é matéria para especialistas. É mais satisfatório ouvir dela um testemunho de primeira mão do século XIII: «Naqueles dias não usávamos muito dinheiro. Vivíamos sobretudo a trocar bens. Como a Igreja estava tão empenhada em confiscar bens, é bastante provável que pessoas como os cátaros, que eram constantemente perseguidas e muitas vezes tinham de abandonar os lugares à pressa, convertessem tudo o que possuíam em prata e coisas semelhantes, que podiam ser levadas e escondidas se necessário. Uma grande vantagem das moedas de prata era que podiam ser derretidas e usadas para fazer outros objetos, mantendo o mesmo valor da prata. A fivela do cinto do Perfeito era de prata, e a única coisa de valor que eles possuíam pessoalmente. Talvez não devesse escrever com tanta convicção. Afinal, são apenas sonhos. Não

pretendo estar certa e não sou uma autoridade na Idade Média. Tenho sempre medo de te poder enganar com os pormenores que te dou.»

Ao dar os últimos retoques a este livro, escrevi novamente à Sra. Smith sobre o assunto desta moeda. Numa carta datada de 20 de maio de 1969, ela escreveu: «Moedas, acho que está bem mencioná-las, mas não tentaria fazer uma secção sobre isso porque é algo de que não tenho a certeza a 100 %. Como já te disse antes, colecionei e estudei moedas e, por causa disso, nunca se pode ter a certeza de que o que desenhei não seja simplesmente uma memória subconsciente de algo que li ao longo dos anos. É verdade que não li muito sobre o assunto e não sei absolutamente nada sobre moedas anteriores ao século XVIII, mas tenho de ser honesta porque este é um dos meus passatempos.»

Cito esta carta para mostrar a atitude conscienciosa e altamente autocrítica da Sra. Smith em relação aos seus próprios sonhos e memórias. O leitor poderá concordar com ela ao minimizar o valor do que diz sobre a moeda. Eu próprio considero-o definitivamente como evidência, simplesmente porque desconsiderar qualquer coisa que ela diz seria insensato, dado que tem estado tantas vezes certa. Além disso, parece-me que, face às suas claras recordações de Fabrissa, Roger, Hélis e Pierre, devemos prestar séria atenção à sua possivelmente extremamente vívida recordação da moeda que transportava na viagem para Fabrissa. Afinal, este foi um dos períodos cruciais da sua vida. Como Roger disse: «Se me acontecer alguma coisa, vai ter com Fabrissa.» No entanto, embora eu classificasse a recordação da moeda como evidência admissível, não a considerava uma contribuição impressionante. Havia, porém, mais a dizer sobre o assunto. Como veremos na página 119, o Professor Nelli viria a fazer mais contributos.

Seguiu-se depois um período de várias semanas durante o qual tive pouco a registar. Durante julho, a Sra. Smith passou bastante tempo a escrever a diferentes fontes em França para ver se conseguia identificar Roger de Grisolles. Não conseguiu. Teve uma comunicação que poderia ter sido importante. A 19, disse que recebeu uma carta de uma estudante em Castelnaudary. Esta dizia que Roger de Grisolles era provavelmente um apelido de infância de um amigo de uma família de hereges de Mazerolles. A Sra. Smith respondeu com um grande número de perguntas, mas não obteve resposta e, além disso, perdeu o endereço da informante.[1] Mais tarde

ocorreu-me a ideia de que Grisolles não era o nome de um lugar (embora tal lugar exista), mas a descrição de uma característica do homem em questão. No meu dicionário encontrei que o verbo *grisoller* significava cantar como uma cotovia. Fiquei muito satisfeito com o que considerei um lampejo de intuição. Como Guiraud e os depoimentos perante os Inquisidores deixam claro, Roger, enquanto membro da família de Fanjeaux, pertencia a um grupo muito ativo de nobreza cátara nas imediações de Fanjeaux, Montréal e Mazerolles. Estas famílias eram consideravelmente aparentadas por casamentos. Incluíam os Durfort, cujo nome de família era Feste. Roger era neto de Guilherme de Durfort. Este último era, segundo o Professor Nelli (cujos critérios são muito rigorosos), o único trovador reconhecido que foi indubitavelmente um cátaro praticante.

É de lamentar que a Sra. Smith tenha perdido o rasto deste jovem. Gostaria imenso de saber porque considerava ele o nome Grisolles como um apelido.

Pode-se perguntar se, num tal ambiente, Roger aspirava a ser trovador. Temos evidência absolutamente definitiva sobre este ponto. Não se pode dizer que ele escrevesse poesia, mas estava sempre a cantar e a recitá-la. A Sra. Smith recorda alguns desses poemas. São citados e discutidos numa secção posterior. Será fantasioso imaginar que, num tal contexto e com tais interesses poéticos e musicais, Roger tenha adquirido um apelido derivado do verbo cantar como uma cotovia?

Algum tempo em julho (a carta não está datada), soube algo sobre o temperamento de Roger. A Sra. Smith disse que sabia muito pouco sobre mim — evidentemente achava-me rígido e formal — e tanto sobre Roger. «Roger era por vezes como uma criança pequena.» Ela tinha de ser tudo para ele e também «o alvo do seu mau humor quando ele se sentia rabugento. Precisava de um ouvido compreensivo, alguém que escutasse as suas ideias, esperanças, sonhos, mágoas e problemas. Era inclinado a ser ciumento também, inteiramente sem motivo. Era um pouco arrogante, possivelmente um pouco vaidoso, e gostava de levar a sua avante.» Como compensação, parece ter sido útil aos sofredores. É positivamente deprimente, mas não consigo ver que tenha mudado muito ao longo de setecentos anos. Numa carta posterior datada de 15 de setembro, ela volta ao mesmo tema: «Roger, sem se aperceber, tinha ideias muito definidas

sobre como as pessoas deveriam viver e comportar-se, e muitas vezes tentava moldá-las ao que desejava. Receio que nem sempre conseguisse.»

[1] É pena que a Sra. Smith tenha perdido o contacto com este jovem. Gostaria muito de saber por que razão ele considerava o nome Grisolles um apelido.

27

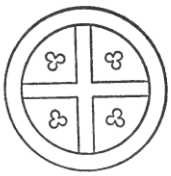
A 5 de setembro recebi uma carta dela antes de partir de férias com o marido para França. Pediu-me que a tranquilizasse quanto a ser seguro ir a Toulouse. Telefonou-me mais tarde para mais garantias.

Acho que a 10 de setembro escreveu uma carta em que dizia que na noite anterior tivera a estranha impressão de que «estava a olhar para mim mesma. Senti como se estivesse de pé junto à cama a segurar a mão de alguém. Ele parecia estar a falar comigo durante muito tempo e senti-me em paz a ouvi-lo. Não me lembro de muito do que ele disse, mas não era Roger, porque durante esta estranha conversa ele disse-me que o pai dele estava na Índia. A voz soava como a tua, mas não tinha consciência do aspeto dele.» O meu pai partiu para a Índia quando eu tinha cerca de sete anos e lá ficou durante alguns anos. A Sra. Smith não sabia disso.

No final da carta, esperava poder ter um período calmo durante as férias que se aproximavam. Disse que, se começasse a recordar demasiado, tinha febre alta e desenvolvia uma forte dor de cabeça. Não sei quanto à febre alta, mas a dor de cabeça é interessante e perfeitamente compreensível. Uma proporção de casos de enxaqueca é atribuível a fatores psíquicos. Aprendi bastante sobre a origem das doenças com a Sra. Smith e outras pessoas como ela.

Tive uma comunicação datada de 13 de setembro vinda de França. Afinal, não precisara de passar por Toulouse porque a estrada para essa cidade estava bloqueada. Era como se o destino estivesse a intervir em seu favor, protegendo-a da cidade e enviando-a antes por Pamiers e Foix, ou seja, por uma estrada que fora incessantemente usada pelos cátaros.

Uma carta posterior dizia que vira o último livro do Professor Nelli, *Le Musée du Catharisme*. «Nele há um desenho de uma estela em forma de disco assim:»



Estela com desenho parecido com a moeda da Sr. Smith

que parece ter o mesmo desenho da moeda que mencionei,[2] mas sem a legenda. Gostaria de poder ter absoluta certeza quanto a esta última. O problema é que, quando estou suficientemente desperta para pegar num lápis e desenhar, tenho dificuldade em recordar a forma exata e a ordem das letras.» Acrescentou mais tarde: «Sou bastante ignorante no assunto dos símbolos místicos.»

Ao dar os últimos retoques a este livro, pensei que valia a pena enviar uma cópia do desenho tosco da moeda da Sra. Smith ao Professor Nelli. Recebi uma carta dele a 3 de julho de 1969. Ele afirmou não ter conhecimentos de numismática, mas disse que o desenho da moeda em questão poderia ser cátaro. Assemelha-se a mais do que uma das estelas e temas decorativos ilustrados no seu livro *Le Musée du Catharisme*.

Obtive ainda evidências mais positivas sobre esta moeda a 3 de outubro de 1969, quando visitei o Museu de Toulouse com o senhor Duvernoy. Encontrámos moedas com uma semelhança definida com a desenhada pela Sra. Smith. Havia duas características principais em comum. Várias das moedas no museu eram como as da Sra. Smith, divididas em quatro partes. Em segundo lugar, encontramos exemplares com as mesmas pequenas cruzes que as por ela retratadas. Tal como no seu desenho, as cruzes estavam colocadas em número igual em cada quarto das moedas. Não conseguimos encontrar um exemplo em que apenas uma cruz estivesse colocada em cada quarto. Estas moedas estavam claramente classificadas como provenientes de Toulouse no século XII.

Esta é uma evidência suficientemente sólida. Como Roger e Puerilia viviam no início do século XIII no domínio do Conde de Toulouse, é perfeitamente expectável que, tal como em qualquer outra época da história, utilizassem moeda do século anterior.

O número de moedas dos séculos XII e XIII no museu era necessariamente restrito. Não se poderia esperar outra coisa após o decurso

de oito e sete séculos. Que tenhamos encontrado um tal grau de semelhança é mais do que significativo. Encontrámos também um número limitado de moedas com cabeças de homens, mas não nas que apresentavam o desenho do reverso mais semelhante ao da moeda da Sra. Smith.

[2] Numa carta anterior.

28

Numa carta sem data da segunda metade de setembro de 1966, a Sra. Smith disse que estava muito contente por a sua rota ter sido desviada, porque ao passar por Montgaillard, mesmo a sul de Foix, recordou-se perfeitamente de que costumava viver ali. «O nome em si não me diz nada, mas a paisagem era bastante familiar. Um pouco mais adiante na estrada havia uma igreja — um edifício estranho onde não havia bancos para a congregação.[1] Há agora uma igreja ali — uma igreja rural típica, bastante feia, nada parecida com a que me lembro. Perto havia um lugar chamado Montbrun, mas já não aparece no mapa.» (Há dois Montbruns nas imediações de Toulouse, mas ela considera este diferente.) «Nunca foi muito grande, mas realizávamos reuniões ali.» Qualquer aldeola pode desaparecer ao longo de setecentos anos. Além disso, deve lembrar-se que muitas foram destruídas por de Montfort e os seus seguidores e nunca reconstruídas.

«Onde vivi com Roger? Infelizmente, lembro-me mais da vida dentro da casa dele do que fora dela, mas fui a Grisolles e não senti que conhecesse o lugar. A paisagem à volta de Grisolles não me pareceu suficientemente montanhosa nem arborizada, e as pequenas flores de montanha que eu costumava colher não cresciam ali. Estavam em Montgaillard porque encontrei uma — cor-de-rosa malva com quatro pétalas. Colhi uma na esperança de a poder prensar e identificar quando chegasse a casa…» Perguntou se eu seria capaz de a reconhecer a partir dos frágeis restos. Pareceu-me ser algum tipo de gerânio.

Estava preocupada porque Grisolles não lhe despertara qualquer eco. Talvez esperasse demasiado. Aprendera que, quando se procura experiências, elas não acontecem. Perguntou: «Será de todo possível naquela época que Roger, embora chamado de Grisolles e provavelmente nascido lá, pudesse ter estabelecido residência mais a sul?» A resposta é que nada poderia ser mais provável. Naquela altura, mesmo a nobreza

menor possuía pedaços de terra espalhados por vários lugares. Esta prática parece ter sido especialmente comum no Languedoc. Disse que, quando saiu da casa dele, caminhou até Mazerolles e que demorou muito tempo. «Duvido muito que tivesse conseguido caminhar de tão longe como Grisolles. Sei que os de Mazerolles nem todos ficaram em Mazerolles, mas de Grisolles a Montgaillard parece-me uma distância enorme para Roger percorrer, embora fosse a cavalo. Porque não sonho isto numa ordem sensata em vez de pequenos episódios desconexos? É tão frustrante.»

Mais uma vez, a Sra. Smith subestima as distâncias percorridas pelas pessoas na Idade Média e não tem em conta o facto de os cátaros serem notoriamente grandes viajantes. Quanto a Montgaillard, pensei ter descoberto uma solução para o seu problema. Existe um lugar com esse nome nas Corbières, na região montanhosa selvagem dos Pirenéus Orientais, situado não muito longe de Mazerolles. Infelizmente, a Sra. Smith insiste que o Montgaillard que conhecia era o das imediações de Foix. Certamente é um lugar significativo na história cátara, porque Pierre-Roger de Mirepoix se retirou para lá após a queda de Montségur, onde fora comandante da guarnição.[3]

Confidenciou a uma amiga francesa que tinha estado a sonhar com a vida na Idade Média. A amiga não se surpreendeu nada e disse que já lera e ouvira falar deste tipo de coisas e que tivera alguma experiência pessoal. Não me surpreendi com esta declaração porque, em matéria psíquica, o semelhante atrai o semelhante, mesmo que se possa permanecer muito tempo sem saber que os amigos são dotados dessas capacidades.

Foi nesta viagem de regresso que almoçou em Grisolles. Isto não foi nem por sua escolha nem por sua sugestão. Numa carta datada de 21 de setembro, descrevendo a viagem de regresso, disse que passaram por uma pequena aldeia chamada Saint-Paul-de-Jarrat.

Afirmou com bastante confiança: «Devem ter mudado o nome, porque antigamente chamava-se Montbrun.»

Depois referiu-se à sua visita a Montségur. Disse que ouviu uma pomba. O marido disse que ela imaginara, mas o filho também a ouviu. «Depois, quando estávamos sentados na relva do lado de fora (do castelo) antes de descer, duas pombas cantavam lindamente e desta vez toda a família ouviu, embora não conseguíssemos ver pássaros nenhuns.» A

pomba era um símbolo cátaro. De todas as chamadas relíquias cátaras ainda existentes, a de uma pomba em algum tipo de metal é considerada pelo Professor Nelli uma das poucas relíquias positivamente autênticas.

Descreveu Montségur como a parte mais pacífica e bela de França que alguma vez visitara. «Gostaria de passar o resto dos meus dias ali.» A minha própria reação a Montségur — vi-o três vezes e já passaram dois anos e meio desde a última visita — é que nunca vi nada semelhante e que a sua beleza tem uma qualidade assombrada que não conheci em mais lado nenhum. Também tive o mesmo sentimento da Sra. Smith de querer ficar no castelo.

Numa carta de 2 de outubro perguntou-me novamente se eu poderia saber junto do Professor Nelli se os sacerdotes cátaros alguma vez usavam azul. Disse que ambos os Rogers usavam azul, assim como alguns dos outros homens na reunião. Afirma: «Certamente as mulheres usavam preto naquele tipo de lugar conventual onde estive durante algum tempo, e sem joias, exceto o cinto, se é que se pode chamar isso joia.»

Agora chegamos ao fim da controvérsia azul versus preto. A 24 de agosto de 1969 li no último livro do Professor Nelli, *La Vie Quotidienne des Cathares*, que os sacerdotes cátaros usavam sempre preto até aos tempos da perseguição, após os quais, como disfarce, muitas vezes passavam a usar azul escuro. Isto confirma absolutamente as alegações da Sra. Smith tanto quanto à cor como ao período. Todas as suas recordações se referem aos tempos da perseguição durante e entre as guerras albigenses e na época da Inquisição. Referem-se à primeira metade do século XIII ou, mais especificamente, ao período dos anos 1220 até ao início dos anos 1240. É fascinante e apropriado que eu tenha lido esta declaração culminante sobre a cor das vestes dos sacerdotes cátaros numa obra do Professor Nelli. Há mais de quatro anos que esta autoridade erudita e extremamente meticulosa me disse, ao expressar o seu espanto com a exatidão das recordações da Sra. Smith, que, em caso de dúvida, deveria seguir a paciente.

Falando das minhas férias previstas, perguntou se «conseguirás ir a Montgaillard e se o lugar significará alguma coisa para ti. Andei por lá, passando pelas casas e entrando no campo, e foi como regressar a casa depois de anos fora». Voltou novamente ao facto de a sua ida a Montgaillard ter sido, por assim dizer, acidental por causa do bloqueio da

estrada em Toulouse. «Em Montgaillard senti-me ridiculamente feliz porque ali me senti perto de Roger. Modelei a minha vida segundo os seus ensinamentos e é essencial que tenha fé nos meus sonhos.»

Depois prosseguiu descrevendo mais o carácter de Roger. Tenho certos traços idênticos. Disse que Roger tinha uma paixão por estar ao ar livre. Paixão não é uma descrição exagerada para o meu próprio amor pelo ar livre. Frequentemente as pessoas perguntam-me onde estive de férias quando, na realidade, não estive fora. O meu bronzeado foi adquirido, mesmo nos verões mais medíocres, pelo meu hábito de atender pacientes durante horas ao ar livre. Simplesmente detesto estar dentro de casa num dia de verão. Roger sentia-se em paz no campo. Quando era mais novo tinha uma paixão pelo campo. Esta é menor do que era, mas ainda considerável. Não acho que exagere se disser que estou muito próximo da natureza.

Roger também não era muito prático. Deixava a parte administrativa da gestão da casa à irmã. Fiz exatamente a mesma tática com a minha esposa. Também sou igualmente inútil em reparações. Aponta ainda uma semelhança entre Roger e eu: «Vocês eram ambos do tipo que conseguia que as coisas fossem feitas por vocês sem muitos pedidos, confusão ou discussão.» Atribuiu isto ao facto de tanto Roger como eu termos a capacidade de parecer desamparados. Foi suficientemente gentil para dizer que isto não era «uma pose deliberada, mas a maneira como nasceram». Tenho de admitir que nunca me faltaram pessoas dispostas a ajudar-me.

Falando de oração, disse que não orava muito frequentemente, mas que quando o fazia era muitas vezes ajudada e guiada. Disse que aos quinze anos duvidara da existência de Deus e «ore — não, exigi — prova, e obtive-a. Na altura assustou-me muito, mas aprendi uma lição valiosa e encontrei uma fé que nunca perderei». Não especificou qual foi a prova que lhe foi dada nem a natureza da lição que aprendeu. Disse que muitas vezes, quando oferecia orações — o que tendia a fazer apenas quando estava desesperada —, estas eram atendidas. Não disse em que medida os seus pedidos em oração eram por algo específico.

Referindo-se novamente à sua visita a Montségur, disse que, tal como eu, tinha medo de poder sentir horror, mas que quando lá chegou encontrou apenas paz.

[1] Esta é a segunda vez que a Sra. Smith revela a sua ignorância do facto de, na Idade Média, não haver lugares sentados para as pessoas na igreja.

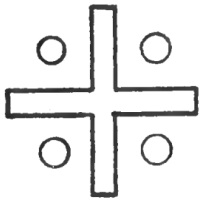
2 Fernand Niel. Montségur. Le site. Son histoire. 1962, p. 236.

29

Durante outubro, a minha esposa e eu fomos de férias a França. Visitámos Montségur. No final da tarde e à noite do outono tardio estava mais belo do que nunca. Visitámos o pequeno museu na aldeia. Continha várias moedas e jetons com sinais que poderiam ser maniqueístas. Receio que não os tenha estudado muito de perto. O meu interesse pelos cátaros, ao nível consciente, tem aumentado e diminuído, embora sinta uma lealdade inabalável por eles e sempre me levantaria para combater os seus detratores. Mas, além disso, não sou de modo nenhum inclinado à investigação nem um erudito natural. A minha impaciência com os pormenores tem sido um obstáculo em muitos aspetos, incluindo a elaboração deste livro.

Algo interessante aconteceu dentro de uma hora após chegarmos a Carcassona. Saí com uma amiga para tomar um chá enquanto o resto do grupo ficou no hotel. Um homem idoso estava sentado a uma mesa. Certamente registei o seu rosto, senti uma espécie de reconhecimento vago e parcial, mas não o reconheci verdadeiramente. Quando saímos do café, a minha amiga, que é católica, comentou sobre a beleza do rosto dele. Respondi ao comentário olhando para o homem errado. Fora do café cheguei à conclusão de que pensava conhecê-lo.

Nessa altura já o reconhecera verdadeiramente como o senhor Déodat Roché, que encontrara anteriormente e que mencionei antes como um dos maiores intérpretes vivos do catarismo. A minha companheira insistiu que eu voltasse, o que fiz. Ele pediu-me que lhe telefonasse. Não o fiz, mas mais tarde, quando visitámos a pequena cidade onde ele vive, voltei a vê-lo. Nesta ocasião mostrou-nos desenhos de símbolos cátaros, maniqueístas e rosacruzes. Estes eram semelhantes às minhas cruzes visionárias, como se mostram abaixo.



Ou nas notas do senhor Roché ou no museu de Montségur, vi algo semelhante ao sinal da fivela do Perfeito que tanto atormentava a Sra. Smith.

Menciono o incidente aparentemente trivial de não ter reconhecido o senhor Roché porque tenho uma memória extraordinariamente boa para rostos, que é a compensação que a natureza me deu pela incapacidade de me lembrar dos nomes das pessoas. Se o senhor Roché tivesse sido menos importante para mim, tê-lo-ia reconhecido com certeza. Tratou-se de mais um caso de levantar obstáculos à iluminação. Também deveria ter prestado muito mais atenção às notas que ele me mostrou.

No início de novembro, a Sra. Smith contou-me que uma das suas filhas por vezes terminava os seus sonhos por ela. Recentemente, ela estivera a sonhar com Roger a ser torturado. A filha mais nova acordou-a do seu próprio pesadelo gritando no meio de um dos dela: «Estão a fazer algo horrível ao Dr. Guirdham.» Tal troca de pensamentos e sentimentos em sonhos, entre duas pessoas, é reconhecida como algo que ocorre, mas está longe de ser comum. Posso dizer que mal troquei meia dúzia de palavras com a filha.

Noutra carta, a Sra. Smith mencionou brevemente as torturas a que Roger foi sujeito. Por qualquer motivo, deitaram-lhe água por cima. Um tratamento mais ortodoxo envolveu arrancar-lhe os polegares.

A 4 de novembro, a Sra. Smith afirmou numa carta que antigamente pensava que a reencarnação era para pessoas que tinham levado vidas más e que eram obrigadas a regressar «para corrigir os erros do passado e recomeçar». Agora acreditava que algumas pessoas tinham de voltar porque o mundo precisava delas para combater as forças do mal.

Há uma diminuição da atividade até ao início de 1967, nas primeiras semanas do qual mais coisas aconteceram do que eu notei na altura. A Sra. Smith ficou muito satisfeita por eu lhe ter fornecido a data do ataque aos Inquisidores. Disse: «Escrevi no ano passado a várias pessoas na tentativa de localizar Roger e a prisão onde morreu, mas o meu principal obstáculo foi não poder ser específica quanto às datas. Roger deve ter estado vivo em 1242.» Não esclareceu por que razão se fixou nesta última data.

Referindo-se ao enigma dos de Mazerolles, disse: «Gostaria de me lembrar de mais. Nas páginas de notas que fiz há anos não escrevi muito sobre ele, mas mencionei duas vezes que Roger o conhecia há muito tempo.» (Que isso tenha sido assim é perfeitamente evidente dos registos históricos que examinarei em breve.) A Sra. Smith continuou: «"Assassinato", escrevi, "é um crime terrível, mas muito mais terrível e chocante quando cometido por alguém que conhecemos e em quem confiamos."»

Agora recordava que Imbert era um bispo cátaro, «um carácter santo que foi queimado até à morte». A Sra. Smith enganou-se ao descrevê-lo como bispo. Como veremos mais adiante, Imbert era um verdadeiro Perfeito, mas não um bispo. O número de bispos cátaros era mínimo. «Usava um anel como Roger, mas estava sempre vestido de preto — uma túnica solta sem cinto nem fivela. Savaric ou Savarin era muito mais mundano. Conhecia os lugares a evitar, e os lugares seguros, etc. "Imbert", escrevi, "nunca pensava na segurança. A morte era a sua sombra e ele estava calmo e sem medo. Florent (?) e Fabrissa viram-no morrer e ele nunca emitiu um som. Morreu tão quieta e discretamente como vivera."»

A Sra. Smith disse depois: «Quando tiver um momento, tentarei dar outra vista de olhos às minhas notas em estenografia, mas vai exigir muito tempo e paciência.»

Só a 9 de janeiro de 1967 é que a Sra. Smith desenterrou mais evidências das suas notas sobre Imbert.[1] Descreve uma ocasião em que ele ficou em casa de Arnaud de Mazerolles. Descobri pelo senhor Duvernoy em março de 1969 que o Perfeito Raimundo Imbert esteve em Gaja por volta de 1210.[2] Gaja era uma das principais propriedades da família Mazerolles. Segundo o senhor Duvernoy, Imbert encontrou Fabrissa de Mazerolles na companhia da sua cunhada Hélis. Não é preciso qualquer poder de dedução para provar a afirmação da Sra. Smith de que Imbert

ficou em casa de Arnaud de Mazerolles. Este último era, afinal, marido de Hélis e irmão de Fabrissa.

Considerando o lapso de tempo desde que viveu, sabe-se bastante sobre o Imbert da Sra. Smith. Nasceu em Moissac. Esteve em Toulouse em 1220 com Raimundo Garsias e em 1228 com Pedro Mauran. Esteve com Pedro de Miglos em Miglos de 1227 a 1231, em Lordat por volta de 1233, em Castelsarrasin em 1239 e em Laurac em 1240-41. Pregou em Fanjeaux em duas casas em 1240. Está registado como tendo estado em Montségur em 1242. Foi para a Lombardia, outra região cátara, obviamente para escapar à perseguição, e foi visto em Asti, em Itália, por Bertrand de Quiders, tão tarde quanto 1253. O seu destino é descrito como desconhecido. A Sra. Smith descreveu-o como tendo morrido na fogueira.

Como tem estado tão certa em tantas coisas, aceitaria a sua afirmação. Compara o santo Imbert com o seu companheiro mais mundano, Savaric. Ouçamos o que diz o Professor Nelli sobre este último. Descreve-o como poeta e figura importante. Era senescal do Rei de Inglaterra e possivelmente esteve em Laurac ou Mazerolles na véspera da batalha de Castelnaudary. Sobreviveu um dos seus poemas em occitano. Como homem de negócios, parece encaixar na descrição da Sra. Smith de uma pessoa mais mundana e mais capaz de se defender.

A Sra. Smith perguntou onde ficava Avignonet. Não tivera tempo de olhar para o mapa. Perguntou se era perto da zona de Montgaillard. Está muito mais perto do Montgaillard que eu descobri nas Corbières do que do Montgaillard que ela recordou quando o visitou. Perguntou também onde foi Pierre de Mazerolles depois do assassinato e se foi apanhado e punido. A resposta é dada mais adiante no capítulo sobre este senhor.

Depois acrescentou, como complemento à carta, uma descrição de Pierre de Mazerolles que acabara de descobrir entre os seus papéis na arrecadação. «Era alto e poderia ser descrito como bonito não fosse a tez corada e os lábios carnudos. Tinha assassinado alguém e estava claramente estimulado por isso, mas o verniz de excitação não conseguia esconder o medo. Tinha medo. Tenho a certeza de que tinha. Estávamos a ouvi-lo, prestando atenção a cada palavra que dizia, e isso agradava-lhe imenso. Pena, medo, desprezo e horror — estes sentimentos envolveram-me todos ao mesmo tempo. Pensei que tinha deixado de respirar. Inspirei e expirei muito cuidadosamente, fazendo um esforço consciente para o fazer. Estes

labores artificiais provocaram uma tontura assustadora e incontrolável, mas a respiração normal era difícil.» Mais adiante escreveu: «Tinha estado a dormir completamente vestida no chão do salão quando o vi (P. de Mazerolles) de pé ao meu lado, quase nu. Estava horrivelmente marcado e faltava a ponta de um dos dedos. O riso dele não era normal. Não estava são nesse momento. Não podia estar. Devia ter suplicado-lhe» (noutro lugar apontou que ele tentou beijá-la) «raciocinado com ele ou rezado, mas o medo dominava. Não me roubara a voz, porém. "Roger", gritei, e depois gritei e gritei.» De vez em quando, nos seus pesadelos, continua a gritar «Roger».

Noutra carta disse que não podia afirmar com certeza que Pierre de Mazerolles fosse parente de Fabrissa, mas «se não era, porque o conhecíamos e porque ficámos tão perturbados por ele ser um canalha? Havia dúzias como ele e o comportamento deles não nos incomodava muito. Tudo o que sei sobre ele das notas enlouquecedoramente breves e esquemáticas que fiz há anos foi:

(a) Não dava importância nem aos cátaros nem aos católicos. O dinheiro era o seu principal interesse.

(b) Era alto, moreno e cruel, e era certamente o tipo que me aterrorizava nos pesadelos. Ficou altamente deliciado por ter assassinado alguém.»

Estes traços do carácter de de Mazerolles revelam-se claramente no depoimento perante a Inquisição, que ilustra a cobiça e a vulgaridade febril dos executores dos Inquisidores.

Nessa altura, a Sra. Smith ainda não tinha claro «quem foi assassinado, nem quando, nem onde». Disse, porém, que as suas notas situavam todo o episódio no início do século XIII.

Noutra carta da mesma época, mas sem data, desenha um mapa para ajudar a identificar o Montbrun desaparecido[3] em que está interessada. O mapa é o seguinte e o local de Montbrun situa-se algures na área delimitada pelas linhas pontilhadas.

Referindo-se à ausência de qualquer sentimento de reconhecimento em relação a Grisolles, disse que na sua visita a França desejava ir a Mazerolles porque se lembrava tão claramente dele. (Não sei se está a ter

suficientemente em conta o quase total desaparecimento de quaisquer vestígios do século XIII, mas sinto que, se lá fosse, apesar do lapso de tempo, o lugar se revelaria familiar.) Depois produziu algo muito interessante: «Algures perto (de Mazerolles) havia um lugar onde estive com muitas outras mulheres. Eram todas bastante religiosas, rezavam muito e vejo nas notas que fiz há anos que o descrevi como um convento. Mas não tenho a certeza de que pudesse ser. Todas usávamos preto, mas não sei como consegui ser admitida porque não era virgem e havia também mulheres casadas no lugar.

O estabelecimento era estritamente feminino. Talvez as outras mulheres fossem viúvas, mas havia muitas delas. Na sala principal, atrás do estrado elevado, havia uma entrada para os quartos onde as virgens dormiam e recebiam instrução. Reuníamo-nos todas para as refeições e uma oração e, depois das orações da noite, havia um estranho ritual de beijos. A mulher que parecia estar no comando do lugar ajoelhava-se e cada uma das virgens beijava-a na testa e dizia algo em latim (ou pelo menos soava a latim).[4] Depois, o resto de nós ajoelhava-se e a mulher que acabara de ser beijada vinha a cada uma de nós e beijava-nos na testa. Uma cerimónia muito peculiar e não sei qual era o seu significado.»

Os meus comentários sobre o acima são os seguintes. Existiam casas cátaras, geridas de forma um pouco semelhante a conventos, onde as mulheres eram instruídas na fé cátara. Estas eram, como diz a Sra. Smith, habitadas principalmente por viúvas e virgens. Que ela própria tenha sido admitida não é surpreendente, dado que os cátaros eram notoriamente tolerantes e caritativos, além de que ela fora amiga de alguém que era obviamente muito ativo na fé cátara. Que houvesse muitas viúvas no lugar não surpreende naqueles tempos trágicos. Que a casa contivesse também um número de mulheres casadas está perfeitamente em ordem. As mulheres tornavam-se Perfeitas, com o consentimento dos maridos, depois de criarem as suas famílias.

Escrevi ao Professor Nelli, citando a última carta mencionada da Sra. Smith. Ele disse que ela fornecera uma descrição precisa da cerimónia cátara e sugeriu que no futuro se deveria seguir as recordações da paciente nestes assuntos.

Numa carta, novamente sem data mas do final de dezembro de 1966 ou início de janeiro de 1967, disse: «Vejo que esta questão dos cátaros

terem uma fé simples parece incomodá-lo.[5] Li muito pouco sobre o assunto e eu também o vejo através da mente de uma camponesa, provavelmente pouco instruída. Basicamente as suas crenças eram muito complicadas e também os pregadores variavam no que ensinavam e falavam. Mas a maioria dos cátaros eram pobres gente simples. Um dogma complicado não seria compreendido por eles, e as discussões mais sérias ficavam reservadas aos instruídos e aos pensadores. Os outros contentavam-se simplesmente em levar uma boa vida, ajudando os outros e obedecendo a regras simples de comportamento decente. Ganharam muitos seguidores apenas pelo exemplo, pois a Igreja Romana comparava-se muito desfavoravelmente devido à riqueza, corrupção e maldade entre o clero e as altas autoridades da Igreja Romana.»

Ao dar esta descrição, a Sra. Smith está absolutamente correta. Guiraud e outras autoridades deixam perfeitamente claro que os Perfeitos pregavam de forma simples para os simples e reservavam a sua filosofia complexa para os eleitos.

Não há dúvida de que a teologia do catarismo era extremamente complexa e, à sua maneira, tão difícil de compreender como a filosofia cristã ortodoxa. Havia duas variedades principais de dualismo, o mitigado e o absoluto, mas no século XIII o catarismo languedociano optara decisivamente pelo último. O que ela recorda da bondade das vidas dos Bonshommes é corroborado por todas as evidências, mesmo as dos Inquisidores. Estes últimos consideravam a pureza dos Perfeitos como algo a usar contra eles, acreditando que, por estar associada à heresia, tinha necessariamente de ser classificada como hipocrisia.

A evidência da corrupção da Igreja Romana nessa época é fornecida adequadamente pelo Papa Inocêncio III, que instigou a grande cruzada contra os albigenses mas não tinha ilusões sobre o fracasso dos seus próprios sacerdotes. Certamente o catarismo deve ter-se espalhado em grande parte por exemplo e emanação, mas esta não é realmente toda a história. Como é que uma crença que parece, a muitos estudantes modernos, austera e pessimista — tenho a certeza de que não era nem uma coisa nem outra — se espalhou com tal rapidez no Languedoc e no Midi em geral, onde o padrão de tolerância, sofisticação, saber e luxo era superior ao do resto da Europa? Certamente não foi auxiliada na sua grande e rápida difusão por uma teologia complexa. Um fator é, creio eu,

constantemente ignorado. Na Idade Média as pessoas eram dominadas pelo medo do Inferno. O catarismo dissipou em certa medida esse medo. Se o mundo era considerado feito por, ou sob o domínio de, Satanás, seguia-se que se tinha direito a considerar esta vida como o Inferno. Considerando que se passava por ela de alguma forma, e que havia muitas compensações no sol do Languedoc e do Midi, a ideia de que o mundo era o Inferno era realmente otimista. Se este mundo é o pior Inferno com que se tem de lidar, devia ter sido, mesmo no seu pior, vastamente preferível à condenação perpétua dos cristãos ortodoxos dessa época.

[1] Até agora tenho seguido a sequência das cartas da Sra. Smith e das minhas notas ao escrever esta narrativa. Nesta fase estou a alterar um pouco o meu método e a concluir toda a evidência sobre algumas das personagens secundárias. Sinto que fazê-lo nesta fase permite ao leitor seguir melhor a narrativa.

[2] Isto é mencionado no depoimento de Hélis de Mazerolles perante os Inquisidores a 5 de agosto de 1243.

[3] Onde Roger costumava pregar. A distinguir de Montbrun (Departamento Aude), ver página 149.

[4] É apenas possível que fosse a Língua d'oc, que está mais próxima do latim do que o francês.

[5] Eu tinha-lhe perguntado se tinha alguma recordação das crenças cátaras.

A Sra. Smith disse que Roger se afastava para meditar por conta própria e que nunca lhe perguntou nada sobre as suas crenças. Embora vivesse com ele, "tinha de lhe prestar uma certa quantidade de respeito, como todos os outros, e nunca me teria parecido apropriado interrogá-lo sobre o que pensava, para onde ia ou o que fazia". Isto é bastante razoável. Esperava-se que o simples *croyant* se ajoelhasse ao encontrar um *Parfait*, um gesto de respeito descrito como "adoração". Não que eu pense que Roger fosse um *Parfait*, mas certamente parece, pela sua pregação, pela sua indumentária e pelas suas meditações, ter estado a qualificar-se para esse papel. Além disso, como vim a descobrir mais tarde, ele era muito mais velho do que ela.

Há uma carta interessante dela, datada de 17 de novembro, sobre a natureza do bem e do mal. "A diferença entre algo mau e algo maléfico é, a meu ver, o efeito que isso tem nos outros." Prossegue dizendo que acredita firmemente "que a luz e a escuridão, o bem e o mal, existem lado a lado como poderes independentes". Não classifica ações más, imorais ou mesquinhas como maléficas se as pessoas não forem irrevogavelmente prejudicadas por elas. "Eu", disse ela, "descreveria como maléfico alguém que usa os poderes da sua mente para destruir os outros. Quando encontro o mal, a minha paz de espírito é instantaneamente despedaçada e reajo com um sentimento de intensa repulsa e agitação mental. Atenção: nem sempre me sinto calma e serena na presença do bem, mas sinto-me fortalecida por ele." Estas ideias são em parte dualistas, porque ela reconhece o bem e o mal como energias. Está também a evocar o cristianismo primitivo, que se difundiu por emanação.

30

A 8 de janeiro de 1967 recebi uma carta em que ela volta a mencionar St. Papoul. Disse que o segundo Roger fora capturado ali, mas acrescentou que, tanto quanto conseguia perceber, o lugar não existia. O seu espírito autocrítico leva-a a dizer que talvez tivesse inventado o nome anos antes, mas que isso lhe parecia improvável. St. Papoul existe, muito certamente, e existe até hoje. Foi o cenário de um incidente envolvendo os Cátaros, registado pelo senhor Duvernoy num artigo dos *Cahiers du Sud*.

Referindo-se à sua procura de Grisolles na *História da Inquisição* de Guiraud, assinalou que ignorara as referências a Mazerolles. Disse: "Os nomes de Mazerolles deveriam ter saltado à vista como um polegar dorido, mas não me disseram absolutamente nada. Não consigo pensar porquê, a não ser talvez porque, durante a maior parte da minha vida, criei um bloqueio mental quando surgem nomes e lugares que não quero recordar." Como já disse, ao longo de toda a minha vida reagi de forma semelhante. No que diz respeito aos de Mazerolles, como indiquei anteriormente, passei bastante tempo a segui-los em Guiraud e noutros lugares quando, na verdade, já tinha lido sobre eles pela primeira vez na obra popular de Zoé Oldenbourg, muito antes de a Sra. Smith ter mencionado o seu nome.

Disse que a escrita sempre fora para ela um consolo e uma forma de "pôr as coisas fora do sistema". Disse que era impossível, vinte anos depois, saber quanto tinha sido acrescentado como "enchimento para o

romance" e quanto era descrição exata dos sonhos. Acrescentou: "Os nomes parecem estranhos — Fabrissa, Imbert, Florent, etc., dificilmente seriam nomes que uma colegial escolheria, especialmente uma que não estivesse minimamente interessada em história, e eu não estava." Só se pode concordar plenamente. A ideia de que uma colegial inglesa de treze anos pudesse inventar com rigor nomes antigos do Languedoc é insustentável. Além disso, ela não poderia inventar a história do século XIII. Pode referir-se ao seu trabalho como enchimento para o romance, mas esse enchimento era puro facto e verificável como tal pela consulta aos historiadores.

Na mesma carta, disse que se interrogava se a sua experiência em Bayonne e em St. Jean Pied de Port poderia ser prova de encarnações anteriores. Disse que, embora nunca tivesse visitado este último lugar antes, conhecia-o tão bem como conhecia a sua cidade natal.

Seguiu-se então um excerto das suas notas de colegial. Refere-se à sua vida na Casa das Mulheres Cátaras. "Fiquei contente por Alais (Helis) ter dito que ficaria, porque não havia mais ninguém que eu conhecesse. Mais tarde tive a certeza de que faria amigos entre aquelas pessoas. Eram muito amáveis, mas como eu estava cansada e Roger já não estava comigo, comecei a chorar. Deram-me algo para beber e fiquei contente quando chegou a hora de dormir. Muitas mulheres partilhavam o mesmo quarto e era bom ter companhia. Algumas vestiam-se como freiras, mas não tinham crucifixos nem rosários. Acho que eram algum tipo de ordem religiosa como os Quakers, e este era um dos seus conventos. No entanto, o edifício, visto de fora, parecia um castelo."

Depois escreveu: "Há muita coisa aqui que não consigo ler. Continua: 'Não conseguia esquecer Roger e queria morrer para poder reunir-me com ele. Será que todas aquelas viúvas sofriam em segredo como eu? Muitas vezes sentia vergonha por chorar tanto e depois, não surpreendentemente, fiquei bastante doente quando soube que o seu amigo Roger também tinha morrido. Com ambos desaparecidos, nunca mais poderia ser feliz. Tinham-nos avisado vezes suficientes para não irmos a St. Papoul, então porque ignorou ele o conselho e foi para lá? Vários outros foram capturados quando ele foi. Foi tão horrível. Estavam todos a morrer.'"

31

Numa carta de 11 de janeiro de 1967, a Sra. Smith lamentou ter-se desfeito do seu romance por medo dele, quando descobriu que se assemelhava tanto à formulação do ensaio de Madame X. Esta observação foi provocada por outras descobertas feitas ao organizar os seus papéis. Havia outro aviso de Savaric para não ir a St. Papoul, mas o elemento mais importante desta carta foi a sua contribuição para o caso d'Adalo.

Ela encontrara vários nomes apontados num pedaço de papel, sem qualquer explicação associada. Tinha escrito um nome que parecia Bruseré, mas não sabia se se tratava do nome de um lugar ou de uma pessoa. Este nome não me diz nada. Depois descreveu a forma da nota que se seguia à menção desse nome. Era, segundo as suas próprias palavras: "Sob um título exatamente assim: — 'Sicard e Guiraut / Braida de Laurac / mãe de Roger'".

Disse que isso não significava necessariamente que Braida de Laurac fosse a mãe de Roger. "Podem ser duas pessoas diferentes." A sua cautela é justificada. A mãe de Roger era uma senhora chamada Aude de Tonnens. Depois acrescenta: "Também não indico qual dos Rogers." Como veremos mais adiante, o segundo Roger chamava-se Roger de la Tour de Laurac. Braida era a mãe do segundo Roger.

Ora, algumas semanas antes, ela enviara-me uma nota dizendo que tinha encontrado um pedaço de papel no qual estavam simplesmente escritos os mesmos nomes Sicard e Guiraud, juntamente com o de de Levis. Não fazia a mínima ideia de qual poderia ser a ligação, se alguma, entre estas três pessoas.

Há ainda outro excerto de uma carta escrita a 10 de janeiro de 1967. Roger tinha regressado após estar ausente durante algum tempo. Ela escreveu: "Era-me óbvio que as coisas tinham corrido mal. Ele acariciava nervosamente a barba e passava a mão pelo cabelo, como sempre fazia quando estava preocupado, e vi que tinha voltado a roer as unhas.

"Toulouse entra algures nisto tudo. Escrevo sobre uma casa perto de Toulouse, mas para além de Alais e Roger, não menciono mais ninguém. Há uma descrição de uma batalha a decorrer perto de Toulouse e a nossa heroína parece ter passado um momento excitante a atirar pedras."

Na quinta-feira, 12 de janeiro, houve outra carta importante. Vou citá-la quase na íntegra. “Com muito suor e esforço consegui decifrar este trecho: — ‘O velho (?) ia morrer em breve. Roger esteve com ele durante dois dias e ele não falou. O barulho da luta ouvia-se claramente e eu estava com medo. A vida não valia nada, era eliminada em segundos. Em breve toda a gente no mundo estaria morta e a terra coberta de carne podre e fétida. Roger ficou todo esse tempo com o velho, que de qualquer forma ia morrer. Amei-o por isso, mas como ele parecia cansado. “Sicard e Guiraut deviam estar aqui. Vou encontrá-los”, disse eu.’ A repetição dos nomes Sicard e Guiraud deve ser cuidadosamente assinalada. “Roger não queria que eu fosse, mas estava demasiado exausto para oferecer resistência. Beijei-o em silêncio e corri para fora. Ele estava preocupado, eu sei, mas eu estava farta de não fazer nada.

O estrondo era terrível. Até os homens gritavam. Vi Mie (é assim que o nome parece, mas a minha letra é horrível. Tudo o que posso afirmar com certeza é o M e o I; a última letra podia ser qualquer coisa).” Isto não é Mie, mas Mir, na verdade Mir de Camplong, que foi o segundo dos grandes amigos de Roger. “Ele estava desgrenhado e coberto de sangue e sujidade, mas vi-o como alguém bom e sensato num mundo de loucos. Disse-lhe que o velho estava a morrer, e uma mulher disse que tinha falado não havia muito tempo com os irmãos d’Adalo (letra terrível outra vez, mas penso que é esse o nome). Pedi a Mie que ajudasse a encontrá-los. Ele disse que não tinha armas, mas que viria comigo. ‘Evita confusões, se puderes’, disse ele, ‘mas mantém algumas pedras prontas e aponta para matar os bastardos.’ (Belo grupo de pessoas com quem nos dávamos.)”

“Não demorou muito até o perder de vista na multidão. Sicard e Guiraud também não estavam em lado nenhum e o barulho e o cheiro estavam a fazer-me sentir enjoada. Depois fiquei realmente enjoada quando tropecei num homem que não tinha pés. O nariz estava esmagado e faltava-lhe uma orelha. Ainda estava vivo, mesmo naquele estado.

“Juntei-me ao lançamento de pedras, mas não matei ninguém. Ainda bem que não matei. À minha volta havia corpos mortos, feridos e mutilados.” Depois acrescentou: “Simon de Montfort não é mencionado em lado nenhum. Não digo contra quem estávamos a lutar.” Acrescenta isto porque, quando anteriormente levantara a questão do lançamento de pedras numa batalha, eu lhe tinha salientado que isso era comum e que sempre se

afirmara tradicionalmente que Simon de Montfort fora morto por uma mulher.

"Segue-se então a descrição mais revoltante da cena da batalha. Não sou normalmente impressionável, mas isto tirou-me o apetite ontem à noite e fiquei acordada durante horas sem conseguir tirar aquilo da cabeça. Se há alguma verdade nos sonhos, estas pessoas eram demónios sem qualquer vestígio de decência humana."

A 15 de janeiro de 1967 recebi outra carta da Sra. Smith. Continha uma passagem de enorme importância. "Tenho estado a rever novamente as minhas notas. Sicard e Guiraud d'Antlo — d'Abalo — d'Adalo — d'Alfar (oh, a minha letra horrível), não parecem estar ligados a Avignonet de forma alguma. Não consigo perceber porque os associei a de Levis. O sujeito chamado Mie, Mir ou Min parece estar intimamente ligado a Roger. Que nomes estranhos alguns deles têm. O velho com quem Roger se sentou enquanto ele morria é o pai de Sicard e Guiraud d'Adalo" — desta vez acerta na grafia — "se isso ajudar em alguma coisa."

Na realidade, este é um dos testemunhos mais gráficos e convincentes apresentados pela Sra. Smith. É ainda mais interessante por dizer respeito a personagens muito secundárias no palco da História, mas que, apesar disso, continuam a ser localizáveis graças à indústria laboriosa, quase de formigas, dos Inquisidores e dos seus escrivães. Voltemos à primeira referência a Sicard e Guiraud. São mencionados juntamente com de Levis. Isto deve-se ao facto de, juntamente com um terceiro irmão, Gaucerand, pertencerem à comitiva do senhor conhecido como de Levis. Este último era o senhor de Mirepoix. Tinha substituído o proprietário anterior devido à fidelidade assumida deste ao catarismo. Esta usurpação deve, segundo o senhor Duvernoy, ter ocorrido pelo menos já em 1239. Apesar das suas funções como membros do séquito de de Levis, os irmãos permaneceram cátaros convictos. (Dois participaram na defesa de Montségur e um morreu ali.)

E o velho, pai de Guiraud e Sicard? Não conhecemos o seu nome próprio. Nos registos é referido apenas como G. d'Adalo. O G parece ter sido uma inicial favorita na família d'Adalo. Para além dos já mencionados, estão registados dois membros ilegítimos, ambos com nomes próprios começados por G.

D’Adalo pai morreu no cerco de Fanjeaux. A descrição gráfica da Sra. Smith refere-se ao assédio da cidade. O facto de ela não mencionar Simon de Montfort nas suas notas é mais um testemunho da sua exatidão. Simon de Montfort morreu em Toulouse em 1213.

Sicard morreu, depois de ter recebido o *Consolamentum*, em 1239.

Chegamos agora a um problema fascinante, mas facilmente solucionável, colocado pela apresentação, por parte da Sra. Smith, de nomes alternativos para os irmãos d’Adalo. Ao avaliar a sua grafia, devemos lembrar-nos de que ela está a registar, de forma fonética, numa língua estrangeira, palavras possivelmente ouvidas em frases de clariaudiência. Além disso, mesmo ao chegarmos ao nome d’Adalo, estamos apenas a utilizar a versão latina escrita nos registos inquisitoriais. Como o senhor Duvernoy salientou numa carta, a grafia em língua d’oc era d’Adalou. Seja como for, temos “Sicard e Guiraud d’Antlo, d’Abalo, d’Adalo, d’Alfar”. Se tomarmos as três primeiras versões, o problema é simples. A Sra. Smith acertou à terceira tentativa e d’Adalo é a forma geralmente adotada pelos historiadores. Mas e o nome d’Alfar? Devemos descartá-lo como mais uma variante de d’Adalo? E por que razão a afirmação de que estes nomes “não parecem estar ligados a Avignonet de forma alguma”?

Se considerarmos as quatro grafias diferentes, a última, d’Alfar, destaca-se como bastante distinta das três primeiras. É perfeitamente concebível que qualquer uma das três primeiras possa ser confundida com outra. Mas, com toda a justiça, é preciso admitir que o som de d’Alfar é radicalmente diferente. E a afirmação de que não há ligação com Avignonet? Mas há uma ligação absolutamente clara e irrefutável. D’Alfar, ou d’Alfaro, era uma pessoa diferente. Era agente do conde de Toulouse. A sua ligação a Avignonet é indiscutível, crucial e um facto histórico. Foi a pessoa em cuja casa os Inquisidores foram recebidos antes de serem massacrados. Era suposto que passassem ali a noite. Foi d’Alfar quem organizou a entrada dos assassinos, incluindo Pierre de Mazerolles, na casa. Quando se juntam as peças do puzzle da Sra. Smith, emerge uma lógica implacável. Além disso, a referência a d’Alfar ajuda ainda mais a fazer girar a história em torno da data crucial de 1242, o ano em que os Inquisidores foram massacrados. A Sra. Smith sempre insistiu que Roger estava vivo nessa data.

Noutra carta, a Sra. Smith diz que Sicard e Guiraud "devem ter sido soldados, porque estavam sempre a lutar". Mais uma vez, estava certa. É assim que são descritos no depoimento prestado por Arnaud Roger de Mirepoix perante os Inquisidores em 1244.

32

Nesta carta de 15 de janeiro de 1967, a Sra. Smith mostrou-se autocrítica. Questionou-se sobre se deveria ser atribuída demasiada importância aos nomes que utilizara nas notas escritas quando era colegial. Referindo os nomes Fabrissa, Braida e Sicard, perguntou: "Não poderá haver alguma explicação lógica para o facto de eu ter usado estes nomes?" Seja qual for a explicação desta história, não há aqui qualquer elemento de fabricação. Colegiais inglesas de treze anos não tropeçam em nomes como Fabrissa, Braida, Sicard e Alais, nem os encadeiam através de alguma alquimia engenhosa de modo a fazê-los coincidir com factos obscuros da história ocorridos num país estrangeiro.

Alguns dias depois recebi outra carta, na qual ela sublinhava a importância de Arnaud de Mazerolles. "Não consigo tirar esse nome da cabeça e, se tivermos a sorte de encontrar alguém que possa dizer definitivamente que este homem existiu, então sentirei que estamos finalmente a avançar." Não pode haver qualquer dúvida quanto à sua existência. Há inúmeras referências a ele nos registos pertinentes. O seu lugar na família de Mazerolles e como marido de Helis é absolutamente claro. Para além da minha consulta das autoridades disponíveis, tive provas confirmatórias diretas do Professor Nelli e do senhor Duvernoy.

A carta prossegue: "Uma vez observei que o bispo Imbert ficou hospedado com ele (isto é, Arnaud de Mazerolles) e depois surge um trecho interessante. Diz respeito a Alais, a irmã de Roger. Há muita descrição que não vos vou maçar a relatar. Depois continua: perguntei-me como ela se sentiria ao regressar a Mazerolles. Alais nunca mencionou Arnaud, mas tenho a certeza de que ainda o amava. 'Porque casaste com ele?', perguntei-lhe. Mas ela pareceu triste e não disse nada." O essencial da questão é que, ao tornar-se *Parfaite*, Helis deixou de levar uma vida conjugal com o marido. Ao dizer "Porque casaste com ele?", pode ser que Puerilia não conseguisse compreender que Helis pudesse continuar a amar o marido e, ainda assim, dedicar-se a uma vida espiritual. Ou poderá ter

havido algum elemento de desarmonia entre eles. Isto é algo que nunca saberemos.

Notei que as cores sob os meus olhos mudaram em janeiro e perguntei a mim próprio se as cores mais vivas poderiam significar felicidade. Havia uma combinação de púrpura com verde-claro e também um belo azul-celeste com núcleos magenta. Perguntei-me se janeiro seria o meu mês. Eu estava doente nessa altura. O especialista chamado em consulta, por coincidência, tinha conhecido o senhor X e a sua esposa. Foi interessante que, fiel ao meu hábito de resistir inconscientemente a estas sincronizações psíquicas, eu tivesse adiado a consulta com este especialista, acabando por ceder apenas quando o médico de clínica geral levantou a questão uma segunda vez, de forma mais insistente.

Voltando a 27 de janeiro, num artigo de Duvernoy sobre os Cátaros e o problema do mal, descobri que um certo Raymond Barth abandonara a leprosaria onde vivia com a sua amante para organizar um ataque destinado a resgatar dois *Parfaits* capturados pelas autoridades católicas. Este episódio teve lugar na região de St. Papoul. Recuando ao meu romance cátaro, o primeiro amor do meu herói era um leproso! A leprosaria ficava em Laurac. Teria isto origem numa memória distante e enterrada de ter sido capturado em St. Papoul? Na vida comum, em situações de grande angústia, por vezes notam-se circunstâncias associadas com uma clareza pungente. Pergunto-me se o mesmo se aplica à memória longínqua ao nível inconsciente. Talvez se recorde a leprosaria e se esqueça a captura.

33

A Sra. Smith disse que estava muito contente por não ter deitado fora os cadernos escolares que escrevera anos antes, pois ainda havia neles muito que já tinha esquecido.

No dia 26 de janeiro recebi outra carta interessante dela. Disse: "Espero que não se importe de receber as minhas transcrições aos bocados. O problema é que muita coisa está misturada com trabalhos escolares, outros contos, poemas, etc., e leva imenso tempo a pôr tudo em ordem."

Referindo-se novamente a Mir, de quem já tinha falado antes, escreveu mais o seguinte acerca dele: "Savaric disse que em breve teria lugar uma reunião em Montlaur. O bispo Imbert tencionava enviar outra pessoa, mas Savaric intercedeu por Mie — Mir. Savaric era assim —

sempre bondoso e atencioso. Sabia que Mir não ia a casa desde a morte da mãe e Montlaur ficava perto da sua terra, por isso não demoraria muito a lá chegar. Roger foi com ele, claro. Seria uma viagem longa. Eu odiava as vezes em que ele tinha de partir."

A Sra. Smith comentou depois que não conseguia encontrar um lugar chamado Montlaur, ou algo semelhante, perto de Mirepoix. Observou que poderia ter existido tal lugar há muitos anos. Estava preocupada com Montlaur porque o nome aparece muito claramente nas suas notas. Era importante para ela porque era o lugar perto de onde Mir vivia na altura. Assinalou que o professor de renome mundial que consultara anteriormente confirmara que tal lugar existira.

Não precisava de se ter incomodado em consultar essa autoridade eminente. Montlaur situa-se nas Corbières, um dos redutos mais inacessíveis e resolutos do catarismo. A sua nobreza esteve entre os que lutaram durante mais tempo contra os católicos do Norte. Camplong, de onde o amigo de Roger, Mir, tirava o seu apelido, situa-se diretamente a leste de Montlaur e a escassíssima distância dele. A Sra. Smith está, mais uma vez, absolutamente precisa.

34

A carta da Sra. Smith de 31 de março é interessante. Sugeri-lhe, numa carta, que talvez, nesta fase do declínio da civilização ocidental, pudesse ajudar as pessoas saber que a reencarnação era um facto. Sugeri isto apenas de forma hesitante, porque considero difícil aceitar que o proselitismo seja alguma vez de valor, muito menos em matéria de religião. Além disso, não penso que o conceito de reencarnação, embora certamente razoável, seja necessariamente alegre. Há certos estados de espírito em que a ideia de "ter de fazer tudo outra vez" é um pouco cansativa. Ela disse: "Deduzo que pensa que eu deveria pelo menos retirar alguma satisfação da memória longínqua e que deveria ajudar saber que estou certa." Acrescentou depois que saber que estava certa ajudava, mas apenas porque deixara de se preocupar com a possibilidade de sofrer de alguma forma de insanidade. Disse: "Suponho que poderia ter esclarecido os pormenores dos meus sonhos há muitos anos, mas não o fiz pela simples razão de que a ideia nunca me ocorreu." Explicou ainda que só tentou justificar-se quando ficou convencida de que, do ponto de vista clínico, eu não a considerava psicótica.

Em 26 de abril mencionou outro dos hábitos que descreveu como sendo de Roger. “Ele nunca comia nem bebia sem antes dizer o Pai-Nosso!” O ponto de exclamação deve ser notado. Ela considerava a oração de Roger uma das suas idiossincrasias. Não se apercebia de que esta era a prática habitual dos cátaros.

35

Não tenho a certeza da data da carta seguinte. “Estou-lhe profundamente grata pela sua garantia de que acredita em mim, aconteça o que acontecer e independentemente do que outros possam ou não dizer.” (Ela não tinha discutido o seu caso com outras pessoas. Refere-se à possibilidade de eu ser visitado por um professor de Toulouse. Este senhor não era nem o Professor Nelli nem o senhor Duvernoy, mas fora recomendado pelo primeiro para me visitar, se tivesse tempo para o fazer.)

Ela interrogava-se sobre como eu reagiria se o professor decidisse que a sua memória longínqua era espúria. Respondi-lhe que a minha opinião não mudaria. A questão não se colocou, pois o professor, que estava de visita a Londres, não conseguiu encontrar tempo para me visitar. A Sra. Smith, como expressão da sua gratidão, escreveu o seguinte: “Se, portanto, houver alguma coisa que queira saber sobre o ritual cátaro, eu dir-lhe-ei. Eles não eram tão estranhos como muitos historiadores fazem crer. Vou contar-lhe uma coisa.”

Quando foi excomungada da Igreja de Roma, exigiram-lhe que passasse por uma cerimónia de aceitação na comunidade anglicana antes de poder casar pela Igreja. A sua descrição é a seguinte: “Ele” (o vigário) “colocou-me uma Bíblia aberta sobre a cabeça e disse uma data de coisas de que já não me lembro. Depois tive de fazer uma negação completa da Igreja de Roma enquanto ele lavava as mãos e depois tive de lavar as minhas. Isto era muito parecido com a *Convenanza* cátara, exceto que esta tinha lugar numa casa e toda a congregação lavava as mãos.

Os participantes ativos concordavam em honrar os sacerdotes e cumprir os jejuns, mas o resto do rito era praticamente igual, até à negação da Igreja de Roma. Ah, sim, e depois havia sempre muitos beijos, mas, pensando bem, isso também não tem nada de particularmente estranho quando me lembro da última reunião quaker a que assisti.”

A Sra. Smith refere-se à *Convenanza*. Era a promessa feita pelo *croyant* de receber o *Consolamentum* na hora da morte. Renovava esta promessa sempre que saudava um *Parfait*, caso não pudesse falar no momento da morte. A promessa feita pelo *croyant* era moralmente vinculativa para os *Parfaits*. Eles tinham de lhe administrar o *Consolamentum* no leito de morte, se isso fosse minimamente possível do ponto de vista físico. Uma vez feito o pacto da *Convenanza*, o *croyant* podia ainda receber o *Consolamentum* no leito de morte, mesmo que estivesse tão doente que tivesse perdido a capacidade de falar. (Como veremos mais adiante, esta questão da *Convenanza*, do *Consolamentum* e da capacidade de falar é de importância cardinal para avaliar a data da morte de Roger.)

Ora, o que eu disse sobre a *Convenanza* é um resumo das opiniões dos especialistas. A Sra. Smith questiona as suas conclusões. Numa carta de 16 de maio de 1969, ao discutir a definição ortodoxa acima da *Convenanza*, disse: "Não concordo totalmente com isso! Creio que a *Convenanza* era um acordo/pacto feito antes da entrada na fé cátara, contendo apenas uma promessa — a de estar sempre pronto para estar ao dispor dos *Parfaits*, se fosse necessário, e de os honrar.

"Talvez mais tarde, quando os Inquisidores os acusaram injustamente de impor os últimos ritos da Igreja Cátara aos moribundos quando estes não o desejavam, tenham decidido incluir como parte da *Convenanza* o *Consolamentum* no leito de morte, mas essa promessa não existia originalmente e sinto que não era estritamente necessária. Afinal, tomando os católicos romanos como exemplo, eles não fazem acordos especiais acerca dos últimos ritos na hora da morte — enquanto membros da Igreja, esperam automaticamente que lhes sejam administrados quando chegar o momento.

Lamento mesmo confundir a questão ao discordar dos especialistas. Não afirmo que tenha razão, embora fosse preciso muito mais do que estes especialistas para me convencerem de que estou errada! Sinto que as doutrinas cátaras obviamente não foram registadas com exatidão na época. Lê-se sobre isto em Guiraud, etc., e tudo soa um tanto minucioso, rígido e complicado, mas, claro, não era assim. Repito, como sempre repeti, que a fé cátara era simples e a ideia de que as suas crenças e práticas eram antinaturais e imorais é completamente falsa."

O que antecede faz muito sentido. É bastante fácil imaginar os católicos a alegarem que os moribundos eram forçados a receber o *Consolamentum* nos seus leitos de morte. Afinal, fizeram acusações muito piores contra os Cátaros. A ideia da Sra. Smith de que a forma inicial da *Convenanza* terá sido alterada para refutar essas calúnias parece perfeitamente razoável.

Outro ponto a favor da tese da Sra. Smith é que ela sublinha a obrigação do *croyant* de estar ao dispor do *Parfait*. Ora, as nossas fontes de informação, católicas romanas e outras, insistem que se esperava que o *croyant* "adorasse", isto é, se ajoelhasse diante do *Parfait*. Naturalmente, as fontes católicas romanas acentuam a influência maléfica desse ato. Mas há pouca prova escrita de que se esperasse que os *croyants* mostrassem obediência implícita aos seus sacerdotes. Ora, no dualismo primitivo praticado por Manes, exigia-se do simples crente uma obediência inquestionável e abnegada ao seu sacerdote. Os detratores dos maniqueus enfatizaram este ponto com deleite. É possível que uma simples promessa de obediência ao sacerdote tenha sido a forma original da *Convenanza* e que, nisso, os Cátaros estivessem a seguir a tradição dos seus predecessores maniqueus. Afinal, ninguém questiona que o catarismo, mesmo que não tenha origem no dualismo maniqueu, apresenta semelhanças consideráveis com essa fé.

Aqui, mais uma vez, trata-se da Sra. Smith contra as autoridades consagradas. De novo, teremos de esperar pelo aparecimento de mais provas, ainda que seja talvez pedir demasiado esperar este feliz acontecimento após o decurso de sete séculos. Mas uma pessoa que, na sua memória longínqua, acertou em tantas coisas poderá muito bem estar certa também nesta sua mais recente afirmação. E há ainda algo que deve ser lembrado sempre que falamos dela como estando em conflito com as autoridades consagradas: por "autoridades consagradas" entende-se aquelas que reinaram no passado. Nos tempos modernos, não há ninguém mais qualificado para falar do que o Professor Nelli e o senhor Duvernoy, ambos os quais, em mais de uma ocasião, corrigiram erros em obras anteriores, ditas "padrão".

Ambos estes homens distintos trataram com o maior respeito as provas apresentadas, por meu intermédio, pela Sra. Smith.

“Tenho quase a certeza de que os ofícios cátaros eram em vernáculo e não em latim.” Ela tem absolutamente razão. O facto de os ofícios serem maioritariamente em occitano era um crime aos olhos do Papado. “Eles, os Cátaros, repetiam muito a mesma oração, dizendo-a várias vezes seguidas.” Mais uma vez, a Sra. Smith está correta. A repetição constante de orações, e em particular do Pai-Nosso, é registada por muitos historiadores como um hábito cátaro.

Numa carta datada de 11 de julho, ela disse: “Eu podia contar-lhe muito mais sobre Roger, mas não estou deliberadamente a esconder-lhe coisas. É apenas que sou estupidamente tímida e não consigo dizê-las.” Deixou bem claro que a sua timidez não estava relacionada com o seu amor físico por ele. Era óbvio que o sentimento que tinha por Roger continuava a ser muito precioso para ela.

Em seguida passou a falar de meditação. Disse: “É simplesmente uma forma de encontrar paz, com uma mente recetiva e aberta à influência divina, de modo a adquirir o poder de perceção espiritual. Em suma, uma consciência da presença de Cristo.”

Lamento não ter espaço neste livro para escrever mais sobre as ideias da Sra. Smith acerca da vida e, em particular, as suas ideias religiosas. Isso forneceria um enquadramento apropriado para a sua vida anterior como cátara e revelaria talvez o que dela aprendeu. Vale a pena citar uma carta datada de 21 de julho de 1967. Eu levantara, em algum momento, a questão da meditação, provavelmente em relação ao catarismo. Estava muito interessado em saber se praticavam alguma forma particular de meditação. Ela escreveu: “Vê-a como um remédio para o stress e a tensão da vida?

Pergunto-me se é sensato apontar demasiado alto ou fazer um esforço consciente para entrar numa nova dimensão de vida espiritual. Os ingleses, enquanto povo, serão suficientemente inteligentes para distinguir entre a verdadeira iluminação e o pseudo-espiritual? Eu meditava quando era rapariga, mas nunca conscientemente, porque talvez tudo o que eu quisesse fosse encontrar paz. Não se pode encontrar paz se a mente anda a esvoaçar como um pássaro preso e, quando estou nesse estado, uma concentração relaxada, sem esforço, é impossível.

A paz vem-me de tempos a tempos. Eu desejo-a — todos nós desejamos — mas não faço um esforço total para a encontrar.”

36

Pode agora resumir-se até onde se chegou e o que mais se procura. Partiu-se para descobrir se Fabrissa era um indivíduo e, se sim, se estava relacionada com uma verdadeira figura histórica chamada Pierre de Mazerolles. Estes factos estão estabelecidos para lá de qualquer dúvida. O mesmo se aplica aos factos relativos aos amigos e familiares imediatos de Fabrissa, incluindo Roger. Um dossiê mais completo destas personagens será apresentado na secção seguinte. As personagens menores, como Mir de Camplong e o segundo Roger, também serão identificadas de forma mais completa, embora já saibamos, no caso do primeiro, que era um fidalgo com fortes inclinações cátaras, com propriedades nas Corbières, amigo de Roger e presente no cerco de Fanjeaux. Ainda temos algum caminho a percorrer na identificação do segundo Roger.

Seria de esperar que identificar tudo isto através do abismo de sete séculos fosse satisfatório, mas a Sra. Smith, apesar da forma como a História coincidia com as suas revelações, continuava desconfiada das suas próprias provas. A 3 de fevereiro de 1967, ainda dizia que, se Roger tivesse, para além de qualquer dúvida, uma irmã chamada Helis e se ela tivesse casado na família Mazerolles, isso forneceria o que ela chamava o elo em falta. Estava ainda mais preocupada em ser tranquilizada quanto ao facto de Arnaud de Mazerolles ser o marido de Helis. Felizmente, nessa altura, recebi cartas e árvores genealógicas do senhor Duvernoy e do Professor Nelli que deixaram a questão para lá de qualquer dúvida.

A sua hesitação devia-se à parte da sua natureza que não queria acreditar. Nunca se vangloriara das suas potencialidades psíquicas e desejava não as ter. Em segundo lugar, era escrupulosamente verdadeira. Em terceiro lugar, penso — embora o diga com cautela — que a designação de Grisolles a perturbava excessivamente. O facto de Roger não ser referido nos registos por esta designação incomodava-a bastante. Já falei do meu salto no escuro ao dizer que esse nome lhe teria sido dado pelas suas tendências poéticas. Surge outra possibilidade: ao registar as suas revelações, ela pode ter tido dificuldade em captar a palavra Isarn e Grisolles pode ter sido a aproximação mais próxima.

Admito que é uma hipótese remota, mas estamos, afinal, a lidar com uma rapariga de treze anos a anotar foneticamente, possivelmente num estado de clariaudiência, informação numa língua estrangeira, na sua forma

medieval e, muito importante, quase certamente falada com um acento gutural. O francês corrente, distinto do occitano e do falar local, é, ainda hoje, suficientemente difícil de compreender para o visitante do Languedoc.

Numa carta que acompanhava, a Sra. Smith enfatizou que Roger e Alais eram de nascimento nobre. "Naquela altura, viviam certamente numa grande casa perto de Montbrun." Isto encaixa tudo. Montbrun, no Aude, fica numa região onde a nobreza era quase exclusivamente cátara. As famílias de Fanjeaux, Durfort (Feste) e de Mazerolles viviam todas nesta localidade. Ela disse: "Os de Mazerolles também deviam ser um grupo bastante rico. Fabrissa tinha o seu próprio lugar, que parecia um pequeno castelo." Isto está absolutamente de acordo com a descrição nos registos inquisitoriais de Fabrissa a agir como anfitriã, por direito próprio, de hereges. A Sra. Smith continua a dizer, sobre a casa de Fabrissa: "Parecia estar sempre cheia e, por vezes, as reuniões realizavam-se lá." Isto significa que Fabrissa, seguindo um procedimento comum, se tornou *Parfaite* após anos de casamento e administrava uma grande casa separada da do marido.

Nos primeiros meses de 1967, eu tinha reduzido o cenário do drama ao conjunto de povoações formado por Fanjeaux, Montréal, Laurac e Mazerolles, cada uma a não mais de sete ou oito quilómetros das outras, e às colinas agrestes das Corbières que se estendem a leste e a sul.

Fiquei satisfeito de que esta área era o palco das atividades das famílias em que estamos principalmente interessados, isto é, as de Fanjeaux, Mazerolles e Laurac.

1 A própria Sra. Smith afirma que este Montbrun, onde Roger e Helis viveram, era bastante diferente daquele que fica perto de Foix. As suas recordações de Roger a pregar neste último são particularmente vívidas.

Já descrevi como encontrei o caminho para a casa dos Durfort em Fanjeaux, a casa de Guilherme, o trovador, e avô de Roger. A minha descoberta, em 1966, do castelo de Durfort, profundamente no interior, foi ainda mais algo que, se tivesse sido um acontecimento isolado, poderia ter sido chamado fortuito, mas que, à luz do que já foi dito, voltou a revelar-se dirigido. A minha mulher e eu seguíamos de carro por uma estrada solitária no departamento de Aude quando vi um discreto sinal indicador para o castelo de Durfort. Não havia acesso às ruínas senão através dos terrenos

privados de uma casa de campo. Senti-me hesitante em percorrer a alameda sem autorização. Foi então que vi um homem e uma mulher a aproximarem-se. Perguntei se era possível visitar as ruínas. O homem disse que a propriedade era privada, mas que tinha a certeza de que não haveria problema e que, de qualquer modo, o proprietário estava por perto. Indicou-no, a cavar no jardim, e este deu-nos de bom grado autorização para irmos ver as ruínas. Não tínhamos partido com qualquer intenção de procurar o castelo de Durfort. Eu nem sequer sabia que existisse alguma propriedade dos Durfort para além da casa de Fanjeaux.

Só no início de 1967 me apercebi de até que ponto as nossas personagens principais desempenharam os seus papéis num palco relativamente circunscrito. É certo que Roger viajou bastante, mas as principais posses da sua família, e das famílias com quem estavam ligadas por laços de parentesco ou amizade, concentravam-se numa área limitada. Por exemplo, a distância entre Fanjeaux e Durfort é inferior a trinta milhas inglesas. Estes factos tornam a história da Sra. Smith ainda mais credível. Um outro ponto relativo ao cenário da nossa história: o professor Nelli escreveu-me a informar que St. Papoul e St. Paul de Jarratt, com os quais a Sra. Smith estava tão preocupada, eram ambos centros muito ativos de heresia.

37

Resta agora completar e avaliar as provas históricas relativas à história da Sra. Smith. Isto envolve três tarefas: a identificação completa das personagens principais, das regiões que habitavam e do período em que viveram. As nossas personagens principais são Roger, Helis, Fabrissa e Pierre de Mazerolles. Estes nomes surgem constantemente nos sonhos, visões e memórias da Sra. Smith. Que provas existem da sua existência? Esta é demonstrada para além de qualquer dúvida através do estudo dos registos e da consulta de autoridades na matéria. As principais referências bibliográficas são a *Histoire de l'Inquisition au Moyen Âge*, de Guiraud. Grande parte da sua informação é extraída da Coleção Doat da Bibliothèque Nationale de Paris. Talvez os escritos mais úteis de todos, embora menos volumosos do que os de Guiraud, sejam os de Jean Duvernoy, que estudou com grande cuidado e dedicação a questão das famílias heréticas do Lauragais. Outras referências bibliográficas são mencionadas no índice.

Para além do estudo das fontes escritas, recebi uma ajuda imensa de René Nelli, professor de Literatura em Toulouse, e do senhor Duvernoy. Ambos sabem que as minhas fontes de informação são altamente invulgares. Ambos levaram muito a sério tudo o que lhes disse. Quanto mais lhes contei, mais ajuda ofereceram. Na primeira carta que me escreveu, o senhor Duvernoy expressou admiração pelo meu conhecimento detalhado do catarismo. Tudo isto foi adquirido ao confirmar a veracidade das experiências da Sra. Smith.

O professor Nelli manifestou, em mais de uma ocasião, o seu espanto perante as revelações dela e aconselhou-me que, em caso de dúvida, se desse crédito ao que ela dizia. Tanto o professor Nelli como o senhor Duvernoy responderam a numerosas questões específicas que lhes dirigi e que surgiram a partir das memórias longínquas da Sra. Smith. Em todas as questões principais confirmaram o que ela dizia. Em uma ou duas questões menos importantes não foi possível obter provas confirmatórias. No caso do Perfeito Imbert, o senhor Duvernoy diz que o seu destino é desconhecido e a Sra. Smith afirma que morreu na fogueira. Numa questão como esta não se pode tomar partido. No entanto, apostaria fortemente que, se vier a surgir a informação adequada sobre Imbert (Raimond Imbert de Moissac), se concluirá que ele sofreu o destino indicado pela Sra. Smith.

Não consigo recordar nenhuma questão de importância em que a memória da Sra. Smith se revele falsa à luz de provas históricas fiáveis. É certo que ela descreveu Imbert como Bispo em vez de Perfeito — se fosse Bispo continuaria a ser um Perfeito — mas exigir cem por cento de rigor numa questão deste tipo é seguramente pedante e, de qualquer modo, Imbert é apenas uma personagem secundária da sua história e, além disso, conhecida de muito poucos estudiosos do catarismo.

A maior divergência entre ela e os historiadores diz respeito à data da morte de Roger. Isto não pode ser usado contra ela. Não há nada nos registos que nos dê a data exata. Como veremos mais adiante, a data aproximada registada no depoimento de Helis simplesmente não se ajusta aos outros factos disponíveis.

A Sra. Smith sempre afirmou que Alais (Helis) de Mazerolles era irmã de Roger, que ambos pertenciam à família de Fanjeaux, que Helis casou com Arnaud de Mazerolles e que Roger permaneceu solteiro. Isto é absolutamente verdadeiro segundo as provas fornecidas por Guiraud, pela

Coleção Doat, pelo senhor Duvernoy, pelo professor Nelli e por outros. Isto é também revelado no testemunho de Helis perante a Inquisição, em 5 de agosto de 1243.

Segue-se uma árvore genealógica elaborada pela Sra. Smith muito antes de eu ter obtido as provas genealógicas do professor Nelli e do senhor Duvernoy, dos depoimentos prestados por Helis de Mazerolles e outros perante a Inquisição, e de um estudo cuidadoso da obra clássica de Guiraud. Apresento-a exatamente na forma em que a Sra. Smith ma forneceu.

As mesmas fontes mostram que Fabrissa de Mazerolles era cunhada de Helis e Roger. A infeliz Helis era mãe do vil Pierre de Mazerolles. A santa Fabrissa era tia deste último. Roger-Isarn era o nosso Roger.

38

HELIS DE MAZEROLLES

Consideremos primeiro o caso de Helis, porque se sabe mais sobre ela do que sobre qualquer outro membro da família de Fanjeaux. Ela surge pela primeira vez nos registos em 1198, na casa de Guillelme de Tonnens, em Fanjeaux.[1] Esta casa estava abertamente colocada à disposição dos hereges. Helis é descrita como filha de Aude e como tendo mais tarde se tornado Perfeita. Nesta visita em particular, a jovem Helis recebeu apenas vinho, pão, nozes e fruta como refeição. Guillelme praticava evidentemente as austeridades exigidas a uma Perfeita. Mais tarde, Guiraud afirma que Braida (ver árvore genealógica) era irmã de uma "crente zelosa", Helis de Mazerolles.[2]

O professor Nelli afirma que Helis era neta do trovador Guillaume de Durfort. Esta relação torna-se mais importante quando discutirmos a identidade do seu irmão Roger. Oth de Niort, um nobre herético e determinado opositor do catolicismo, recordava-se de ter visto Helis, em criança, por volta de 1206, na casa de Blanche de Laurac. Mir de Camplong e Roger de la Tour também estavam presentes. Estes dois últimos são os dois amigos de Roger, de Puerilia.

Guiraud afirma que Helis, ao casar com Arnaud de Mazerolles, se tornou nora de Blanche de Laurac. O leitor recordar-se-á das frases entrecortadas da Sra. Smith, em duas linhas separadas, "Blanche de

Laurac" e "mãe de Roger", seguidas da afirmação de que isto não deve ser tomado como indicando inevitavelmente que Blanche fosse a mãe de Roger. Ela era, de facto, a sogra do Roger principal, isto é, Roger-Isarn, na nossa história. É, no entanto, possível que, na segunda destas breves frases, a Sra. Smith se esteja a referir ao segundo Roger, que usava o apelido de la Tour de Laurac.

Noutro ponto, Guiraud[3] descreve Helis como aparentada com toda a nobreza de Montréal, Gaja, Laurac e Fanjeaux. Descreve também como ela se ocupava das finanças da causa cátara. Este excerto é de grande importância. Em primeiro lugar, identifica categoricamente Pierre como seu filho. Em segundo lugar, deixa claro o interesse de Pierre pelo dinheiro, um ponto abundantemente sublinhado pela Sra. Smith (trataremos disso mais tarde, ao falar de Pierre). Helis é também descrita como tendo ouvido o Perfeito Bertrand Marty pregar num campo perto de Gaja. Isto ocorreu em 1237. Nesta ocasião estava acompanhada pelo seu filho Pierre. Ouviu o mesmo pregador em 1239, mas desta vez na companhia de Fabrissa de Mazerolles[4] e de Pons de Capelli.

A prova mais importante de todas é o testemunho da própria Helis. É fascinante podermos localizar a data exata em que os inquisidores interrogaram esta mulher, cujo nome nos chegou, através dos séculos, num pedaço de papel escrito pela Sra. Smith enquanto passava a ferro numa aldeia do oeste de Inglaterra.

[2] Histoire de l'Inquisition, vol. I, p. 270.
[3] Jean Guiraud, Histoire de l'Inquisition au Moyen Âge, vol. I, p. 353.
[4] Jean Duvernoy, Bertrand Marty, Cahiers d'Études Cathares, outono de 1968.

A data em questão foi 5 de agosto de 1243. Ela é descrita[5] de forma inequívoca como a antiga esposa de Arnaud de Mazerolles. No seu depoimento admite que, por volta de 1195, esteve presente com vários outros em reuniões religiosas nas quais participou o célebre bispo cátaro Guilbert de Castres. Refere-se também, no decurso do interrogatório, à sua visita a Guillelme de Tonnens, já mencionada. Descreve Fabrissa de Mazerolles como sua cunhada e afirma que esta dirigia uma casa para hereges em Montréal. Entre as pessoas mencionadas como presentes em reuniões heréticas aí realizadas em 1210 encontravam-se Aimeric de Montréal (filho de Blanche de Laurac) e os três irmãos Pierre, Arnaud e

Raines de Mazerolles. Isto foi por volta de 1210. Menciona as mesmas pessoas como tendo estado presentes noutra reunião, noutra casa, cinco anos antes.

Helis testemunhou que, em 1210, também tinha visto Fabrissa em Gaja em companhia herética que incluía Mir de Camplong e Arnaud de Mazerolles. Descreveu ainda como, em 1210, Fabrissa participou numa cerimónia cátara chamada *apparellhamentum*. Tratava-se de uma espécie de reunião mensal de oração com uma forma estabelecida de confissão pública.

É claro, a partir do seu testemunho, que a sua irmã Gaia partilhava a fé da família. É descrita como tendo participado em atividades heréticas por volta de 1228. Há ainda referências a outros membros da família, por exemplo Veziada, esposa do seu irmão Isarn-Bernard. Tanto o marido como a mulher foram mais tarde condenados à prisão perpétua.

As referências a Pierre e Arnaud de Mazerolles continuam no testemunho de Helis. Ela descreve-os como envolvidos em atividades heréticas ainda em 1240. Mir de Camplong é mencionado como igualmente ativo em 1238.

Do ponto de vista do nosso estudo, o elemento mais importante do seu testemunho é a referência ao seu irmão Roger-Isarn.[5]

[5] *Coleção Doat, fólio 162, Bibliothèque Nationale de Paris.*

Isto pode, no entanto, ser tratado de forma mais lógica na secção dedicada ao estabelecimento da sua identidade. As provas citadas confirmam completamente a existência, a identidade e as relações familiares de Helis de Mazerolles tal como descritas pela Sra. Smith.

Surge um ponto de especial interesse. Na primeira frase do depoimento, Helis é descrita como a antiga esposa de Arnaud de Mazerolles. A explicação mais óbvia é que se tornou Perfeita com o consentimento mútuo do marido. Muitas Perfeitas foram recrutadas desta forma. É possível, porém, que exista outra explicação e que a relação com o marido não tenha sido completamente harmoniosa. Numa ocasião, Puerilia perguntou a Helis: "porque casaste com ele?" Após um intervalo de mais de sete séculos, esta é uma questão que não pode ser esclarecida.

Mostra, no entanto, que, em alguns pormenores, a Sra. Smith talvez nos possa dizer mais sobre Helis do que os próprios inquisidores.

39

FABRISSA DE MAZEROLLES

Já foi dito o suficiente na nota sobre Helis para estabelecer a identidade de Fabrissa como cunhada de Helis e Roger e tia de Pierre. Grande parte da nossa informação sobre Fabrissa deriva do depoimento de Helis. Eis algumas notas adicionais. Guiraud afirma que ela pertencia a uma das famílias mais nobres da região[1] e que, em 1209, emprestou a sua casa para reuniões cátaras. Em 1233 ou 1234, o bispo cátaro Guilbert de Castres pregou e recebeu as respeitosas genuflexões (designadas pelos cátaros como *adoração*) de Fabrissa e de Raines de Mazerolles, bem como do amigo de Roger, Mir de Camplong. Este acontecimento teve lugar na casa de Pons de Villeneuve.

[1] *Histoire de l'Inquisition au Moyen Âge*, vol. I, p. 270.

Antes de se tornar Perfeita, Fabrissa foi casada com Bernard de Villeneuve.[1] Zoé Oldenbourg, em *O Massacre de Montségur*, também se refere a Fabrissa como uma protetora ativa dos hereges. O professor Nelli, de Carcassonne, numa carta que me escreveu, descreveu-a como cunhada de Helis, tia de Pierre de Mazerolles e esposa de Bernard de Villeneuve. Indicou ainda que, antes de me escrever, tinha estudado as notas do seu falecido amigo Adibert de Montréal, que compilara um dossiê dedicado a Fabrissa. Mais uma vez, a existência e identidade de Fabrissa não podem ser postas em causa. Que era uma pessoa de importância é igualmente claro. É descrita como estando à frente de uma das casas cátaras que tinham alguma semelhança com conventos. Isto dá consistência a uma das afirmações-chave da história da Sra. Smith: "Se tiveres problemas, vai ter com Fabrissa." O professor Nelli, ao comentar a descrição da Sra. Smith sobre a vida na instituição para mulheres, afirma categoricamente que esta só pode ter sido a casa dirigida por Fabrissa em Montréal.

40

PIERRE DE MAZEROLLES

As referências a este homem são numerosas. Já encontrámos várias nas notas sobre Helis e Fabrissa. Guiraud[1] descreve-o como um dos três irmãos que estavam entre os antagonistas mais ativos do catolicismo. Na página 353 do volume I, o autor refere-se a ele categoricamente como filho de Helis. Afirma que esta se ocupava dos assuntos financeiros dos cátaros e sugere que o interesse do seu filho Pierre pelas finanças era menos ortodoxo, e que ele usava a influência da mãe junto dos cátaros para obter dinheiro deles. Por volta de 1232, pediu dinheiro emprestado ao Perfeito Bertrand Marty em troca de uma promessa de salvo-conduto.

[2] *Histoire de l'Inquisition au Moyen Âge*, vol. II, p. 84.
[1] *Histoire de l'Inquisition au Moyen Âge*, vol. I, p. 290.

Tais práticas eram habituais no Languedoc nessa época mas, para além da avaliação que a Sra. Smith faz do seu caráter, temos outras provas da sua ganância, como veremos mais tarde ao estudar o caso de Avignonet. Regista-se que, em 1232, o Perfeito Bertrand Marty vivia em La Selve e estava em contacto, entre outros, com Pierre de Mazerolles.[2] No mesmo ano, esteve presente na escolta que acompanhou Guilhabert de Castres e outros Perfeitos quando estes se encontraram com Raimon de Pereille.[3] Em 1237, Marty pregou num campo em Gaja para Helis de Mazerolles e para Pierre.[4] É também mencionado no livro de Zoé Oldenbourg como um dos sete homens que afirmaram ter infligido feridas mortais aos dois inquisidores.

O nosso conhecimento do papel desempenhado por Pierre de Mazerolles no massacre dos inquisidores é bastante considerável. Como o seu papel em Avignonet coincide tão estreitamente com o seu caráter tal como revelado pela Sra. Smith, é importante descrever este episódio com algum pormenor. Os dois inquisidores, Guillaume Arnaud e Pierre Seila, tinham sido muito ativos e muito eficientes no Languedoc no início dos anos quarenta do século XIII. A tensão subiu acentuadamente à medida que se aproximava o Dia da Ascensão, em 1242. A nossa história caminha também para o seu clímax. Os dois inquisidores seguiram estrada via Castelnaudary até Avignonet. Aí foram recebidos de forma cordial e traiçoeira por Raymond d'Alfar, que lhes ofereceu hospitalidade em nome

do Conde de Toulouse, de quem era agente.[5] Note-se bem que o nome Alfar ocorre nas memórias da Sra. Smith. D'Alfar encontrou-se depois com dois cavaleiros, Guillaume de la Plaigne e Jordanet du Mas, na floresta de Antioch, perto de Mas-Saint Puelles. D'Alfar informou de la Plaigne de que o Conde de Toulouse não conseguira contactar nem Pierre de Mazerolles nem os outros gentis-homens que desejavam matar os inquisidores e os seus acompanhantes. O motivo da sua eliminação era, naturalmente, a proteção das famílias fortemente heréticas, cujos nomes apareciam nos registos de uma Inquisição sempre ativa, vigilante e atenta.

[2] Jean Duvernoy, Bertrand Marty, Cahiers d'Études Cathares, outono de 1968.
[3] René Nelli, La Vie Quotidienne des Cathares.
[4] Guiraud, Histoire d'Inquisition, vol. 2, p. 82.
[5] Guiraud, Inquisition au Moyen Age, vol. 2, p. 118.

É óbvio que de la Plaigne fez contacto com Pierre de Mazerolles, porque este apareceu depressa no local. Além disso, d'Alfar entregou também a de la Plaigne uma carta para transmitir a Pierre-Roger de Mirepoix, comandante da guarnição em Montségur. Pedia-se a este que trouxesse a Avignonet uma força de cavaleiros e soldados. D'Alfar comprometeu-se a entregar os inquisidores a Pierre-Roger e aos seus homens. É evidente que também combinou que Pierre-Roger se encontrasse com Pierre de Mazerolles, pois foi isso que veio a acontecer. Na viagem desde Montségur, Pierre-Roger de Mirepoix parou num bosque perto de Gaja.

Note-se de novo que este era o centro das posses dos Mazerolles. Pouco depois chegou Pierre de Mazerolles. Teve uma entrevista com Pierre-Roger de Mirepoix, após a qual o deixou para regressar com Jourdain du Villas, Pierre Viel e vinte e cinco homens de Gaja munidos de machados e outras armas. À medida que a tensão aumenta, é fascinante pensar que o que se seguiria haveria de ressoar nos sonhos de uma rapariga no oeste de Inglaterra, sete séculos e mais tarde.

A força conjunta dividiu-se então para evitar chamar a atenção. Doze sargentos de armas foram escolhidos de entre os vinte e cinco que acompanhavam Pierre de Mazerolles. Estes doze, armados com machados e comandados por Bernard de Saint-Martin, partiram para Avignonet e foram admitidos na casa onde os inquisidores estavam alojados. Estes e o seu

séquito foram mortos sem demora. Guiraud dá os nomes dos que efetivamente desferiram os golpes fatais ou dos que afirmaram tê-lo feito. A lista não corresponde à fornecida por Zoé Oldenbourg, embora o nome de Pierre Vidal[6] seja comum a ambas. Mas Pierre de Mazerolles é claramente citado por Zoé Oldenbourg como tendo alardeado que infligira feridas mortais aos inquisidores.

[6] Sem relação com o famoso trovador.

É nesta fase que o relato da Sra. Smith reflete a sua desconcertante exatidão nestas matérias. Recordar-se-á como, no seu sonho, Pierre de Mazerolles regressa num estado de excitação macabra. Ela descreveu-o como eufórico e feliz por ter matado. Segundo o depoimento de Imbert de Salas, a mesma atmosfera de exuberância sinistra tingiu todo o desenrolar dos acontecimentos. Quando Pierre-Roger de Mirepoix viu G. Acermat, um dos executores dos inquisidores, gritou: "Traidor, onde está então a taça de Arnaud?" Este era um dos inquisidores mortos. "Taça" era a forma jocosa de Pierre-Roger se referir ao crânio. Acermat respondeu: "Está partido." "E porque não trouxeste os fragmentos?", continuou Pierre-Roger; "eu tê-los-ia unido com uma banda de ouro e teria bebido vinho desta taça toda a minha vida."[7] Pierre de Mazerolles ainda estava febril com esta hilaridade arrepiante quando entrou no quarto onde a Sra. Smith dormia. O seu eco persistiu até há cinco anos.

[7] Zoé Oldenbourg, The Massacre at Montségur.

A Sra. Smith descreveu Pierre de Mazerolles como não sendo um verdadeiro cátaro, mas movido apenas pela ganância. A este respeito, é fascinante contemplar o comportamento dos cavaleiros em Avignonet após o assassínio. Zoé Oldenbourg comenta do seguinte modo a cena que precedeu o massacre: "Depois, o saque foi repartido: os registos dos inquisidores, os poucos objetos de valor que traziam consigo nas suas deslocações; muito pouco, livros, um castiçal, uma caixa de gengibre, algumas moedas de prata, roupas, mantas (couvertures), escapulários, facas. Ver a avidez com que estes homens que, sem serem ricos, estavam longe de ser pobres, se atiravam a objetos que, afinal, tinham pouco valor, numa sala juncada de cadáveres desfigurados e a sangrar, dá a impressão de uma distribuição de troféus mais do que de uma cena de pilhagem. Os conspiradores que não tinham participado no assassínio juntaram-se aos outros, cada um querendo ter a sua parte."

Esta descrição de ganância infantil somada a exaltação nervosa no matar, embora aplicada a um grupo inteiro de homens, simboliza de forma notável a descrição que a Sra. Smith faz de Pierre de Mazerolles. Referimo-nos noutro lugar a esta preocupação com dinheiro no episódio de Bertrand Marty e à maneira como ele beneficiou da posição da mãe na comunidade cátara para fazer negócios em proveito próprio.

Guiraud, na página 123 do volume 2, prossegue dizendo que Pierre-Roger de Mirepoix "tinha sido assombrado, ao longo desta noite trágica, pelo desejo de ter notícias do Conde de Toulouse". Isto significa que queria saber que apoio poderia esperar, contra a inevitável reação católica que se seguiria ao assassínio dos inquisidores, do vacilante e imprevisível Raimundo de Toulouse, que combinava a tolerância para com os hereges com o desejo de apaziguar o Papado e o Reino de França, a fim de preservar as suas posses. Antes de partir no regresso a Montségur, Pierre-Roger enviou dois sargentos de armas a Isarn de Fanjeaux para saber qual a atitude do Conde.

Isarn de Fanjeaux era irmão de Roger. Não creio ser possível que este fosse o Roger-Isarn que nos interessa. Em primeiro lugar, a nossa personagem central devia ser conhecida na família como Roger e o seu irmão mais velho como Isarn. De outro modo, como poderiam os seus amigos e parentes distinguir entre Isarn-Bernard e Roger-Isarn? Em segundo lugar, Puerilia referia-se sempre ao seu amigo como Roger. Em terceiro lugar, Isarn surge com mais frequência nos registos históricos do que Roger e era obviamente mais ativo na vida pública, como tinha de ser para merecer a confiança do Conde de Toulouse.

Em quarto lugar, a descrição que a Sra. Smith faz de Roger não é a de um homem envolvido em assuntos de Estado. Ele era, essencialmente, uma alma gentil e contemplativa, um cátaro sério, muito dado à reflexão sobre a pecaminosidade do mundo e pouco inclinado a qualquer espécie de violência.

O que este excerto de Guiraud confirma é a importância da família de Fanjeaux na fraternidade cátara.[8] Mais interessante para nós é o facto de que, mesmo que Pierre-Roger de Mirepoix tenha feito contacto com o irmão de Roger o mais depressa possível, é provável que o nosso Roger soubesse tão cedo quanto ele, ou ainda mais cedo.

[8] Adquiri recentemente provas mais positivas a este respeito. Em 3 de outubro de 1969, o senhor Jean Duvernoy forneceu-me uma árvore genealógica ainda mais completa do que a que me tinha enviado antes. Ela mostra que Helis e Roger eram primos de Pierre Roger de Mirepoix, o mais velho, isto é, do pai do comandante da guarnição de Montségur. Esta estreita relação familiar, bem como o facto de os indivíduos em causa terem propriedades em estreita proximidade entre si, explica como a Sra. Smith foi capaz de recordar tantos dos pilares e apoios do catarismo no Lauragais e nas Corbières.

Terá sido certamente com este objetivo em vista que Pierre de Mazerolles irrompeu pelo quarto onde Puerilia dormia. O facto de ele ter tentado beijá-la pode muito bem ter sido um subproduto da sua exaltação mórbida.

Foi dito o suficiente para mostrar que o que a história sabe de Pierre de Mazerolles confirma de forma notável a experiência que a Sra. Smith teve dele. Isto é tanto mais satisfatório quanto, ao iniciar as pesquisas, ele era a única personagem de quem se possuía o nome completo.

Sempre presumi que nada mais se sabia sobre as atividades de Pierre de Mazerolles após o caso de Avignonet. Certamente ele não parece ter sido imediatamente capturado pelo seu papel no massacre. Pensei ser possível que tivesse terminado a vida como um *faidit*, nome dado a cavaleiros desapossados que viviam como fora-da-lei e mantinham uma oposição clandestina aos poderes ocupantes. Mas soube pelo senhor Duvernoy, em outubro de 1969, que ele compareceu perante a Inquisição a 12 de julho de 1246, isto é, quatro anos após o massacre de Avignonet.[9] A sua capacidade de sobrevivência parece ter sido considerável.

Não há registo de lhe ter sido aplicada qualquer sentença. Isto não significa que tenha escapado impune, mas parece ter tido um dom assinalável para se desembaraçar de situações difíceis. Porque só apareceu perante a Inquisição em 1246 é algo muito estranho. Claro que devemos recordar a avaliação da Sra. Smith sobre o seu caráter. Ele não tinha qualquer preocupação real com o catarismo e o seu único amor era o dinheiro. É bem possível que tenha feito um acordo com os poderes ocupantes ou que tenha simulado colaboração com eles. Em todo o caso, tudo o que sabemos sobre ele concorda bem com a descrição que a Sra. Smith faz do seu caráter.

[9] Manuscrito n.º 609 da Bibliothèque de Toulouse.

41

ROGER-ISARN

Consideremos agora aquele que, pelo menos para a Sra. Smith, era a figura central da história. Sabemos com certeza quais eram as suas ligações imediatas. Temos os nomes das suas três irmãs, Helis, Braida e Gaia, e do seu irmão, Isarn-Bernard. Helis referiu-se também a ele como seu irmão no seu depoimento. Na verdade, sabe-se menos sobre ele do que sobre o seu irmão e do que sobre as suas irmãs, Helis e Braida.[1] Ele e Gaia surgem menos na história do que os outros membros da família. Sabemos que Isarn-Bernard foi condenado à prisão perpétua e que Helis foi interrogada pela Inquisição. Para os factos principais sobre Roger, temos de nos apoiar na Sra. Smith.

Há duas referências positivas a Roger-Isarn. De longe a mais importante é a feita por Helis no seu depoimento de 5 de agosto de 1243. Isto é de um interesse fascinante, não porque nos prove claramente a existência de Roger e que ele era irmão de Helis, mas porque todo o seu alcance é misterioso. Helis referiu-se a Roger como seu antigo irmão. Ele deve, portanto — a menos que Helis estivesse a prestar falso testemunho — ter morrido antes de 1243, ou antes de agosto desse ano. Ela descreve-o como tendo adoecido na casa de Gaillard de Feste, em Fanjeaux. De Feste era o nome da família Durfort, à qual Roger estava ligado por parentesco. O depoimento diz que ele foi acometido pela doença de que morreu. A questão é se a expressão latina *illa infirmitata qua obiit* significa que ele morreu por ocasião dessa doença, ou que, nessa altura, ele sofria de um mal do qual viria a expirar mais tarde, numa data não especificada.

Ora, Helis diz, ao prestar depoimento, que isto ocorreu dezoito anos ou mais antes, isto é, por volta de 1225. Na sua anotação ao depoimento, feita numa comunicação pessoal, o senhor Duvernoy sugere 1227.

[1] Sabe-se que Braida foi uma Perfeita.

Mas a Sra. Smith insiste que Roger viveu até 1243. Certamente ele estava vivo no tempo do massacre dos inquisidores, em 1242. Não pode haver dúvida de que o seu principal sonho recorrente envolvia o regresso de Pierre de Mazerolles após o massacre. Ela está igualmente certa de que

Roger expressou horror e repulsa por esse crime. Serão os registos inquisitoriais inexatos? Bem poderiam sê-lo. Em certos pontos são muito vagos. Parecem seguir uma fórmula estereotipada. Nesta sessão particular da Inquisição, parece que tudo o que se exigia do acusado era que admitisse ter convivido com hereges e revelasse o maior número possível de nomes dos seus co-crentes. Cada item do depoimento era seguido de uma estimativa obviamente grosseira do tempo decorrido desde que o acusado tinha visto os seus companheiros malfeitores.

O depoimento de Helis abrange quarenta e dois parágrafos, excluindo as inserções de uma única linha dedicadas ao tempo decorrido desde os incidentes descritos. Ela recua até 1195. Como isso foi quarenta e oito anos antes da data do interrogatório, ela não incrimina um número considerável de pessoas. Uma grande proporção dos mencionados como hereges em 1195 deve ter morrido até 1243. Apenas três dos seus quarenta e dois parágrafos tratam de datas incluindo e posteriores a 1240. Fica-se com a impressão de que ela está a revelar pouco. Em contraste, o testemunho de Arnaud Roger de Mirepoix contém uma proporção muito maior de datas tardias, aproximando-se mais da data do seu interrogatório, em 22 de abril de 1244.

Estaria Helis a esconder a data da morte de Roger, ou terá simplesmente a sua afirmação sido mal registada? Como já disse, os registos seguem um padrão fixo. Dão a impressão de serem um trabalho apressado e, provavelmente, foram escritos com grande pressa por escrivães pouco letrados, sob ditado de inquisidores cansados de um duro dia de perseguição e não demasiado obcecados com a exatidão. Não se está a criticar a eficiência dos interrogadores, apenas a sugerir que não estavam excessivamente preocupados com a redação dos registos.

Tudo isto é conjetura. Há, no entanto, um ponto de que podemos estar certos: Roger não poderia ter morrido na ocasião descrita por Helis. O depoimento diz que ele estava tão doente que perdera a capacidade de falar. O célebre bispo Guilbert de Castres estava presente. Ainda assim, o *Consolamentum* não foi administrado. Este é um ponto vital. Estava estabelecido que o *Consolamentum* só podia ser administrado a quem estivesse em pleno juízo e totalmente consciente. Fazia-se exceção no caso dos moribundos. Se Guilbert de Castres não administrou o *Consolamentum*

a Roger, foi porque, apesar da aparente gravidade do seu estado, sabia que ele não estava a morrer.

Há outra referência à morte de Roger. O seu irmão, Isarn-Bernard, testemunhou perante a Inquisição que entregara aos Perfeitos as quinze libras que lhe tinham sido legadas pelo irmão. Infelizmente, não é indicada qualquer data para a morte do irmão. Temos de ler a passagem no depoimento de Helis como indicando que, quando visitado por Guilbert de Castres, Roger sofria da doença que, em última análise, lhe causou a morte.

Temos alguma prova, a partir da Sra. Smith, sobre o historial médico de Roger? Sim, de forma categórica. Roger adoecia com muita frequência, com febre alta. Numa ocasião, pensou-se que estava a morrer. A Sra. Smith recordou, numa carta escrita em 1966, o desespero que sentiu nessa ocasião. Para além dessa doença em particular, ele parecia muitas vezes exausto e doente depois das suas longas viagens. Apanhava constipações com facilidade e era muito sensível ao frio e à humidade.

Parece-me que Roger poderia muito bem ser tuberculoso. As suas crises de doença grave com febre alta poderiam ter sido pneumonia de origem tuberculosa. Pergunta-se por que razão os seus torturadores lhe atiravam água fria depois de outras formas de tortura terem sido aplicadas. Talvez ele já estivesse doente e quisessem apressar o fim; ou talvez conhecessem o seu ponto vulnerável e esperassem provocar sintomas agudos. A Sra. Smith insiste que ele morreu na prisão de uma infeção no peito. Ora, sabemos que Roger esteve encarcerado numa prisão onde os presos do sexo masculino podiam receber visitas das suas esposas. Isto significa que ele não tinha sido formalmente condenado e que o seu caso estava a ser investigado.

É possível que, por Roger ter morrido sob interrogatório, quem redigiu o processo quisesse inserir uma referência menos incriminatória à sua morte. Deve recordar-se que, quando era proferida sentença de morte, os inquisidores — incapazes de derramar sangue eles próprios — chamavam o braço secular para executar a sentença. Nestas circunstâncias, era do interesse das autoridades sublinhar que Roger já sofrera anteriormente de uma doença da qual veio a morrer.

Em 31 de agosto de 1969, a Sra. Smith comentou do seguinte modo os parágrafos precedentes do meu manuscrito: “Tenho a certeza de que tens

toda a razão ao dizeres que a doença de Roger era tuberculose. Isso explicaria porque era tão sensível ao frio, as vezes em que regressava a casa completamente exausto, aquela tosse persistente e os frequentes acessos de febre. No depoimento de Helis de Mazerolle, ela mencionou a doença de que o irmão morreu. Terá ela, pergunto eu, incluído este pormenor (e de facto parece um pouco supérfluo) para apaziguar os inquisidores? Seriam estes, por vezes, algo melindrosos quanto ao seu papel no assassinato de tantos inocentes?

Muito melhor que Roger 'morresse da doença de que sofreu durante anos' do que enviá-lo à fogueira e suscitar simpatia pública. Trataram-no cruelmente na prisão; atiraram-lhe água fria, negaram-lhe qualquer coisa para beber — agravando-lhe a doença e levando-o a um fim rápido e desejado tão eficazmente como a fogueira. Assim, tecnicamente, eram bons rapazes e não responsáveis pela morte de Roger. Isso explicaria a ambiguidade no depoimento de Helis."

Ao avaliar a prova dada por Helis, é preciso admitir mais do que a possibilidade de ter sido extraída sob tortura e falsificada para servir as necessidades dos interrogadores. No seu artigo sobre Bernard Marty em *Les Cahiers d'Études Cathares*, o senhor Duvernoy menciona que, em 1225, o Perfeito se encontrou, entre outros cavaleiros, com Roger-Isarn d'Arborens. Isto poderia ser, possivelmente, um nome alternativo para o Roger da Sra. Smith. O encontro ocorreu em Laurac, que fica apenas a algumas milhas de Fanjeaux, a casa da família de Roger.

Mesmo no Languedoc do século XIII, onde os nomes eram poucos, não é provável que houvesse mais do que um membro cátaro da pequena nobreza, numa área tão limitada, com o nome Roger-Isarn. D'Arborens, tal como de Grisolles, poderia muito bem referir-se a uma outra pequena propriedade detida por Roger. Era costume, nessa época e nessa região, a nobreza possuir porções de terra bastante pequenas em vários lugares.

Assim, no que diz respeito à história oficial, não sabemos o destino de Roger-Isarn. Isto é surpreendente? Afinal, ele era uma personagem muito secundária. A ideia de que Roger estava moribundo e não recebeu o *Consolamentum* não faz sentido. A descrição no depoimento é ou uma afirmação errada de facto ou uma interpretação errada. Estou disposto a aceitar o conselho expresso numa carta do professor Nelli, em que ele indicava que, em caso de dúvida, se deveria seguir o paciente.

Ao longo deste livro, ao exprimir as minhas opiniões, tive o cuidado de me apoiar em factos históricos e não em meras intuições. Nesta questão da data da morte de Roger, sinto ser necessário ser menos rígido. A Sra. Smith foi tantas vezes provada certa. Por vezes, como no caso da cor das vestes dos sacerdotes cátaros, esteve à frente dos eruditos. O seu principal pesadelo recorrente estava obviamente centrado no massacre dos inquisidores. De que outro assassínio poderia Pierre de Mazerolles estar a regressar num estado de exaltação? Ela insiste que Roger estava vivo no tempo do caso de Avignonet. O seu pesadelo relacionado com esse episódio cessou definitivamente após a sua primeira visita a mim, quando ela me reconheceu como Roger. A cessação imediata desse sonho indica o grau em que se estabeleceu a comunicação psíquica.

A memória longínqua associada a esse grau de comunicação é, seguramente, admissível como prova, sobretudo porque vimos com que frequência as suas recordações do passado se conformam estritamente às conclusões da história. E, afinal, no caso de Roger-Isarn, a nossa principal fonte histórica de informação é o testemunho de uma mulher, extraído sob coação e possivelmente tortura e, como argumentei, possivelmente mal registado ou deliberadamente falsificado. Todo o padrão das revelações da Sra. Smith aponta para Roger-Isarn estar vivo em 1242 ou depois.

Por fim, desde que escrevi os parágrafos anteriores, foi-me dito (3 de outubro de 1969) pelo senhor Duvernoy, em Toulouse, que, ao avaliar datas mencionadas nos depoimentos de Helis e de outros, é necessário admitir uma margem de erro de vinte anos. Isto porque os próprios arquivos são cópias feitas duzentos anos depois dos acontecimentos que registam. Ao fazer estas cópias, erros de transcrição levaram, nalguns pontos, a um desvio de vinte anos. Se se aceitar a data aproximada anteriormente indicada pelo senhor Duvernoy para a morte de Roger como 1227 e se permitir o erro acima referido, ele estaria certamente vivo no tempo do massacre de Avignonet, o que está de acordo com as recordações da Sra. Smith.

42

OS AMIGOS DE ROGER

(O OUTRO ROGER E MIR DE CAMPLONG)

O segundo Roger deve ser identificado não apenas por referências isoladas a ele, mas porque é descrito, em várias ocasiões, como estando associado a Mir de Camplong. Temos a pista dada pela Sra. Smith de que estes dois eram grandes amigos do primeiro Roger. Como os dois Rogers andavam sempre juntos e como Mir era também amigo do primeiro Roger, qualquer menção dele na companhia do segundo Roger é significativa. Estamos, afinal, a considerar um pequeno grupo de nobres numa área geográfica restrita. Mir de Camplong é também referido nos registos como estando na companhia de outros membros da família de Laurac.

Roger de la Tour e Mir de Camplong são descritos como estando juntos numa reunião cátara em 1209.[1] Ambos são referidos como sendo de Laurac. Este último facto não nos deve confundir, devido à tradição languedociana de propriedades fragmentadas em diferentes zonas. Em determinada altura, a propriedade de Mirepoix estava dividida entre trinta e seis proprietários. Mir de Camplong e Fabrissa de Mazerolles são mencionados em conjunto por Guiraud.[2] Isto mantém Mir bem dentro do círculo de amigos. Mir de Camplong e Pons de la Tour são descritos como tendo participado em reuniões heréticas em Laurac em 1223 e como sendo, nessa altura, *faidits*, isto é, pequena nobreza proscrita, fora da lei.

O senhor Duvernoy menciona ainda como, no final dos anos vinte do século XIII, Mir de Camplong estava presente quando Guillaume Bernard de Laurac recebeu o *Consolamentum* de Bertrand Marty.[3] O senhor Duvernoy trata, neste artigo, das visitas incessantes feitas a Montségur pela nobreza do Languedoc entre 1236 e 1243. Entre os mencionados está Pons de la Tour, descrito como filho de Roger de la Tour. Em 1233, Roger de la Tour, descrito por Guiraud como um dos senhores de Laurac, recebeu o *Consolamentum* de Bertrand Marty na casa de Bernard de Saint Martin.[4]

Em 1237, os inquisidores pronunciaram sentenças severas contra Isarn e Roger de la Tour de Laurac. (Teria sido isto na sequência de o segundo Roger ter sido capturado em St. Papoul, como a Sra. Smith recordava?) Mas depois ficamos a saber que Roger de la Tour recebeu o *Consolamentum* em 1238. É completamente inconcebível que, se estivesse

a cumprir uma pena de prisão perpétua, os católicos lhe tivessem permitido receber um Perfeito. Parece, então, que as sentenças severas de 1237 não envolveram morte nem prisão perpétua. Possivelmente Isarn e Roger de la Tour foram privados dos seus bens e receberam alguma pena que os deixou em liberdade. Mas, certamente, o segundo Roger da Sra. Smith também acabou na prisão.

Ajuda-nos, quanto à identidade do segundo Roger, o conhecimento da idade do primeiro Roger. Roger estava nos seus finais dos cinquenta ou princípios dos sessenta quando morreu. Era bastante mais velho do que Puerilia.

[1] Guiraud, Histoire d'Inquisition au Moyen Age, vol. 1, p. 287.
[2] Guiraud, Histoire d'Inquisition au Moyen Age, vol. 2, p. 84.
[3] Jean Duvernoy, Cahiers d'Études Cathares, outono de 1968.
[4] Jean Duvernoy, Cahiers d'Études Cathares, outono de 1968.

Se se estudarem as referências a Roger de la Tour e a Mir de Camplong, é claro que pertenciam à mesma geração. Nos primeiros anos do meu estudo deste assunto, eu pensava em Roger e nos seus amigos como muito mais novos. A Sra. Smith não me informou sobre a idade de Roger até ao início de 1969. Eu certamente não imaginava o segundo Roger como tendo tido família. Isto, como já dissemos, não o impediria de se tornar Perfeito numa data posterior. Eis, então, mais um elemento importante. Em Toulouse, a 11 de agosto de 1247, Pons de la Tour, descrito como um jovem e como filho de um Roger do mesmo nome, foi condenado à prisão perpétua.[5]

A sentença foi proferida no claustro de St. Sernin. Foi aí que o seu pai também fora sentenciado dez anos antes. Isto esclarece um pouco a razão pela qual eu persistia em duvidar da preocupação da Sra. Smith com St. Etienne. A Inquisição, como Molinier salientou, reunia-se regularmente no claustro dessa igreja. No entanto, o segundo Roger e o seu filho sofreram ambos na igreja de St. Sernin. Suponho que, no fundo do meu inconsciente, havia uma recordação desta última tragédia. A minha insistência em que St. Sernin era a sede da Inquisição foi influenciada pelo facto de os meus amigos terem sofrido ali.

A Sra. Smith, por seu lado, só podia ter a certeza de St. Etienne, onde ela própria fora detida e de onde escapara. Numa noite de janeiro de 1969,

o nome Mir de Camplong irrompia repetidamente pelo meu sono. Apenas isso, e a palavra *diacre*, e nada mais.

[5] *Jean Guiraud, Histoire d'Inquisition au Moyen Age, vol. 2, p. 148.*

43

OUTRAS PERSONAGENS SECUNDÁRIAS

Blanche de Laurac.

Deve entender-se que "secundárias", para os fins deste livro, significa "no que diz respeito às memórias da Sra. Smith". Por exemplo, Blanche de Laurac aparece várias vezes nas suas notas de colegial. Ela é bem conhecida de qualquer estudioso sério do catarismo. Era originalmente conhecida como Blanche de Montréal. Tornou-se Perfeita depois de ter tido nove filhos. Um deles, Aimeric, assumiu o seu título de de Montréal. Isto pode ter ocorrido após a morte do pai, ou quando a mãe se tornou Perfeita. Um dos seus filhos foi Arnaud, que casou com Helis. Guiraud descreve-a como estando à frente de vários conventos na região de Laurac e Montréal. Diz que a nobreza da região se reunia regularmente em sua casa. Tudo isto são razões óbvias para que ela desempenhe um papel nas recordações da Sra. Smith. Dois dos seus filhos tiveram fins violentos às mãos dos Cruzados. Aimeric foi enforcado e Guiraude, senhora de Lavour, foi atirada a um poço e coberta com pedras.

Braida de Laurac. A enigmática afirmação da Sra. Smith, em duas linhas — "Braida de Laurac / mãe de Roger." — permanece sem explicação. Ela sempre insistiu que isto não deve ser entendido como significando que Braida de Laurac era a mãe do seu próprio Roger. Ela pergunta-se — e deixa claro que é apenas conjetura — "se Blanche de Laurac tinha uma irmã ou cunhada chamada Braida que, com alguma sorte, poderia ter tido um filho Roger de la Tour de Laurac". Lanço esta hipótese no meio de tanta certeza, na esperança de que alguma autoridade mais competente do que eu possa responder à questão.

Sicard e Guiraud d'Adalo.

Recorde-se que os acima referidos eram filhos do velho G. d'Adalo, que morreu no cerco de Fanjeaux tão vividamente descrito pela Sra. Smith. Ela indicou numa das suas cartas que deviam ter sido soldados, porque estavam sempre a lutar. São referidos no depoimento prestado por Arnaud-

Roger de Mirepoix perante a Inquisição em 22 de abril de 1244. São especificamente descritos como *chevaliers* (cavaleiros), o que, na Idade Média, implicava o direito e a responsabilidade de portar armas. Após o nome do seu irmão Gaucerand aparece também a palavra *miles*. Este é um termo mais genérico para soldado. *Chevalier* designava mais especificamente a classe de oficiais.

Qual foi o cenário da ação do nosso drama? Situa-se na região conhecida como o Lauragais. Se pegar num mapa do departamento de Aude e traçar um retângulo aproximado e ligeiramente inclinado, desenhando linhas que liguem Castelnaudary, Carcassonne, Limoux e Mirepoix, estará a abranger os principais locais. Dentro desta área incluem-se Fanjeaux, Montréal, Mazerolles e Laurac. Toda a zona tem cerca de trinta quilómetros de oeste para leste e um pouco menos de norte para sul.

Ela contém — e confina com — os topónimos repetidos constantemente nesta história. Dentro do retângulo estão Fanjeaux, a terra natal de Roger; Laurac, a casa do seu amigo Roger; Mazerolles, que pertencia à família do mesmo nome e onde Fabrissa deu abrigo a hereges; e Montréal, onde ela dirigia uma dessas casas cátaras para mulheres que tinham alguma semelhança com conventos. Fanjeaux e Montréal foram ambos sitiados e palco de terríveis combates.

A Sra. Smith deu-nos uma descrição vívida do cerco de Fanjeaux. Gaja, a principal posse da família de Mazerolles, fica a dois quilómetros a oeste da linha Castelnaudary–Mirepoix. St. Papoul, onde os dois Rogers foram capturados, fica, em linha reta, a cerca de quatro milhas a norte da estrada de Castelnaudary para Carcassonne. Avignonet, cenário do massacre dos inquisidores, fica a oeste e ligeiramente a norte de Castelnaudary. Dista desta localidade cerca de catorze ou quinze milhas.

O simples facto de tanta ação ocorrer dentro desta área limitada é mais uma prova da veracidade da história da Sra. Smith. Nesta pequena região estavam reunidas as famílias que ela conhecia e com quem convivia. O facto de as famílias heréticas de Fanjeaux, de Mazerolles, de Laurac e de Feste terem sido tão ativas nesta região deve também influenciar a nossa atitude em relação a outros lugares mencionados pela Sra. Smith. Por exemplo, Montbrun e Montgaillard entram nesta história. Ora, existem lugares com estes nomes em redor dos Pirenéus Orientais: o primeiro a menos de trinta quilómetros a leste de Carcassonne e o segundo a uma

distância ligeiramente maior a sudeste dessa cidade. Ao mesmo tempo, existem dois lugares com os mesmos nomes mais perto de Toulouse, na zona de Foix. Qual destes dois pares devemos escolher? Não creio que seja necessário ser demasiado preciso. Os quatro lugares situavam-se em centros saturados de heresia. O Montgaillard a sudeste de Carcassonne situa-se nas Corbières, na cadeia de colinas áridas onde a nobreza proscrita ofereceu a sua resistência final, que terminou com a queda do castelo de Quéribus em 1255, isto é, onze anos após a rendição de Montségur.

Outra razão muito forte para optar por Montbrun e Montgaillard na área a leste de Carcassonne é que o amigo de Roger, Mir de Camplong, vivia nessa região. Camplong fica a pouco mais de cinquenta quilómetros, em linha reta, de Fanjeaux, a casa do seu amigo Roger.

Não tenho qualquer recordação consciente do meu papel no século XIII. Ao mesmo tempo, as Corbières — as colinas duras e rochosas que constituem os Pirenéus Orientais — afetam-me como nenhuma outra paisagem alguma vez me afetou. A terra parece-me viva. Tenho sentimentos semelhantes, embora menos intensos, pela paisagem ondulada que inclui Montréal, Mazerolles e os outros centros mencionados pela Sra. Smith. Há muitas pessoas a escrever livros sobre reencarnação que veriam nisto uma prova, mas, como estou a abordar esta tese como um historiador amador, contentar-me-ei em chamar-lhe amor por um certo tipo de paisagem, combinado com retrospetiva. Mas porque é que, em 1938, me senti de súbito e misteriosamente impelido por este tipo de campo, quando sempre insistira anteriormente nas altas montanhas alpinas e nos prados alpinos?

O principal argumento a favor de Montbrun e Montgaillard se situarem na vizinhança de Foix é que a Sra. Smith, quando visitou essa área, teve uma sensação de familiaridade consciente com ela. Este facto é de importância predominante, atendendo à espantosa exatidão, no seu conjunto, da sua memória longínqua. Isto aplica-se também ao epíteto de Roger, *de Grisolles*.[1] Temos de aceitar que é provável que ele tivesse propriedades na vizinhança de Toulouse. A Sra. Smith descreve-o como vivendo numa casa nessa vizinhança. Foi também nessa região que ele conheceu Puerilia pela primeira vez.

[1] Em 3 de outubro de 1969, o senhor Duvernoy perguntou-me se eu tinha a certeza de que a quarta letra deste nome era um S ou um F. Disse que, em manuscritos antigos, as duas letras eram difíceis de distinguir. Isto é um ponto interessante porque, na primeira menção deste lugar na sua carta de 10 de fevereiro de 1966, a Sra. Smith disse que não sabia se tinha escrito F ou S. No mapa de Cassini, produzido para fins militares para o Rei de França no século XVIII, encontra-se um lugar descrito como Grefeilhe, hoje Aigrefeuille, e no século XIII Grifoles, a quinze quilómetros a sudeste de Toulouse. O senhor Duvernoy salientou que isto não afeta a história, porque toda a área na vizinhança de Toulouse estava saturada de catarismo.

44

Quanto ao período da nossa história, este fica suficientemente estabelecido. O ponto alto do relato é, tanto lógica como historicamente, o massacre dos inquisidores em Avignonet. Afinal, foi o regresso de Pierre de Mazerolles desse acontecimento que forneceu a substância do principal pesadelo recorrente da Sra. Smith. O massacre ocorreu em 1242. Roger ainda se encontrava em liberdade nessa altura e estava nos seus finais dos cinquenta ou princípios dos sessenta.

O depoimento de Helis de Mazerolles e outras fontes deixam perfeitamente claro que ele e outros da sua geração, como Helis e Fabrissa, cresceram nos últimos anos do século XII e viveram a maior parte das suas vidas na primeira metade do século XIII. Helis, no seu depoimento, refere contactos com hereges desde, pelo menos, 1195. Nessa época, ela devia ser ainda jovem. É lamentável, mas não surpreendente, que não se conheça a data exata da morte de Roger; mas esperá-la, ao fim de sete séculos, seria exigir um pouco demais.

45

POEMAS

As secções imediatamente anteriores são as mais importantes do ponto de vista histórico e psicológico. Nelas, pudemos testar a validade das experiências da Sra. Smith e situá-las no seu devido enquadramento histórico. A secção que se segue é, por si só, fascinante, mas tem um interesse especial para o estudante de literatura. Por essa razão, o tema da poesia foi retirado do fio principal da narrativa e concentrado numa secção.

Numa das suas cartas, o professor Nelli perguntou se a Sra. Smith se lembrava de alguma poesia do século XIII. Chamou a atenção para o facto de que, naquela época, as pessoas tinham, mais do que hoje, a capacidade de memorizar aquilo que lhes era recitado ou cantado. Mencionei este pedido à Sra. Smith. Ela respondeu, numa carta datada de 29 de março de 1967: "Sim, tenho alguma poesia, mas apenas bocados do que o Roger costumava dizer. Escrevi-a num francês moderno muito mau e, nalguns casos, está em taquigrafia e em inglês. Eu não sabia muito francês nessa altura, por isso tenho quase a certeza de que as minhas traduções são más e imprecisas. Neste momento as minhas notas estão no sótão, cobertas por uma pilha de tralha. Quando conseguirmos pôr as coisas em ordem, tentarei encontrar a poesia."

Os poemas chegaram em dois conjuntos. A sua proveniência é interessante. Após a morte dele, alguns foram encontrados, com as suas classificações escolares, entre alguns pertences especiais que o pai guardava numa velha caixa de despacho. Parece extraordinário que o pai, um militar graduado, tivesse guardado com tanto cuidado poemas em francês medieval que, de um ponto de vista racional, deviam ser grego para ele. Talvez também ele tivesse memória longínqua. Era muito reservado quanto à sua ascendência francesa recente. A Sra. Smith só descobriu, após a morte dele, que tinha sangue francês nas veias. É muito lamentável que mais poemas tenham sido destruídos quando os seus pertences foram desfeitos.

No início de abril de 1967 recebi um exemplar da poesia. A Sra. Smith começou: "O Roger acreditava mesmo em exagerar no drama. Esta obra-prima tem uma segunda estrofe. Eu costumava ouvi-la de olhos brilhantes e achava-a maravilhosa. Isto é o que eu chamo romance!! Tenho andado a rir-me disto a manhã toda. O poema, incluindo a segunda estrofe, é o seguinte: —"

"Sous un castel qu'on appelle Mortier
En point d'heure et au grand beau lever
Les demoiselles y vont pour caracoler
Si les escuyers y vont pour monter
Si les chevaliers y vont pour regarder
Vont y les dames pour leurs corps remuer
Ma belle Peirone s'y est fait mener

Sils ont vetu un bliaut de cendal
Qui Grand Dieu entraine par les pres.
Je vous aime, vous n'aimez.

Si vienne Dieu les Maux sont remis
Florissent bois, les pres sont reverdis
Si vienne Paques les belles en Avril
Les douces nymphes rentraient a leur fil
Ma belle pucelle, acceptons la folie
Qui amour a, ne doit mettre en oublie
Souvent ill doit aller et venir
Je vous aime, vous m'aimez."'

Eis a minha tradução do poema.

Ao pé do castelo de Mortier
Ao nascer e ao pôr do sol
As donzelas vão de um lado para o outro
E os escudeiros vão cavalgando
E os cavaleiros vão ver
E as damas vão lá apanhar ar
A minha bela Peirone fez-se acompanhar
E então vestiram túnicas de fina seda vermelha
Aqueles que o Grande Deus conduz pelos prados.
Eu amo-te, tu amas-me.

Que Deus venha e os nossos pecados sejam perdoados
Os bosques florescem, os prados voltam a ficar verdes
Que venha a Páscoa, as belas damas em abril
As doces ninfas regressaram ao curso do rio
Minha bela donzela, aceitemos esta loucura
Quem ama não deve esquecer
Muitas vezes tem de ir e vir
Eu amo-te, tu amas-me.

Ora, o que podemos dizer sobre a origem deste poema? Podemos datá-lo com bastante facilidade. Em *French Lyrics*, selecionado e anotado pelo professor George Saintsbury, de Oxford, e publicado em Londres em 1906, encontramos o seguinte poema.[1] É muito semelhante ao recordado pela Sra.

Smith. Há certas diferenças, mas as semelhanças bastam para o classificar como pertencendo ao mesmo período.

Or vienent pasques les beles en avril
Florissent bois, cil pre sont raverdi,
Cez douces eves retraient a lor fil
Cil oisel chantent au soir et au matin
'Qui amors a, nes doit metre en oubli
Sovent i doit et aler et venir.'
Ja s'entramoient Aigline et li quens Guis
Guis aime Aigline, Aigline aime Guion.

Souz un chastel q'en apele Biaucler
En mout poi d'eure i ot granz bauz lever
Ces demoiselles i vont por caroler,
Cil escuier i vont por behorder,
Cil chevalier i vont por esgander,
Vont i cez dames por lor cors deporter
La bele Aigline si est fete mener:
Si ot vestu un bliant de cendel,
Qui granz deus aures trainot par les prez
Guis aime Aigline, Aigline aime Guion.

Quando foi escrito este poema? Ao comentar meia dúzia de líricas, das quais esta é uma, Saintsbury, uma autoridade de grande envergadura, diz: "As datas destes poemas não são exatamente determináveis, mas podem considerar-se entre 1150 e 1250. São todos anónimos, exceto 'L'Autrier en Mai', que é atribuído a um certo Moniot d'Arras." Isto encaixa exatamente nas recordações da Sra. Smith. A vida de Roger decorreu na primeira metade do século XIII. O poema pode ter sido escrito no seu tempo ou pouco antes. De uma forma ou de outra, encaixa na estimativa de Saintsbury.

[1] Encontra-se também em Karl Bartsch, Alt Französische Romanzen und Pastourellen.

Há certas diferenças a notar entre as versões da Sra. Smith e de Saintsbury. Para começar, as estrofes estão por ordem diferente. Qual é a versão correta? Por razões que descobriremos mais tarde, é difícil falar de versões corretas e incorretas em poemas de trovadores. Tudo o que se pode

dizer é que a versão da Sra. Smith é de longe a mais lógica. Os poemas de trovadores contêm muito frequentemente versos de teor religioso. O significado destes é muitas vezes oculto. Neste poema, isso é evidente. Na primeira estrofe da versão da Sra. Smith, as personagens estão sobretudo ocupadas com coisas mundanas. A única linha com teor religioso é a nona da primeira estrofe. Na segunda estrofe, o sentimento religioso intensifica-se. As últimas quatro linhas poderiam muito bem ter um significado esotérico. Esta suposição é, admito, pura especulação. Mas é uma característica inegável da poesia trovadoresca que até o que parece mais amoroso tenha um significado religioso escondido. Um trovador, referindo-se ao seu próprio poema de amor, diz: "Podes ir para onde quiseres. Eu vesti-te tão bem que serás compreendido por aqueles dotados de inteligência. Dos outros não precisas de te preocupar."

Para mim, a ordem das estrofes na versão da Sra. Smith faz mais sentido do que a citada pelo professor Saintsbury. A Sra. Smith recorda, de forma enfática, que as versões eram cantadas pela ordem que ela deu.

Talvez a diferença mais crucial entre os poemas seja que o da Sra. Smith contém um verso que não está presente na versão de Saintsbury. É o verso de abertura da segunda estrofe: "Si vienne Dieu les Maux sont remis", que significa "Que Deus venha e os nossos pecados sejam perdoados." Porque está ausente em Saintsbury e presente na Sra. Smith? Isto é um mistério total e excitante. Sabemos que este poema foi escrito entre 1150 e 1250. Terá, afinal, precedido a versão ouvida pela Sra. Smith? Teria Roger um sentimento de culpa em relação a ela? Terá ele acrescentado esse primeiro verso, ou seria apenas outra expressão do seu profundo sentimento religioso? Não podemos saber, mas este verso acrescentado coloca um problema fascinante.

A diferença seguinte, também significativa, é que na versão da Sra. Smith não se menciona o nome de nenhum homem. Só ouvimos falar de Peirone.[2] Na versão de Saintsbury, são mencionados os nomes de ambos os amantes. O nome do castelo também é diferente. Isto é fácil de explicar. Os trovadores adaptavam os seus poemas para se adequarem ao público. Sem dúvida teria havido uma Aigline e um Guis entre os que ouviam o trovador responsável pela versão de Saintsbury. Sem dúvida, o entretenimento teve lugar num castelo chamado Biaucler. Há também, inevitavelmente, diferenças de grafia entre as duas versões. Na Idade Média, os autores eram

mais livres no uso de grafias alternativas. É interessante que, na versão de Saintsbury, *eves* apareça no lugar de "ninfas". Suspeito que a referência a "ninfas" ou *eves* que regressam ao seu *fil* tem significado religioso. Certamente, *fil* deve ler-se como o curso de um rio e nada tem a ver com fiar. Também é preciso aceitar que *eve*, tal como *aigue*, transmite em francês antigo a ideia de fluxo de água.

Dissemos que muitas vezes existe um significado religioso oculto nos poemas de trovadores. No poema que discutimos, temos oito versos em que as pessoas estão à vontade e se comportam de forma frívola. Porque surge, de repente, no nono verso, a referência àqueles que Deus conduz pelos prados? Será a túnica de seda vermelha referida no verso anterior a simbolização de uma veste de significado espiritual? Tendo em conta estes fatores e considerando que a segunda estrofe da Sra. Smith tem uma abertura tão inequivocamente religiosa, será que a frase "Eu amo-te, tu amas-me", que surge no fim de cada estrofe, deve necessariamente ser entendida como uma simples declaração de amor humano?

Porque foi a Sra. Smith capaz de produzir estes poemas? Aos treze anos, muito decididamente, ela não aprendia francês medieval com frases em *Langue d'Oc*[3] na sua escola secundária local. Não se pode recorrer a explicações gerais como a inspiração. Forçando muito, uma rapariga desta idade poderia sentir-se inspirada a escrever poesia numa língua estrangeira, embora dificilmente com esta qualidade.

[2] Forma feminina de Peire, Pierre (Pedro).
[3] Ver mais adiante.

É, contudo, completamente impossível considerá-la como tendo uma inspiração específica para escrever em *Langue d'Oc* e em francês medieval. O seu conhecimento deste último, ainda hoje, é desprezível. Na carta que acompanhava o poema já citado, perguntou: "O que é, por exemplo, um *escuyer*?" Esta é a grafia antiga de *écuyer*, que significa escudeiro, isto é, auxiliar de um cavaleiro. Não é preciso conhecer francês medieval para saber que, em muitas palavras do francês moderno, o S desapareceu; por exemplo, *estait* passou a *était*. Ela até expressou surpresa por ter escrito *vous* como *vos*. Não é preciso saber muito francês, muito menos a variedade medieval, para saber que essa foi a forma de uso anterior.

A 27 de abril escreveu lamentando o facto de ter aprendido francês antes de registar as suas experiências. Referindo-se especificamente à poesia, disse: "Tenho a certeza de que estraguei a poesia ao escrevê-la em francês moderno. Não sei francês antigo nenhum, mas teria sido muito mais interessante se tivesse escrito algum." Claramente, mesmo nesta data tardia, ela não se apercebia de que o francês medieval e a *Langue d'Oc* se tinham infiltrado nos seus poemas. Escreveu: "Algum do francês é tão estranho e eu não consigo fazer grande sentido disso."

Este poema e os outros devem ter-lhe chegado por uma mistura de clariaudiência e memória longínqua. Em julho de 1969, escrevi-lhe uma carta sobre a ausência de pontuação nos seus poemas. A 29 de julho de 1969, ela respondeu, não só à minha pergunta, como também esclarecendo o modo de transmissão dos poemas: "Quanto à pontuação, receio que pouco possa ajudar, porque não faço a mínima ideia se escrevi os poemas sem pontuação por ser assim que eles me chegaram, ou porque senti que não havia necessidade, ou até se a omiti por pura preguiça ou ignorância. Foi tudo há tanto tempo e, honestamente, não me lembro. A única coisa segura sobre todo o assunto é que: a) eu os escrevi com grande facilidade; b) eu nunca tinha estudado francês antigo na altura em que foram escritos e, nessa fase da minha vida, mal conseguia escrever francês moderno. Nunca me ensinaram o primeiro e também nunca o estudei em anos posteriores."

Deve ficar claro que, no momento em que escrevo, a Sra. Smith não tem uma recordação exata dos poemas que anotou em jovem. Entregou-me o que restava do manuscrito original. Certamente não se pode dizer que esteja obcecada por este aspeto da sua experiência. Quando viu a versão de Saintsbury do seu poema "Sous un Castel", descreveu-a, numa carta de 14 de agosto de 1969, como "vagamente familiar" e acrescentou: "Não tenho uma cópia daquele que eu escrevi, por isso não estou propriamente em posição de o comparar." Isto é análogo ao caso de médiuns que não conhecem o conteúdo das mensagens que transmitiram.

Ela atribuía pouca importância à poesia e esta só lhe interessava por ter sido cantada por Roger. Este ano, ao relê-la, bem como outras líricas medievais do mesmo período, está disposta a admitir que tem encanto. O segundo poema, tal como todos os que se seguem, é também sobre o tema do amor.

POEMA 2

Si Beles ieuz, vairs et plaisons,
Plein de tres desbonaire ris
Me font amer si loyaument
Qui merveille est que je sois vif
Son corps vaut bien un paradis
Que veoir la pourrait souvent
Mais je vos dis veraiement
Que trop en suis arriere mis
Si m'en dement.'

Eis a minha tradução.

Olhos tão belos, mutáveis e sedutores
Tão ricos de riso incessante
Despertam em mim um amor tão constante
Que me admiro de ainda viver
Para os que a veem com frequência
O seu corpo é, de facto, um paraíso
Mas digo-vos com verdade
Estou tão abandonado
Que a minha mente adoece

Este pequeno poema tem uma beleza cortante e concisa que é impossível transmitir em inglês. Qualquer pessoa com algum conhecimento de francês verá que, embora eu sustente que extraí corretamente a essência do poema, não lhe dei uma tradução estritamente literal. Nem o fiz no caso dos outros poemas. Considerei-os suficientemente belos para me imporem o dever de os verter para inglês tão felizmente quanto possível, dentro dos limites das minhas modestas capacidades.

O poema seguinte é o preferido da Sra. Smith. É pequeno, belo e como que engastado de joias. Não se consegue transmitir, em tradução, o seu efeito polido. Ao enviá-lo, ela disse: "Não consigo fazer muito sentido disto, mas é possivelmente o mais interessante de todos os bocados e peças que temos. Estranho que os únicos que escrevi em francês antigo estivessem na posse do meu pai. Nunca saberei porque os guardou. Estava num estado muito confuso quando o encontrei — coberto de muitos

rabiscos e desenhos a lápis verde. Achei interessante ver que escrevi Roger como ‘Rogier’. Não o fiz noutro lado.”

POEMA 3

Je vos ameroie Rogier
Et vos mi donroie
Senture ferree d’argent
Jhesus ke ferai?
Je voi bien tuit perdu ai

Dieus con si ait biauz bois
Li rosignors i chante
La mavis la callandre
Li orious tuit li oisel ki sont

Ou bois sor la violete
Ki tant ait doucete
Et jone pucelete
Suis si pris
Tuit fis la foliete
La soie merci.
Reposon nous.

Eis a tradução do poema 3. Neste poema dou versões alternativas para a segunda metade da segunda estrofe. As minhas razões serão apresentadas imediatamente após cada tradução.

Eu amar-te-ei, Roger
E tu dar-me-ás
Um cinto cravejado de prata
Jesus, que farei eu?
Vejo bem que tudo o que eu tinha está perdido

Deus, como o bosque é belo
Aqui cantam os rouxinóis
Os tordos, as cotovias
Os papa-figos e todo o coro de aves
Nas árvores, sobre as violetas
Que têm tanta doçura
E as jovens donzelas

Tão perto de mim
Brincam como crianças
Perdidas no contentamento do coração
Descansemos.

Não há dúvida: este poema é difícil de traduzir. É como talhar um diamante dentro do carvão. Ao traduzir este e os outros poemas, há certos pontos que temos de ter em mente. Primeiro: em francês medieval e em *Langue d'Oc*, o significado de algumas palavras e expressões é matéria de conjetura, mesmo para especialistas. Segundo: é preciso lutar com a forma extremamente condensada dos poemas trovadorescos. Tinham de ser escritos dentro dos limites de certas convenções. O poeta tinha de comprimir o seu sentido — muitas vezes de natureza esotérica — numa pequena estrutura pré-fabricada. Terceiro: deve lembrar-se que, em certa medida, o registo destes poemas pela Sra. Smith é fonético. Ela anotava-os de ouvido. Para ela, os rouxinóis "*chante*". Não "*chantent*", porque a terminação "*ent*" não se pronuncia em francês.

Na minha primeira versão da segunda estrofe, traduzo a frase *Tuit fis la foliete*, tomando *foliete* como a palavra-chave, para transmitir que toda a gente anda a brincar, a fazer disparates. Mas, igualmente, pode dizer-se que o verso anterior, "*Suis si pris*", significa "estou tomado", isto é, possuído pelo amor. Ora, *foliete* é também a palavra provençal para folhagem; nesse caso, "*La soie merci*" é uma expressão de agradecimento pela cobertura oferecida pelas árvores. É claro, pela primeira estrofe, que ela e Roger estiveram a fazer amor. Não é provável que houvesse outras donzelas nas imediações. Os hábitos amorosos do Languedoc do século XIII eram mais requintados do que os da Grã-Bretanha moderna. Proponho, portanto, a seguinte tradução alternativa para a segunda estrofe:

Deus, como o bosque é belo
Aqui cantam os rouxinóis
O tordo, as cotovias
Os papa-figos e todo o coro de aves
Nas árvores, sobre as violetas
Que têm tanta doçura
Eu, na suavidade da donzelia
Assim estou possuída

Tudo é sombra sob a folhagem
Sejamos agradecidos e descansemos.

A esta altura, temos uma descoberta excitante. Sabendo que eu estava a escrever uma secção sobre estes poemas, a Sra. Smith procurou na biblioteca local, para ver se conseguia descobrir alguma das seis peças que tinha anotado, à maneira de um médium espiritualista, um quarto de século antes. Conseguiu encontrar *Abbott's Early Mediaeval French Lyrics*, mas falhou uma passagem minúscula de grande interesse. Surge na quarta estrofe do poema 50 da coletânea. Este poema é classificado como uma *pastourelle* de origem picarda. A passagem diz: —

Je vos ameroie
belle, et si vos donroie
Senture ferre d'argent.

Esta é a única semelhança com o poema da Sra. Smith, numa *pastourelle* de cinco estrofes, cada uma com oito versos. A diferença é que o Roger do poema da Sra. Smith não é mencionado. Em vez disso, encontra-se no refrão de cada estrofe o nome Robeson, traduzido como Robin. Mais uma vez, podemos concluir que o nome foi inserido para se adequar ao público, que poderia incluir alguém chamado Robeson. Em alternativa, uma pessoa com esse nome poderia ser bem conhecida dos presentes.

Mas porquê, como no poema da Sra. Smith, a repetição de:

si vos donroie
senture ferre d'argent.

O cinto cravejado de prata poderia muito bem ter um significado esotérico. No século XIII acreditava-se amplamente que os Perfeitos cátaros usavam um misterioso cinto junto à pele, mas é provável que isto não passasse de uma superstição católica. Este poema, quase na sua totalidade, foi-me descoberto por um amigo francês em *Recueil d'Anciens Textes*, de Paul Meyer, e foi-me entregue a 7 de outubro de 1969. O poema é de Raimbaut de Vacqueiras. Este trovador é mencionado pelo menos seis vezes na obra clássica do professor Nelli, *L'Erotique des Troubadours*. O período coincide na perfeição, 1155–1205. Roger, com os seus interesses e a sua formação ligados aos trovadores, devia estar familiarizado com a sua poesia.

Como acontece tantas vezes na poesia trovadoresca, encontra-se uma versão alternativa da segunda estrofe do poema tal como citado por Meyer. Esta estrofe termina assim: —

Ki tant est sadete
la pucelete
Suis si pris
Dous ami
Reposon nous.

Sadate, que significa agradável, deleitoso, etc., é usado em vez de *doucete*, como na versão da Sra. Smith. Não há adjetivo a acompanhar *pucelete* (donzela) e "Tuit fis la foliete" é omitido. O poema é, contudo, sem sombra de dúvida, essencialmente o mesmo que o favorito da Sra. Smith. Mademoiselle Lamé, que encontrou este poema para mim na coletânea de Meyer, assinala que "Suis si pris" pode ser traduzido tanto como "Estou perto" como "Estou tomado".

O quarto poema é visto pela Sra. Smith com uma mistura de afeição e desdém. Roger costumava cantá-lo, mas ela não pensa que ele o tenha escrito, "porque era cantado em muitos lugares por pessoas diferentes". Ela despacha-o como uma canção popular do século XIII. Enviou-mo com esse título. Escreveu sobre ele: "As canções pop medievais não eram melhores do que as que temos hoje." Eu não concordo, embora não aprecie este poema tanto quanto os outros.

POEMA 4

Amie, mon envie
Est gente, bellette,
Jeunette, gentillette
Pour si doux plaisir.
Votre bouchette
Vermeillette,
Riante et amoureuse
M'en donne desir
Votre mamierette

Doucette,
Simple, plaisante, joliette,
M'en donne desir.

A minha tradução é a seguinte:

Meu amor, doce alvo do meu desejo
És gentil, bela,
Jovem e meiga,
Para tão profundo prazer.
A tua boquinha cor de rosa,
A rir e a amar,
Desperta o meu desejo.
Os teus ternos olhinhos,
Simples, encantadores e atraentes,
Despertam o meu desejo.

O número de diminutivos terminados em *-ette* neste poema é característico da poesia trovadoresca. São também típicos do verso francês medieval inicial, embora, neste último, tais formas tendam a surgir um pouco mais tarde do que o período de que estamos a tratar. Isto é fácil de entender, pois a poesia trovadoresca foi um desenvolvimento pioneiro no que respeita à civilização europeia. No entanto, elas ocorrem no verso francês medieval já na primeira metade do século XIII. Um poema de Colin Muset, que viveu no leste de França na primeira metade do século XIII, ilustra claramente esta paixão pelos diminutivos e por terminar versos consecutivos com eles.

O poema de Muset é o seguinte:

Sospris sui d'une amorette.
D'une jone pucelette
bel est et blonde et blanchette
Plus que n'est une erminette
Sa la color vermeillette
Ensi com une rosette.

Numa carta de 22 de julho de 1969, a Sra. Smith revela o seu constante escrúpulo e a sua capacidade de autocrítica. Ela está também sempre a admitir explicações alternativas, que não a memória longínqua, para explicar aquilo que lhe foi revelado. A sua carta diz: "É claro que a maioria dos poemas é do mesmo tipo dos de Roger — amor e religião sendo os temas principais. A canção pop, por exemplo — qualquer um dos que se seguem soa terrivelmente como ela." Em seguida, ela cita o poema

de Muset e outros dois. Estas semelhanças são ainda mais prova da veracidade das suas experiências. São provas convincentes de que as canções cantadas por Roger eram poesia trovadoresca genuína do século XIII.

Há, no entanto, ainda melhor para vir. Em *French Lyrics*, de Saintsbury, encontramos um poema de Jehannot de Lescurel intitulado *Love's Reasons* e contendo frases quase idênticas às da canção pop da Sra. Smith. Compare-se o de Lescurel: "Car vo bouchette / Vermeillette / Rians et amoureusette / Fait que, sans partir." com o da Sra. Smith: "Votre bouchette / Vermeillette, / Riante et amoureuse / M'en donne desire." Noutro verso de de Lescurel a comparação é ainda mais próxima: "Vo manierette / Joliette, / Simple, plaisans, faitissette / M'en donne desir." Compare-se isto com a Sra. Smith: "Votre manierette, / Doucette, / Simple, plaisante, joliette / M'en donne desir."

Ao comentar de Lescurel, o professor Saintsbury diz: "A data e a personalidade de Jehannot de Lescurel são completamente desconhecidas, mas a primeira deve situar-se por volta da primeira metade do século XIV. Os seus poemas têm grande doçura e melodia. O segundo (isto é, *Love's Reasons*, de onde citei) mostra uma prodigalidade de diminutivos que continuou a ser uma característica da poesia francesa até à ocultação da Pléiade." A primeira metade do século XIV é tarde demais para Roger, mas a estimativa de Saintsbury é apenas aproximada e isto não afeta a questão. Mais uma vez, temos o fenómeno de um autor tomar emprestado de outro e a transposição de formas quase fixas de um poema para outro. Emendas e readaptações dos mesmos poemas continuaram por pelo menos um século. A Sra. Smith, na sua carta de 29 de julho de 1969, citou Abbott dizendo: "Houve muitos versificadores que, por lucro ou reputação, escreviam de segunda mão. Esta é uma doença não confinada aos trovadores."

Aquilo que Roger cantava poderia muito bem ter sido uma edição anterior do poema de de Lescurel. Devemos lembrar-nos sempre de que a poesia dos trovadores do Languedoc e da Provença precedeu a dos poetas de outras partes de França. Em todo o caso, temos novamente um exemplo do vício trovadoresco pelos diminutivos.

O quinto exemplar é um encantador poema de amor. Dos seus nove versos, oito terminam em *-er*. O uso de tais formas fixas é típico da poesia trovadoresca.

Amie, la nuit je me mais révasser
En dormant vous crus embrasser
Et quand je le fais au reveil
Nul rien ne m'y put aider
Lors me reprends a vous souhaiter.

Belle douce amie, ne vous sais louanger
Mais de fin de coeur je vous aime et sans tricher
Quand vous plaira, si me pourrez baiser
Entre vos bras me vouloir aller coucher.

A tradução é a seguinte:

Meu amor, sei que, de noite, em sonhos,
Senti, a dormir, os meus braços à tua volta,
E depois, ao despertar, volto a envolver-te,
Com o regresso da minha ânsia;
Nada consegue acalmar a minha dor.

Doce e gentil senhora, elogiar-te está para além de mim.
Mas do fundo do meu coração amo-te sinceramente,
Quando te aprouver, poderás beijar-me,
E eu desejarei voltar a dormir nos teus braços.

Nas traduções aqui inseridas, introduzi, aqui e ali, uma pontuação mais do que mínima, por clareza. Tal como me foram apresentadas pela Sra. Smith, a pontuação era quase inexistente. Também, em uma ou duas ocasiões, alterei a ordem dos versos, porque, assim, os poemas soam melhor em inglês.

O sexto poema merece atenção especial. Partes dele são soberbas. É mais longo do que os outros, menos deste mundo, e o seu conteúdo religioso é claro e evidente. Coloca, de forma pungente, o conflito entre a carne e o espírito no coração de um amante com vocação sacerdotal. Este poema interessa-nos mais pessoalmente porque a Sra. Smith se preocupa especialmente com ele, pois contém um topónimo. Uma vez decidida a contar a sua história, ela estava sempre preocupada com onde tinha vivido e com a verificação dos nomes dos lugares e das pessoas.

Este poema contém os versos:

"Bon Grand Dieu par égard pour vos
Quitte Terride on est celle qui j'aime si."

Nestes versos, o poeta lamenta ter de deixar Terride. A Sra. Smith escreveu-me, a 25 de abril de 1967, dizendo que sentia que, em certa altura, vivia algures a sul de Foix, perto de Montbrun. Isto seria na zona do Montgaillard (não o local nos Pirenéus Orientais) onde ela teve uma sensação definida de recordação quando o visitou. Sentia que deixou esse lugar para ir viver noutro sítio com Roger. Perguntava-se para onde teria ido nessa ocasião e pensou que esse lugar poderia ser Terride — "se", como continuava na carta, "tal lugar existe, mas não o consigo ver no mapa. Seria maravilhoso se eu pudesse descobrir um lugar Terride perto de Fanjeaux, mas não tenho essa esperança".

Pouco tempo depois, recebi outra carta dela. Estava desapontada porque as suas diligências em França não tinham produzido notícias de Terride. Tinha descoberto que devia ter existido uma propriedade de Terride há 700 anos, porque havia, nessa época, um Arnaud, *Vicomté de Terride et de Gimoes*. Ele tomou o apelido de Verdun, que é muito perto de Grisolles. A Sra. Smith não precisava de ter ficado desapontada. Mais tarde provou-se que tinha razão. Soube no início de 1968, pelo senhor Duvernoy, que Terride ficava, de facto, na propriedade de Mirepoix. A palavra Terride parece ter sido usada cedo na história, no século XIII, ou mesmo antes. A *L'Histoire de Languedoc*, de Dom Vaissette, menciona um castelo com esse nome. Terride foi também usado mais tarde, após as cruzadas albigenses, quando as terras dos senhores cátaros de Mirepoix passaram para as mãos da família usurpadora de Lévis.

A Sra. Smith disse que seria maravilhoso, mas mais do que esperava, se conseguisse encontrar um lugar Terride perto de Fanjeaux. A distância em linha reta entre Terride–Mirepoix e Fanjeaux é de cerca de dezassete quilómetros. No livro de Adelin Moulis, *L'Ariège et ses Châteaux Féodaux*, capítulo VIII, intitulado "Canton de Mirepoix", o subtítulo é "Mirepoix ou Terride". Em frente à página 98 da mesma obra há uma fotografia com o título "Mirepoix: restos da capela do castelo de Terride."

POEMA 6

Douce amie, j’ai au coeur grande douleur
Quand il convient enfin de vos partir
Chez qui j’ai trouvé tant de grace, tant de douceur
Joie et confort, tout a mon plaisir
Mais la fortune a fait par sa puissance
Changer ma joie en tristesse et en pénitence
Que souffrirai pour vos mainte nuit et maint jour
Ainsi je dois servir mon Créateur
Mais je n’ai pas en moi tant d’abstinence
Cent fois la nuit je me rappelle vostre semblance
Tant je me plais a vostre corps tenir
Quand me V'aurai pas je mourrai de désir
Bon grand Dieu par égard pour vos
Quitte Terride ot est celle que j’aime si
Vos nous accordez en ciel joie toujours
M’amie et moi par la vostre merci
Et lui accordez de moi amour puissance
Pour qu’elle ne m’oublit pas durant ma longue absence
Car je Vaime plus que rien qui soit au monde
J’en ai de la peine tel que le coeur m’en fond
Belle Peirone, pour tout Dieu vos: commande
Je ne puis plus avec vos demeurer
Je dois pour amour de Dieu aller
Pour sauver les dmes je vais en bonne entente
Mais sachez bien, amie belle et gente
Que tout comme fleur ndit de lente
Ndit le grand désir de vos qui me tourmente
Quand s’en revient douce amie, je puis jurer
Que c’est pour vos garder et honorer.

Eis a tradução do Poema 6.

Doce amiga, trago no coração uma grande dor
Quando chega, enfim, a hora de me separar de vós,
De vós, em quem encontrei tanta graça e tanta doçura,
Tanta alegria e conforto, até ao limite do meu desejo.
Mas a fortuna, pela sua força,

Transformou a minha alegria em tristeza e penitência,
E por vós sofrerei muitas noites e muitos dias;
Assim devo eu servir o meu Criador.
Mas não tenho em mim tamanha abstinência:
Cem vezes, de noite, evoco a vossa imagem;
Tanto me deleito em ter o vosso corpo nos meus braços
Que, na sua ausência, morrerei de desejo.
Bom Deus, é por vós
Que deixo Terride e aquela que tanto amo;
Concedei-nos, no céu, alegria para sempre,
À minha amada e a mim, pela vossa mercê;
E concedei-lhe, por mim, poder de amor,
Para que ela não me esqueça durante a minha longa ausência;
Pois amo-a mais do que tudo o que há no mundo,
E disso tenho tal pena que o coração se me desfaz.
Bela Peirone, por tudo o que Deus vos inspira, ordenai:
Já não posso permanecer convosco;
Por amor de Deus, devo partir,
Para salvar almas vou em boa intenção;
Mas sabei bem, amiga bela e gentil,
Que, tal como a flor nasce do botão,
Nasce o grande desejo por vós que me atormenta;
E quando eu voltar, doce amiga, posso jurar
Que é para vos guardar e honrar.

Este poema parece-me o mais impressionante de todos. Pode carecer da qualidade lírica de *Amie, la nuit je me mais révasser*, mas, como expressão da luta interior de um homem, é convincente e bela. Se parecer que alguns dos sentimentos expressos são banais — e a mim não me parecem — deve lembrar-se que tal poesia era produzida no século XIII. Onde mais, na Europa dessa época, se produzia poesia assim? Noutras civilizações europeias, o verso deste período, comparado com a poesia trovadoresca, assemelha-se aos primeiros passos pesados de um cavalo de carroça postos à prova contra os movimentos flexíveis, mas disciplinados, de um puro-sangue.

Numa das suas cartas, a Sra. Smith fez os seguintes comentários sobre este poema: "É um bocado para o lado religioso — sobre salvar almas e deixar-me por causa do dever para com o seu Criador!! Ele chamava-me

Puerilia, mas Peirone é mencionado várias vezes nas canções ou poemas, ou seja lá como se lhes deva chamar." Peirone estava entre os nomes femininos comuns no Languedoc do século XIII. Guiraud refere uma Perfeita chamada Peirona (ou Peirone) de la Mote. Há também noutro local uma referência a uma mulher chamada Peirone e à sua filha, ambas vítimas da Inquisição.

A proliferação de diminutivos, as terminações comuns — na maioria em *-er* — em grande parte dos versos, a forma geral dos poemas e a descoberta de que fragmentos deles reaparecem em líricas francesas antigas de outras fontes, estabelecem estes poemas como produtos trovadorescos do século XIII. Temos ainda mais provas quanto à sua origem.

O uso de *ki* em vez do francês moderno *qui* e de *ke* em vez de *que* ajuda-nos a situar os poemas nos séculos XII e XIII. *Ki* e *ke* ocorrem na versão da *Chanson de Rolande*, descrita como Manuscrito Digby 23 na Bodleian Library de Oxford. Este manuscrito foi escrito no século XII. A sua língua é descrita pelo seu editor, F. Whitehead, como francês ocidental do início do século XII. É certo que a data da nossa história é mais tardia, mas não há necessidade de supor que usos como *ki* e *ke* tenham durado apenas um século. Além disso, devemos lembrar-nos de que Roger cantava canções não necessariamente do seu próprio tempo.

Nos poemas da Sra. Smith, Jesus e Roger são escritos *Jhesus* e *Rogier*. Estas são grafias da *Langue d'Oc*, mas também poderiam ser francês antigo. Nos poemas há outros substantivos com grafias arcaicas. *Rosignor*, que significa rouxinol (francês moderno *rossignol*), é uma variação da forma provençal antiga padrão *rosinhol*, mas formas alternativas terminadas em *-or* também são possíveis em catalão antigo e em francês. Do mesmo modo, *tuit* é uma variação provençal de *tots*, isto é, *tous*, significando "todos", mas também ocorre em francês antigo.

Nos poemas da Sra. Smith, sempre que há uma forma arcaica que pode ser entendida tanto como *Langue d'Oc* como francês antigo, devemos optar pela primeira. Isto porque, para além destes poemas, nas suas notas de colegial a Sra. Smith escreveu *meire* em vez de *mere* (mãe) e, na sua primeira referência a Pierre de Mazerolles, o seu nome próprio surge grafado *Peire*. Em *Meire* e *Peire* ela está claramente a usar a sua língua nativa. É, portanto, razoável supor que os arcaísmos nos seus poemas são *Langue d'Oc* e não francês antigo. Não foi por acaso que, no início desta

história, fui conduzido à casa do Sr. H., onde conheci pela primeira vez o Lama tibetano e onde uma campainha soou na minha memória quando peguei num exemplar de *Albigeois et Cathares*, de Fernand Niel. Porque razão o Sr. H. — imagine-se, um professor de Física numa escola pública — teria aprendido sozinho provençal anos antes?

Um dos vestígios mais marcantes da *Langue d'Oc* nos poemas da Sra. Smith é a palavra *foliete*, que significa "folhagem" em inglês. A palavra em provençal é *folhet*. Em francês seria *verdure*. A palavra *caracoler*, que aparece em *Sous un castel qu'on appelle Mortier*, é também interessante. Significa passear, deambular, e é de origem catalã. Como tal, estaria em uso no Languedoc na Alta Idade Média.

Não pode haver dúvidas de que estes são poemas trovadorescos do século XIII. Sabemos que Fabrissa de Mazerolles, Blanche de Laurac e outros foram protetores bem conhecidos dos cátaros. É aceite que as grandes casas notórias pela sua simpatia ao catarismo eram, essencialmente, as mesmas que acolhiam trovadores. Está fora do âmbito deste livro discutir até que ponto o catarismo e a filosofia incorporada em muitos poemas trovadorescos se relacionavam entre si, mas não há dúvida de que tal ligação existia.

Nesta história, não precisamos de insistir na questão das afinidades entre a poesia dos trovadores e a doutrina e filosofia cátaras. Já sabemos que Guillaume de Durfort — cujas ruínas do castelo a minha mulher e eu encontrámos, por assim dizer, por acaso — era simultaneamente um cátaro praticante e um poeta trovador. Costuma dizer-se que, provavelmente, quatro ou cinco dos trovadores famosos foram cátaros, mas o julgamento exigente do professor Nelli só permite que esta dupla qualificação esteja verdadeiramente estabelecida num único caso: Guillaume de Durfort. Este homem era avô de Roger. De todas as famílias do Languedoc, a de Roger era, mais do que qualquer outra, a que melhor o colocava para lhe oferecer uma oportunidade de ouro de expressar simultaneamente os seus interesses poéticos e o seu catarismo.

É quase certo que os poemas transmitidos através da Sra. Smith eram melodias populares do seu tempo. (Tenho a sensação de que *Douce Amie* não se enquadra nesta categoria e que a sua origem é diferente, mas, ao dizer isto, estou a apoiar-me na intuição e não em provas concretas.) A Sra. Smith partilha esta opinião. A 3 de agosto de 1969, escreve: "Seriam os

poemas/canções do Roger baladas populares da época? O facto de os nomes e os lugares serem diferentes é completamente irrelevante." (Ela refere-se às diferenças observadas nos poemas recolhidos por Abbott e Saintsbury.) "As pessoas podiam facilmente ter mudado estas coisas para se adaptarem a si próprias. Isso explicaria também porque, em muitos poemas, o mesmo verso ocorre. Afinal, encontra-se isto em baladas populares de hoje — quero dizer coisas do género 'a lua é azul e eu também'. Se ouço uma balada sentimental, muitas vezes não tenho dificuldade nenhuma em cantar algumas linhas ou em trautear a melodia sem ter ouvido previamente a canção. Isto não é por eu ser muito esperta, mas apenas porque as melodias são muitas vezes muito semelhantes a outras canções que já ouvi, e as palavras seguem um padrão fixo e são relativamente óbvias." Qualquer pessoa familiarizada com a poesia trovadoresca dos séculos XII e XIII perceberá o que ela quer dizer com "padrões fixos".

O parágrafo anterior contém as opiniões da Sra. Smith. O que é mais importante para nós são as suas memórias. Quanto à autoria de qualquer poesia, ela tem a certeza de que nunca viu Roger a escrever. Tem outros factos para transmitir de interesse ainda maior. Numa carta datada de 3 de agosto de 1969, escreve: "Os anos embotaram-me a memória e já não consigo lembrar-me de nenhuma das melodias. Há anos, por vezes, dava por mim a trautear 'as melodias do Roger' e, se houvesse outras pessoas por perto, o efeito era sempre o mesmo — um pedido para cantar algo com mais ritmo e mais melodia!!! Digo, sem vaidade, que cantava bem em miúda,[4] por isso é bastante seguro que eu estava a reproduzir essas melodias exatamente como as lembrava e, no entanto, essas canções saíam como lúgubres lamentos. Pergunto-me porquê. Pensar-se-ia que os trovadores teriam produzido melodias facilmente lembradas, fáceis de cantar, fáceis de dançar. Pergunto-me se as palavras eram mais importantes do que a melodia."

[4] Ela costumava cantar em público.

A minha segunda filha, professora de música por profissão, diz-me que a música trovadoresca que ela ouviu é, pelos nossos padrões, melancólica e monótona. Tenho a sensação de que a Sra. Smith tem razão, como costuma ter. Certamente, o que ela diz sobre as palavras serem mais importantes do que a melodia é irrefutável. Isto é inevitável, tendo em

conta que tantos poemas trovadorescos eram da natureza de enigmas e concebidos para terem um significado oculto.

Gostaria que fosse possível ser mais preciso quanto à autoria de todos estes poemas. Podem, em parte, ter sido obra de poetas contemporâneos de Roger. E, claro, não devemos deixar o avô de Roger, Guillaume de Durfort, fora da equação. Não é razoável, com base nas provas, arriscar sequer um palpite, mas ele pode muito bem ser um candidato plausível a essa honra. Refletir sobre a autoria destes poemas é absorvente, mas é mais fascinante recordar a forma como foram transmitidos.

Si beles ieuz está escrito no verso de um relatório elaborado pela professora de História da Sra. Smith sobre o seu trabalho. Ter-se-á ela apercebido de que a Sra. Smith andava ocupada com outra História? *Je vos ameroie Rogier* enfeita o verso de um documento impresso com o cabeçalho "English — Progress Test No. 12". Esta missiva instrutiva pede à aluna que indique as obras em que as personagens seguintes aparecem e que diga o nome do autor em cada caso. As personagens são o Sr. Pecksniff, Lady Psyche, Macduff, Prospero, Touchstone, Laertes e Amyas Leigh. Nada muito avançado, mas adequado para uma rapariga nos seus primeiros anos de adolescência. Pergunto-me o que teriam pensado as autoridades se tivessem descoberto a Sra. Smith na sua outra ocupação.

BIBLIOGRAFIA Esta bibliografia não é, de modo algum, completa. As obras mencionadas são também de qualidade desigual. As melhores autoridades contemporâneas são mais fiáveis do que as obras dos seus eminentes predecessores. Por exemplo, embora a *History of the Inquisition in the Middle Ages*, de Guiraud, seja justamente considerada uma obra de referência, contém, como notou Duvernoy, numerosos erros de facto. As suas falhas de interpretação, decorrentes da abordagem não intuitiva do autor ao catarismo, são claramente evidentes.

Entre a massa de literatura contemporânea sobre o catarismo, os nomes de Nelli, Duvernoy e Roché são preeminentes. Nelli é provavelmente o maior expoente vivo da metafísica do catarismo, além de ser uma autoridade reconhecida em poesia trovadoresca. Roché está mais preocupado com os aspetos transcendentais do catarismo e com as suas afinidades com a filosofia do maniqueísmo e dos primeiros Padres gnósticos cristãos, como Orígenes. É também o principal dinamizador dos valiosos *Cahiers d'Études Cathares*, publicados trimestralmente. Duvernoy

é, destacadamente, a autoridade mais fiável quanto à história de base do catarismo, e a sua dissecação metódica de documentos originais contribuiu grandemente para o nosso conhecimento. Obras destes três autores estão incluídas na bibliografia e devem ser recomendadas acima de todas as outras.

De autores mais antigos, além de Guiraud, pode recomendar-se a *History of the Inquisition in the Middle Ages*, de Lea, e a *Histoire et Doctrine de la Secte des Cathares ou Albigeois*, de C. Schmidt.

Não conheço, em inglês, uma história razoavelmente completa e informativa do catarismo. Existem livros sobre o dualismo em geral e sobre o maniqueísmo em particular, mas nenhum dedicado especificamente aos cátaros. Estes são, contudo, tratados com rigor e intuição em *The Holy Heretics*, de Edmond Holmes, um escritor lúcido e elegante, com boa perceção do tema que estuda, mas infelizmente pouco conhecido.

Aconselha-se o leitor a abordar com cautela as obras contemporâneas de ficção cujo tema seja o catarismo. Algumas delas assentam em equívocos grosseiros e muitas vezes perversos sobre a filosofia e os objetivos dos cátaros. As obras populares de Zoé Oldenbourg são excelentes.